

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE  
(PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA)**

---

**A TRAJETÓRIA DE TREINADORES DE FUTEBOL CAMPEÕES BRASILEIROS:  
Análise das implicações da formação na atuação profissional**

GUILHERME AUGUSTO TALAMONI

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade.

**Agosto - 2013**

**GUILHERME AUGUSTO TALAMONI**

**A TRAJETÓRIA DE TREINADORES DE FUTEBOL CAMPEÕES BRASILEIROS:  
Análise das implicações da formação na atuação profissional**

**ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. DAGMAR HUNGER**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade.

**Rio Claro  
Agosto - 2013**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
CAMPUS DE RIO CLARO  
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS DE RIO CLARO

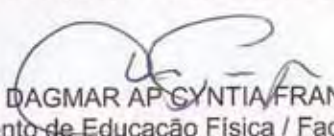
**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

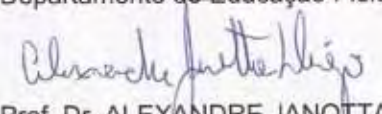
**TÍTULO:** A trajetória de treinadores de futebol campeões brasileiros: análise das implicações da formação na atuação profissional

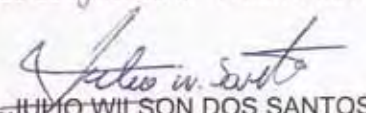
**AUTOR:** GUILHERME AUGUSTO TALAMONI

**ORIENTADORA:** Profa. Dra. DAGMAR AP CYNTIA FRANCA HUNGER

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de MESTRE EM CIÊNCIAS DA MOTRICIDADE, Área: PEDAGOGIA DA MOTRICIDADE HUMANA, pela Comissão Examinadora:

  
Profa. Dra. DAGMAR AP CYNTIA FRANCA HUNGER  
Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências de Bauru/SP

  
Prof. Dr. ALEXANDRE JANOTTA DRIGO  
Faculdade de Americana - Americana / SP

  
Prof. Dr. JULIO WILSON DOS SANTOS  
Departamento de Educação Física / Faculdade de Ciências de Bauru/SP

Data da realização: 23 de agosto de 2013.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Prof. Dra. Dagmar Hunger por ter aceitado me orientar e sempre ter conduzido esse processo com muita seriedade. Agradeço também pela significativa contribuição em minha trajetória, pela relação de amizade construída durante esse período e por fim, pela orientação na elaboração dessa dissertação.

Agradeço ao Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo e ao Prof. Israel Teoldo da Costa pela grande amizade e por aceitarem o convite para a banca de mestrado. A contribuição de vocês tem sido muito importante.

Agradeço aos treinadores Geninho e Antônio Lopes por me receberem tão bem e compartilharem suas trajetórias, contribuindo para que essa pesquisa se concretizasse. Certamente muitas coisas que aprendi no pouco tempo que estive com vocês, eu não tenha conseguido expressar nesse trabalho.

Agradeço aos professores e funcionários do Programa de Pós Graduação em Ciências da Motricidade do Instituto de Biociências da UNESP de Rio Claro, principalmente a Ivana, por sempre me atender e auxiliar nos momentos que precisei.

Agradeço aos professores da UNESP de Bauru, principalmente ao amigo Prof. Dr. Julio Wilson dos Santos, do departamento de Educação Física, pela relação construída ao longo desses anos e por permitir a realização do estágio docência em suas disciplinas, e a Prof. Dra. Luciene Ferreira da Silva, do departamento de Educação, por me auxiliar nas disciplinas que ministrei para a Educação Física durante o período do mestrado.

Agradeço aos amigos Beto Souza (principalmente pelo contato dos treinadores), João Gonçalves, Luciano Sato, Honda, e todos os outros amigos com quem eu tive o prazer de aprender e de trabalhar durante todos os anos em que estive no Esporte Clube Noroeste.

Agradeço aos amigos de Rio Claro: Murilo, Wendel, Fabiano, Cris, Danilo, Melissa e Marina, que me acolheram e alegraram nos momentos em que estive por lá.

Agradeço também aos amigos Carlos Rogério, Roberto Braga e Flávio Ismael por contribuírem diretamente na elaboração dessa dissertação, pelas discussões, pelas críticas e por me ensinarem sempre que estamos juntos.

Agradeço muito a minha família e aos meus amigos por tornar tudo isso possível. Agradeço também a Mayra, que me acompanha nos momentos bons e ruins, sempre fazendo o possível para torná-los melhores.

**Cântico negro**

"Vem por aqui" — dizem-me alguns com os olhos doces  
 Estendendo-me os braços, e seguros  
 De que seria bom que eu os ouvisse  
 Quando me dizem: "vem por aqui!"  
 Eu olho-os com olhos lassos,  
 (Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)  
 E cruzo os braços,  
 E nunca vou por ali...  
 A minha glória é esta:  
 Criar desumanidades!  
 Não acompanhar ninguém.  
 — Que eu vivo com o mesmo sem-vontade  
 Com que rasguei o ventre à minha mãe  
 Não, não vou por aí! Só vou por onde  
 Me levam meus próprios passos...  
 Se ao que busco saber nenhum de vós responde  
 Por que me repetis: "vem por aqui!"?

Prefiro escorregar nos becos lamacentos,  
 Redemoinhar aos ventos,  
 Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,  
 A ir por aí...  
 Se vim ao mundo, foi  
 Só para desflorar florestas virgens,  
 E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!  
 O mais que faço não vale nada.

Como, pois, sereis vós  
 Que me dareis impulsos, ferramentas e coragem  
 Para eu derrubar os meus obstáculos?...  
 Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,  
 E vós amais o que é fácil!  
 Eu amo o Longe e a Miragem,  
 Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! Tendes estradas,  
 Tendes jardins, tendes canteiros,  
 Tendes pátria, tendes tetos,  
 E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...  
 Eu tenho a minha Loucura!  
 Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,  
 E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...  
 Deus e o Diabo é que guiam, mais ninguém!  
 Todos tiveram pai, todos tiveram mãe;  
 Mas eu, que nunca principio nem acabo,  
 Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

*Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,  
Ninguém me peça definições!  
Ninguém me diga: "vem por aqui!"  
A minha vida é um vendaval que se soltou,  
É uma onda que se alevantou,  
É um átomo a mais que se animou...  
Não sei por onde vou,  
Não sei para onde vou  
Sei que não vou por aí!*

(José Régio)

## RESUMO

No futebol, o treinador é o principal organizador do processo de treino e competição, portanto uma das figuras centrais desse fenômeno esportivo. Entretanto, no Brasil pouco se discute a respeito das questões relacionadas a formação e atuação profissional de treinadores de futebol, principalmente no que se refere a uma carreira de sucesso nessa função. No Brasil, hoje, a maior parte dos treinadores de futebol não apresentam nenhum tipo de formação específica, contando apenas com experiências advindas de sua atividade anterior como jogador. No campo profissional, pesquisas que investigam a trajetória de treinadores, a partir de suas próprias perspectivas, vêm contribuindo para a compreensão de aspectos que apresentam maior necessidade na formação. Dessa forma, objetivo geral dessa pesquisa é investigar a trajetória de treinadores campeões brasileiros de futebol e, conseqüentemente evidenciar as configurações do futebol brasileiro por intermédio de suas histórias de vidas, e como objetivos específicos: a) analisar as implicações da formação acadêmica e das experiências como jogador profissional na carreira dos treinadores investigados; b) identificar os conhecimentos e competências presentes na atuação profissional dos treinadores de futebol participantes da pesquisa. Foram utilizadas fontes bibliográficas e documentais para a construção da revisão de literatura e elaboração do roteiro de entrevistas. Para a coleta dos depoimentos foi utilizada a fonte oral, por intermédio de uma entrevista semi-estruturada com a abordagem denominada “História de Vida”. Para compreender esse universo utilizamos o modelo de análise da teoria sociológica Norbert Elias. Participaram da pesquisa os treinadores Geninho e Antônio Lopes, ambos campeões brasileiros. O primeiro atua em um clube do interior paulista, foi jogador de futebol profissional, formou-se em Direito e trancou a matrícula na faculdade de Educação Física antes de concluir o curso. Conquistou o campeonato brasileiro de futebol no ano de 2001 pelo Clube Atlético Paranaense. Já Antônio Lopes atua como Gerente de Futebol em um clube paranaense. Foi jogador de futebol profissional, formou-se em Educação Física e posteriormente em Direito. É um dos dois únicos treinadores que conquistaram o campeonato brasileiro em ambas as formas de disputa, em 1997 pelo Club de Regatas Vasco da Gama e em 2005 pelo Sport Club Corinthians Paulista. A partir da análise da trajetória dos treinadores investigados foi possível identificar como as relações de interdependência presentes no interior das configurações das quais eles faziam parte influenciaram em suas escolhas e nos caminhos trilhados, principalmente no que tange as suas carreiras. Verificou-se que as experiências obtidas enquanto jogadores, principalmente aquelas que se referem às relações e as estruturas configuracionais, foram importantes para constituir uma carreira como treinador de futebol. Em seus depoimentos constatamos pontos de vistas divergentes acerca da formação superior em Educação Física. Enquanto o treinador Antônio Lopes acredita ser fundamental a formação, o treinador Geninho destaca que é importante, mas não fundamental, pois existem outros fatores que podem sustentar a atuação profissional de treinadores de futebol. Por fim, verificamos que aqueles conhecimentos e competências adquiridos enquanto jogador são mais valorizados no campo de trabalho de treinadores de futebol, no entanto, as atividades desenvolvidas nessa função estão diretamente associadas a área de Educação Física, e permite que a prática profissional não se torne apenas uma simples reprodução de experiências anteriores.

Palavras chave: Futebol; Treinador; Profissão; História de Vida; Norbert Elias

## ABSTRACT

In soccer, the coach is the principal organizer into the process of training and competition, therefore, the central character within this sport event. However, in Brazil little has been discussed about issues related to the formation and professional performance of coaches, principally, considering a successful career in this function. Today in Brazil, the major part of soccer coaches do not register any kind of specific formation. They count only on experiences coming from their former activities as soccer players. In the professional field, researches that investigate the trajectory of coaches, based on their own perspectives, keep on contributing to the understand of aspects which show a deeper necessity of academic formation. Thus, the main objective of this research, is to investigate the trajectory of coaches who were Brazilian soccer champions, consequently, pointing out the configurations of Brazilian soccer through their "Histories of Life", and with specific goals: a) analyze the implications of academic formation and the experiences as professional soccer players, during the career of the coaches being investigated; b) identify knowledge and competencies within the professional performance of soccer coaches participating in the research. Bibliographies and documentary sources were used for the construction of the literature review and elaboration of the interviews course of action. To collect the testimonies, the oral source was used, through structured interviews called "History of life". To make it possible to understand this universe we made use of the sociological theory of Norbert Elias. The participants of this research were the coaches Geninho and Antônio Lopes, both Brazilian champions. The first works in a club in the country side of São Paulo. He was a professional soccer player, graduated in law and has studied for some years the course of physical education at the university. He conquered the Brazilian soccer championship in 2001 with the Atlético Paranaense club. Antônio Lopes, however, works as a football manager in a club in the state of Parana. He was a professional soccer player, he majored in a physical education and later in law. He is one of the only coaches who conquered the Brazilian soccer championship in both formats of the competition, in 1997 with the club Vasco da Gama, and in 2005 with the club Corinthians. Based upon the analyses of the track of the coaches participating in the research it was possible identify how the relationship of the interdependency presented inside the configurations on which they went through, have influenced upon their choices and on the path they have taken, principally concerning their careers. It was noticeable that the experiences gotten during their players periods, mainly those which referred to the relationships and configurational structures, were very important to build a career as a soccer coach. From their testimonies it was detected divergent points of view, concerning the superior formation in physical education. While the coach Antônio Lopes believes being fundamental this academic formation, the other coach, Geninho, points out that formation is important, but not fundamental, because there are other factors that can sustain the professional performance of soccer coaches. Finally, we have noticed that those knowledge and competencies acquired form the period they were soccer players, are more valorized in this area of football coaches. Nevertheless, the activities developed in this function are strictly associated to the area of physical education, and allows the professional practice not to become merely a simple copy from previous experience.

Key-words: Soccer; Coach; Profession; Life History; Norbert Elias



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Relação de treinadores campeões brasileiros e seus respectivos clubes no ano de 1971 a 2002 .....	08
<b>Tabela 2</b> - Relação de treinadores campeões brasileiros e seus respectivos clubes no ano de 2003 a 2012 .....	09

**LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

<b>CBD</b>	Confederação Brasileira de Desportos
<b>CBF</b>	Confederação Brasileira de Futebol
<b>CREF</b>	Conselho Regional de Educação Física
<b>FFERJ</b>	Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro
<b>FGF</b>	Federação Gaúcha de Futebol
<b>FIFA</b>	Federação Internacional de Futebol Associado
<b>FPF</b>	Federação Paulista de Futebol

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	01
INTRODUÇÃO.....	05
CAPÍTULO 1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	12
1.1 Características e a técnica da pesquisa .....	12
1.2 As fontes de pesquisa .....	13
1.2.1 Fonte documental e bibliográfica .....	13
1.2.2 Fonte oral.....	14
1.2.2.1 História de vida.....	15
1.3 As etapas da pesquisa .....	16
1.4 Os treinadores participantes da pesquisa.....	16
CAPÍTULO 2 - TREINADORES DE FUTEBOL E O CAMPO DE TRABALHO .....	18
2.1 A formação de treinadores de futebol no Brasil.....	20
2.2 A formação de treinadores de futebol em países da Comunidade Europeia .....	24
2.3 Os conhecimentos e competências relacionados a atuação de treinadores de futebol .....	28
CAPÍTULO 3 - A TRAJETÓRIA, FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE TREINADORES DE FUTEBOL .....	31
3.1 Trajetória e formação profissional.....	31
3.2 A teoria de Norbert Elias como modelo de análise da trajetória de treinadores .....	34
3.3 A trajetória de treinadores de futebol campeões brasileiros.....	37
3.3.1 <i>A trajetória do treinador Geninho</i> .....	37
3.3.2 <i>A trajetória do treinador Antônio Lopes</i> .....	44
3.4 Experiências e formação profissional presentes na trajetória de treinadores campeões brasileiros .....	51
3.4.1 <i>Implicações da experiência adquirida como jogador de futebol na carreira de treinadores</i> .....	51
3.4.2 <i>Implicações da formação superior na carreira de treinadores de futebol</i> .....	54

3.5 Atuação profissional de treinadores de futebol campeões brasileiros.....	58
3.5.1 <i>Conhecimentos e competências presentes na atuação profissional dos treinadores de futebol participantes da pesquisa</i> .....	58
3.5.2 <i>Principais dificuldades na carreira a partir da visão dos treinadores de futebol participantes da pesquisa</i> .....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	72
ANEXO A - Carta de aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética.....	77
ANEXO B - Parecer nº 5 da CBF.....	78
APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido do treinador Geninho .....	81
APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido do treinador Antônio Lopes ...	82
APÊNDICE C - Transcrição da entrevista com o treinador Geninho .....	83
APÊNDICE D - Transcrição da entrevista com o treinador Antônio Lopes.....	101

## APRESENTAÇÃO

---

Para Daólio (1997), todo brasileiro ao nascer recebe um nome, uma religião e um time para torcer durante sua vida. Apesar de a citação anterior representar o senso comum, o futebol acompanha o dia-a-dia de muitos meninos no Brasil, desde as peladas na rua, mais comuns na infância, até as discussões com os amigos sobre as rodadas dos campeonatos estaduais e nacionais.

Assim como para a maioria dos garotos no Brasil, o sentimento de admiração pelo futebol se sustentava já em minhas práticas durante a infância. Os jogos nas ruas do bairro, nos campos de terra e em qualquer outro lugar onde tenhamos uma bola fazem com que o futebol se torne parte do dia-a-dia. Entretanto, tudo era muito simples e por mais que eu gostasse do esporte acredito que nunca tenha imaginado que um dia ele faria parte da minha vida como faz hoje.

Ainda no Ensino Médio, às vésperas do vestibular, a dúvida sobre qual curso prestar e qual a profissão que escolheria para a minha vida era enorme. Foi no mês de julho de 2005, convidado por meu primo, que já cursava Educação Física na época, que tive a oportunidade de assistir à final da Copa Libertadores da América no Estádio do Morumbi, na cidade de São Paulo. Após essa experiência, as dúvidas acabaram. O esporte era incrível e com certeza me sentiria bem trabalhando nessa área. Foi assim que optei por prestar vestibular para o curso de Educação Física. O fato de o curso ser oferecido na UNESP de Bauru, onde residia com meus pais, e meu primo já estar nos últimos anos do curso contribuíram para escolher o local onde prestar.

Em 2006, no primeiro ano do curso de Educação Física, meu interesse por futebol havia aumentado. Apesar de ter uma visão parecida com qualquer outra pessoa, o interesse por saber sobre as equipes, campeonatos e jogadores, tanto nacionais como internacionais, havia crescido bastante. Esse interesse me levou a procurar estágio na equipe de futebol profissional da cidade, o Esporte Clube Noroeste. No final do ano, iniciei o estágio de observação e, acredito que devido ao meu interesse, logo, os responsáveis pela preparação física das equipes de formação, já me pediam para auxiliá-los nos treinamentos. Em poucos meses, já estava responsável pela avaliação e apresentação dos resultados das avaliações de todas as categorias: sub 15, sub 17 e sub 20. No segundo semestre de 2007, um preparador físico das categorias de base foi designado para acompanhar o treinador responsável pela preparação da equipe profissional B, que disputaria a Copa Federação Paulista de Futebol. Uma das solicitações desse preparador físico foi que eu pudesse acompanhá-lo para ajudar na

preparação da equipe. Ao final desse campeonato, a equipe B acabou e ambos voltamos para as nossas atividades com as categorias de base.

Até o final de 2008, como estagiário, continuei no clube, paralelamente com a faculdade. Isso foi muito importante para a minha formação, pois podia aproveitar a teoria das disciplinas que estava cursando e as discussões dos grupos de estudo da faculdade, os cursos e palestras que procurava participar sobre futebol, com a experiência de conviver no ambiente de atuação que gostaria e no qual me preparava para atuar. Dessa forma, estava cumprindo o que Benites, Barbieri e Souza Neto (2007) consideram importante para um bom profissional, que é articular as questões teóricas e práticas, de modo a compreendê-las e relacioná-las, buscando um significado para ambas e sistematizá-las na atuação. Mesmo sem saber sobre essas questões da formação profissional, hoje considero que junto com a graduação essa experiência foi e continua sendo muito importante para a minha formação.

Entretanto, minha experiência no clube não terminou ali. Após o término dos campeonatos das categorias de base em 2008, os dirigentes do clube optaram por acabar com essas categorias, alegando a diminuição de gastos financeiros. Após dispensarem todos aqueles responsáveis por essas categorias, o preparador físico da equipe principal me convidou para auxiliá-lo junto à equipe profissional. No ano de 2009, o Noroeste disputaria o Campeonato Paulista da primeira divisão, e por conta de campanhas anteriores, o clube tinha grande prestígio no cenário estadual. Foi uma experiência muito significativa atuar junto a uma equipe de jogadores profissionais, e também junto com treinadores que haviam dirigido muitos clubes pelo Brasil.

Infelizmente, neste ano a equipe fez uma péssima campanha e caiu de divisão. Isso gerou uma resposta imediata da presidência, onde a maioria dos funcionários foi demitida e uma nova diretoria chegou para assumir o clube. Eu, como não era formado, estava também na lista de dispensa. Entretanto, assumiu como supervisor um preparador físico que eu acompanhei enquanto fazia estágio nas categorias de base do clube e ele me convidou para trabalhar com ele na área administrativa. Apesar de querer trabalhar no campo, aceitei o desafio sabendo que só me traria experiências positivas, principalmente porque ainda não havia me formado.

É importante ressaltar que durante todo esse período, por influência da faculdade e de meu orientador da graduação, o Professor Dr. Julio Wilson dos Santos, utilizei o material e o ambiente que dispunha no clube para realizar pesquisas acadêmicas, tanto para o grupo de estudos, quanto para a iniciação científica e monografia para a conclusão do curso. Devido ao fato de minha função durante todo esse período ser voltada à preparação física e por meu

orientador ser um estudioso dessa área, o meu interesse e a maioria das questões investigadas eram relacionadas a esses temas.

Trabalhar na área administrativa foi muito importante, pois além de aprender a atuar com as questões de documentação e suporte ao Departamento de Futebol do clube, pude analisar o trabalho daqueles que atuavam com o treinamento sob outro ponto de vista. Também tinha mais tempo para me dedicar aos estudos, aos cursos e aos compromissos acadêmicos. Foi durante esse período que comecei a mudar a minha visão sobre o treinamento em futebol. Enquanto me preocupava com as questões fisiológicas e de carga na preparação de equipes, percebi que ignorava as questões humanas e sócio-culturais do esporte. Foi então que entrei em contato com autores que abordavam o treino no futebol sob essa perspectiva e logo tinha total convicção que teria que me aprofundar mais nessas questões. Nesse período, percebi também que a atuação de forma significativa com os jogadores e com a equipe só seria possível na função de treinador. Quando falava com alguém sobre meu desejo logo vinham às respostas negativas e a afirmação: “Você nunca foi jogador.”

Por um grande amigo que estava matriculado no Programa de Pós Graduação em Ciências da Motricidade na UNESP de Rio Claro na linha de Formação Profissional e Campo de Trabalho, recebi o convite para participar do grupo de estudos de um dos professores do programa, o Prof. Dr. Alexandre Janotta Drigo, que abordava exatamente essas questões que eu buscava estudar. No grupo, pude aprofundar as discussões sobre formação profissional e esportes, com uma visão apoiada pelas Ciências Humanas e com a vasta experiência do professor com a preparação esportiva.

No grupo, veio o interesse em entrar no Programa de Pós-Graduação e estudar justamente a formação e atuação de treinadores de futebol. Assim, com o auxílio do professor, iniciei os primeiros esboços do projeto e comecei a me preparar para o processo seletivo.

Finalizei a graduação, apresentando a monografia intitulada: “Resposta da frequência cardíaca e da percepção subjetiva do esforço em jogadores de futebol durante um modelo de treinamento em jogo reduzido”, realizada a partir de estudos realizados durante a graduação voltada para a área biológica. Após terminar a faculdade, passei nas provas do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação da UNESP Rio Claro, e por uma série de motivos a Professora Dra. Dagmar Hunger passou a ser minha orientadora, enquanto o Prof. Dr. Alexandre Drigo também iria me auxiliar durante o mestrado.

Com a orientação e as disciplinas da Prof. Dra. Dagmar Hunger, junto com as disciplinas e as idéias do Prof. Dr. Alexandre Drigo elaboramos o projeto e iniciei a construção desta dissertação.

Após a realização das disciplinas do mestrado e início das coletas, acreditei que era o momento de iniciar na função que eu desejava. Depois de muito insistir com os diretores do clube, no início do ano de 2012, tive a oportunidade de assumir a categoria Sub 15 do Esporte Clube Noroeste. Logo nos primeiros dias exercendo essa função, percebi que havia trilhado o caminho correto para mim e me senti realizado em poder atuar na profissão que eu desejava, ao mesmo tempo em que tinha a oportunidade de estudar as questões referentes a essa área de atuação em um Programa de Pós-Graduação.

Dessa forma, o presente estudo foi desenvolvido a partir de uma relação pessoal com a área do futebol e de formação profissional, dada a própria trajetória do pesquisador. Analisar a trajetória de treinadores que conquistaram uma carreira de destaque e de sucesso no futebol mediante a abordagem qualitativa com a técnica de História de Vida permitirá contribuir com o universo acadêmico na área de futebol e formação profissional, e consequentemente, contribuir com o esporte no país.



## INTRODUÇÃO

---

Platonov (2008) destaca que a necessidade de uma figura especializada na orientação dos treinamentos desportivos já estava presente nas competições realizadas na Grécia Antiga, tendo os Jogos Olímpicos como principal evento. Nesse período, o entendimento sobre o desporto já era bastante desenvolvido, apresentando conceitos que se assemelham a concepções modernas, como, por exemplo, a preparação envolvendo a utilização de sobrecarga para melhorar o rendimento, o preparo psicológico dos competidores, massagens e aquecimento antes das atividades. Além disso, na preparação dos desportistas gregos, os responsáveis pela preparação dos atletas se utilizavam de diversos conhecimentos específicos, como o planejamento do treino organizado em períodos e a elaboração de atividades voltadas à preparação técnico-tática da modalidade em questão.

Atualmente, a função responsável pela preparação de equipes e atletas, chamada de treinador<sup>1</sup>, tornou-se indispensável nos esportes. Em todas as modalidades esportivas encontramos funções especializadas responsáveis pelo desenvolvimento e desempenho das equipes, atuando embasados em conhecimentos relacionados ao esporte. Essa função se destaca no contexto competitivo, de forma que Duarte (2009) considera o treinador como “uma das figuras centrais do fenômeno desportivo e, portanto, responsável pela sua dinâmica” (p. 12).

No futebol, esporte mais popular do planeta, o treinador se apresenta como um condutor da equipe, além de principal agente da organização e do planejamento do processo de treino e de competição. Elias e Dunning (1992) consideram que o treinador deve preparar sua equipe e seus jogadores para os jogos levando em conta todas as relações envolvidas influenciando essa dinâmica, como a estrutura do jogo e as características dos adversários e, dessa forma, desenvolver estratégias para conseguir a vitória.

No entanto, a função de interpretar o jogo como uma "configuração dinâmica" entre todos os envolvidos com o esporte, depende de uma postura em que "manter-se distanciado e refletir sobre as características e regularidades destas configurações enquanto tais" (ELIAS;

---

<sup>1</sup> No Brasil é comum a utilização dos termos “professor”, técnico ou treinador para se referir ao responsável pela condução das equipes e jogadores no futebol. Entretanto, para fazer referência a essa função nesse trabalho, utilizaremos apenas treinador. Essa escolha se deve ao fato de a legislação brasileira, que regula a atuação desses, pela Lei nº 8.650 de 22 de abril de 1993, utilizar o termo treinador (BRASIL, 1993). Além disso, quando analisamos a literatura internacional, as palavras que se referem a essa função são *coach* em inglês e em espanhol *entrenador*. Ambos os termos, quando traduzidos para o português, correspondem à palavra treinador (THIENGO, 2011).

DUNNING, 1992, p. 289) é muito importante para, posteriormente, articular as informações obtidas e atuar com embasamento.

Assim, cada vez mais o treinador de futebol vem sendo apontado e reconhecido como principal responsável pelos resultados obtidos pelas equipes. O sucesso, que antes era atribuído aos jogadores através de termos como “Santos de Pelé”, por exemplo, passou a ser transferido para os treinadores, como responsáveis por esse reconhecimento, como por exemplo, o “Barcelona de Guardiola” ou o “Cruzeiro de Luxemburgo” (COSTA, I. T., 2006).

Por conta disso, a função de treinador de futebol tornou-se uma atividade com um elevado nível de exigência, em que a vitória é, muitas vezes, o único resultado satisfatório. Ganhar ou perder pode significar a permanência ou não em um clube, e conseqüentemente, o julgamento positivo ou negativo do trabalho realizado com a equipe, considerando apenas o resultado imediato. Marques (2000) aponta essa função como uma atividade na qual o treinador é, geralmente, o único responsável pelo insucesso das equipes e só consegue manter-se empregado apresentando resultados positivos.

Apesar das funções apresentadas, referentes à atuação do treinador de futebol,

Conceituar e definir o papel do treinador, apesar de aos olhos do espectador comum parecer um processo simples, torna-se realmente complexo, dada a elevada responsabilidade e abrangência das suas funções, envolvendo-o e à sua ação, numa generalidade e multiplicidade de opiniões e discussões (DUARTE, 2009, p. 11).

No Brasil, todas as equipes profissionais contam com um treinador por categoria, o que demonstra sua importância para os clubes. O Campeonato Brasileiro de Futebol está dividido em quatro divisões, A, B, C e D, sendo que as três primeiras possuem 20 equipes cada, enquanto a última possui 40 equipes. Além das competições nacionais, as Federações de Futebol de cada estado organizam os seus próprios campeonatos, contando com clubes que não participam dos campeonatos nacionais, disputando uma das várias divisões próprias de seu estado. A Federação Paulista de Futebol (FPF), por exemplo, organiza os seus próprios campeonatos estaduais, que também são divididos em quatro divisões. A primeira divisão é composta pelas séries A1, A2 e A3 e contam com a participação de 20 clubes cada, enquanto a segunda divisão, denominada série B, possui 44 clubes participantes (FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL, 2011). O Ranking Nacional dos Clubes da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), revisado e atualizado em 26 de janeiro de 2011, conta com 419 clubes de futebol profissional (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2011). Além das equipes profissionais, os clubes possuem, ainda, equipes nas categorias de

formação, normalmente divididas pelas idades Sub 15, Sub 17 e Sub 20, sendo que cada uma conta com um treinador e uma comissão técnica responsável.

Tal fato demonstra a quantidade de treinadores de futebol atuando em alto rendimento, tanto nas competições das categorias de formação quanto nas categorias profissionais organizadas pela CBF ou pelas federações estaduais de futebol. Além disso, a troca constante de treinadores por parte dos clubes reflete a concorrência e o número de pessoas almejando empregar-se para dar continuidade no trabalho e, assim, obter visibilidade em sua carreira.

A primeira divisão do Campeonato Brasileiro de Futebol é, sem dúvida, o campeonato mais importante do país. O título de Campeão Brasileiro da Série A é desejado por muitos treinadores por conta da dificuldade em ganhar uma competição deste nível. Os treinadores que alcançam essa conquista ficam em evidência e destaque no contexto, pois obtiveram o título de campeão da competição nacional mais disputada.

Entretanto, em 42 edições do Campeonato Brasileiro de Futebol, até o ano de 2012, a forma de disputa nem sempre foi da maneira que conhecemos hoje. O formato de campeonato com 20 equipes, conhecido popularmente como “pontos corridos”, no qual todas jogam entre si em turno e retorno, e a equipe que somar o maior número de pontos é a campeã, teve início no ano de 2003. Anteriormente, com início oficial no ano de 1971<sup>2</sup>, o Campeonato Brasileiro de Futebol era um torneio de eliminatórias simples, dividido em fases, popularmente chamado de “mata-mata”, no qual os melhores clubes avançavam para a próxima fase até sobrar duas equipes que disputavam o título.

Na Tabela 1, estão listados todos os treinadores campeões brasileiros no formato de “mata-mata” de 1971 a 2002, seus respectivos clubes e os anos de suas conquistas, enquanto na Tabela 2, estão demonstrados os treinadores campeões brasileiros no formato “pontos corridos”, do ano de 2003 a 2012.

Em 42 anos de disputa, 25 treinadores conquistaram o título do Campeonato Brasileiro de Futebol, por 17 clubes. Considerando a quantidade de clubes profissionais e treinadores que atuam no país, são poucos os que alcançaram esse feito. Espera-se que os treinadores que se destacam em uma atividade com o grau de competitividade do nível de um campeonato nacional da primeira divisão apresentem destaque dentro dessa função.

---

<sup>2</sup> Embora a CBF tenha reconhecido como conquistas nacionais os títulos da Taça do Brasil e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, ambos disputados antes do início oficial do Campeonato Brasileiro, consideramos apenas os títulos a partir de 1971, que passam a ser organizados pela Confederação Brasileira de Desportos, órgão responsável pelo futebol no Brasil naquela época.

**Tabela 1. Relação de treinadores campeões brasileiros e seus respectivos clubes de 1971 a 2002.**

<b>Ano</b>	<b>Clube</b>	<b>Treinador</b>
1971	Atlético Mineiro	Telê Santana
1972	Palmeiras	Oswaldo Brandão
1973	Palmeiras	Oswaldo Brandão
1974	Vasco da Gama	Mário Tavglini
1975	Internacional	Rubens Minelli
1976	Internacional	Rubens Minelli
1977	São Paulo	Rubens Minelli
1978	Guarani	Carlos Alberto Silva
1979	Internacional	Ênio Andrade
1980	Flamengo	Cláudio Coutinho
1981	Grêmio	Ênio Andrade
1982	Flamengo	Paulo César Carpegiani
1983	Flamengo	Carlos Alberto Torres
1984	Fluminense	Carlos Alberto Parreira
1985	Coritiba	Ênio Andrade
1986	São Paulo	Pepe
1987 <sup>a</sup>	Sport / Flamengo	Emerson Leão (Sport) / Carlinhos (Flamengo)
1988	Bahia	Evaristo de Macedo
1989	Vasco da Gama	Nelsinho
1990	Corinthians	Nelsinho Batista
1991	São Paulo	Telê Santana
1992	Flamengo	Carlinhos
1993	Palmeiras	Vanderlei Luxemburgo
1994	Palmeiras	Vanderlei Luxemburgo
1995	Botafogo	Paulo Autuori
1996	Grêmio	Luiz Felipe Scolari
1997	Vasco da Gama	Antônio Lopes
1998	Corinthians	Vanderlei Luxemburgo
1999	Corinthians	Oswaldo de Oliveira
2000	Vasco da Gama	Joel Santana
2001	Atlético Paranaense	Geninho
2002	Santos	Emerson Leão

<sup>a</sup> O título de 1987 tem o Sport e o Flamengo como campeões, entretanto, o caso ainda está na justiça e isso poderá ser alterado.

Estudos como o de Marturelli Junior (2002), Costa, Samulski, Marques (2006) e Thiengo (2011) analisam e demonstram que a maior parte dos treinadores de clubes da primeira divisão nacional e estadual foram jogadores profissionais, enquanto muitos não possuem formação específica voltada para atuação nessa função. Contudo, a condição de ter atuado como jogador profissional é muito valorizada dentro do contexto do mercado de trabalho do futebol brasileiro, favorecendo e facilitando a inserção de ex-jogadores nos quadros técnicos da maioria dos clubes.

No Campeonato Brasileiro de Futebol do ano de 2008, 28 treinadores participaram no comando de 20 equipes durante a competição. Em números relativos, os treinadores que possuíam formação superior em Educação Física e Esportes não se diferenciaram estatisticamente dos treinadores que foram ex-jogadores e possuíam formação em outras áreas do conhecimento no que se refere a aproveitamento e quantidade de vitórias (OLIVEIRA; PAULO, 2010). No referido ano, o treinador que obteve o título de campeão nacional não possuía formação superior específica.

Conforme abordado, pouco se conhece a respeito das questões relacionadas à formação e à atuação profissional de treinadores de futebol, principalmente no que é relevante para sustentar e constituir uma carreira de sucesso nessa função. Além disso, a falta de trabalhos na literatura abordando esse tema, considerando as proporções do esporte no país, dificulta o aprofundamento das discussões sobre a formação de treinadores de futebol (FEITOSA; NASCIMENTO, 2006; BENITES; BARBIERI; SOUZA NETO, 2007; BATISTA; GRAÇA; MATOS, 2008; CUNHA, 2008; CUNHA et al, 2010).

**Tabela 2. Relação de treinadores campeões brasileiros e seus respectivos clubes de 2003 a 2012.**

Ano	Clube	Treinador
2003	Cruzeiro	Vanderlei Luxemburgo
2004	Santos	Vanderlei Luxemburgo
2005	Corinthians	Antônio Lopes
2006	São Paulo	Muricy Ramalho
2007	São Paulo	Muricy Ramalho
2008	São Paulo	Muricy Ramalho
2009	Flamengo	Andrade
2010	Fluminense	Muricy Ramalho
2011	Corinthians	Tite
2012	Fluminense	Abel Braga

Cunha et al. (2010) defendem que estudos com o intuito de investigar a formação e atuação de treinadores, priorizando a perspectiva destes, bem como tendo em conta a sua experiência na função, permite-nos compreender os aspectos que apresentam maior necessidade na formação, o que colabora para melhorar o esporte e sua atuação profissional. Os autores ainda ressaltam que as críticas sobre as práticas desportivas e os seus modelos de formação profissional devem ser elaborados, principalmente, a partir da experiência daqueles que estão atuando, e não só por quem está de fora, pois devido aos seus conhecimentos e experiências, esses possuem maior possibilidade de formular alternativas coerentes e transformações qualitativas nessa área.

No campo profissional, estudos de “História de Vida” têm contribuído para uma melhor compreensão dessa área, pois prioriza a perspectiva daqueles que atuaram, ou estão atuando, e possibilitam analisar as experiências que foram importantes ao longo de suas trajetórias. Essa metodologia utilizada em estudos que abordam a função de professor (BETTI; MIZUKAMI, 1997; BURNIER et al., 2007) e a função de treinador de futebol (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013) mostrou-se eficiente para responder as questões referentes à formação profissional.

Nesse sentido, os conceitos da teoria sociológica de Norbert Elias apresentam-se como um modelo de análise para compreensão desse universo. O conceito de configuração, elaborado por este autor, está relacionado às estruturas que constituem a sociedade, formada pelas relações de interdependência entre os indivíduos que estão simultaneamente inseridos em um meio social, orientados e unidos uns aos outros de diferentes maneiras. Desse modo, cada indivíduo dessa estrutura influencia e é influenciado pelas estruturas que são exteriores (formadas também por indivíduos) em diversos níveis. As pessoas,

[...] através das suas disposições e inclinações básicas, são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras. Estas pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados. Cada uma dessas pessoas constitui um ego ou uma pessoa, como muitas vezes se diz numa linguagem reificante. Entre essas pessoas colocamo-nos a nós próprios. (ELIAS, 1970, p. 15).

Dessa maneira, a partir das configurações e das relações que se deram durante a trajetória de um indivíduo, podemos compreender as forças que o levaram a se constituir e atuar em uma profissão (ELIAS, 1970; HUNGER; ROSSI; SOUZA NETO, 2011). Com base na proposta de Elias (1970), é possível evidenciar as configurações que foram importantes nos

processos de formação e atuação profissional ao longo da trajetória de um treinador de futebol, bem como esboçar possíveis configurações do futebol brasileiro.

Através da investigação de treinadores campeões brasileiros, a partir de suas perspectivas, podemos esclarecer questões relacionadas à formação profissional e compreender melhor essa função. Assim como destacado por Pereira (2006), analisar a trajetória de profissionais que estão atuando nos permite refletir e aprender com as suas vivências. Neste sentido, considerando suas experiências e suas formações, torna-se relevante o entendimento de como se configuraram as suas trajetórias e como constituíram sua atuação profissional.

Considerando tais questionamentos, temos como objetivo geral dessa pesquisa investigar a trajetória de treinadores campeões brasileiros de futebol e, conseqüentemente, evidenciar as configurações do futebol brasileiro por intermédio de suas histórias de vidas, tendo como objetivos específicos: a) analisar as implicações da formação acadêmica e das experiências como jogador profissional na carreira dos treinadores investigados; b) identificar os conhecimentos e competências presentes na atuação profissional dos treinadores de futebol participantes da pesquisa.

Dessa forma, no Capítulo 1 deste trabalho, apresentam-se os procedimentos metodológicos abordando as características, etapas, fontes e técnicas de pesquisa utilizadas, bem como uma breve descrição dos treinadores participantes. O Capítulo 2 trata sobre as questões do campo de trabalho de treinadores de futebol. Além disso, esse capítulo aborda também os conceitos de conhecimento e competência, e como se articulam com essa função. Por fim, o Capítulo 3 se constitui pela utilização da teoria de Norbert Elias na análise da trajetória de treinadores de futebol e pela discussão das questões evidenciadas nos objetivos através dos depoimentos dos participantes.

## CAPÍTULO 1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

---

### 1.1 Características e a técnica de pesquisa

A presente pesquisa se caracteriza como qualitativa. Para Chizzotti (2003), esse tipo de análise permite utilizar diversos recursos linguísticos, apresentando os resultados de forma inovadora, criando diversas possibilidades de se entender o fenômeno estudado dentro de uma visão global, levando em conta os elementos de uma situação em suas interações e influências. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998) ressaltam que, através da pesquisa qualitativa, é possível enfatizar a importância da exploração da intencionalidade dos atos humanos, privilegiando as percepções dos sujeitos dentro do próprio contexto histórico e social vivido por eles.

Inicialmente, no desenvolvimento do presente estudo serão utilizadas fontes bibliográficas e documentais, de modo a abranger o máximo de informações possíveis sobre o universo da pesquisa. Através dessas fontes, é possível o contato do pesquisador com o que já se produziu e registrou sobre o tema da pesquisa, fundamentando a elaboração da revisão de literatura.

A utilização da fonte oral constituirá a principal fonte de coleta de dados, sendo adotada como técnica de pesquisa a entrevista semiestruturada, através de uma abordagem metodológica denominada “História de Vida”. Nesse tipo de entrevista o pesquisador realiza perguntas específicas sobre um determinado assunto, mas dá liberdade ao entrevistado para responder da forma que julgar melhor (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998), não se prendendo ao roteiro previamente estabelecido. Assim, o pesquisador poderá abordar assuntos que não estavam inicialmente no seu roteiro, mas que se mostram importantes para a pesquisa durante a entrevista. Cabe ressaltar que as fontes documentais e bibliográficas terão relevante papel na construção do roteiro das entrevistas aplicados junto aos treinadores participantes.

Após a coleta e organização das fontes que serão utilizadas (bibliográficas, documentais e entrevista semi-estruturada), a partir dos relatos obtidos nas entrevistas dos treinadores participantes da pesquisa, o pesquisador passará a uma análise descritiva com uma abordagem qualitativa, contextualizando as suas trajetórias e as questões referentes aos objetivos estabelecidos. Durante a análise, os conceitos da teoria sociológica de Norbert Elias foram utilizados para contribuir na articulação dos depoimentos dos treinadores participantes e os objetivos propostos.



## **1.2 As fontes da pesquisa**

### *1.2.1 Fonte documental e bibliográfica*

Para o desenvolvimento inicial deste trabalho utiliza-se tanto a fonte documental como a bibliográfica. Ambas têm o documento como principal instrumento de investigação. Entretanto, existem claras diferenças entre elas, que, muitas vezes, são confundidas e utilizadas equivocadamente por pesquisadores (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998), é considerado documento todo registro que possa ser utilizado como fonte de informação que não passou por um tratamento científico, tanto escrito como não escrito, como vídeos, imagens, filmes, reportagens e material impresso, dentre outros. Esses registros podem ser muito úteis para reconstruir uma situação passada e auxiliar na compreensão dos elementos estudados. Os autores atentam para a utilização desses documentos em uma pesquisa. Eles enfatizam a importância de ter conhecimento das fontes dos mesmos, como por exemplo, por qual instituição ou por quem foram elaborados, os procedimentos adotados para o seu desenvolvimento e por quais propósitos foram divulgados. Essas informações são de muita importância quando estes documentos são utilizados em um trabalho científico e devem ser levados em consideração quando forem interpretados.

A pesquisa bibliográfica está presente em praticamente todos os trabalhos acadêmicos. Através dessa técnica de pesquisa é possível o contato direto com produções científicas que tratam de um tema específico a ser estudado. Esse tipo de estudo considera apenas aqueles documentos que possuem um tratamento e rigor científico, e são reconhecidos pela comunidade acadêmica. Os documentos mais comuns utilizados na pesquisa bibliográfica são os livros, periódicos, dicionários, enciclopédias e artigos científicos (OLIVEIRA, 2007).

Através dessas duas fontes de pesquisa, o pesquisador elabora os tópicos iniciais do trabalho que permitem contextualizar as principais questões do estudo, bem como os resultados e a análise das fontes orais obtidas através dos depoimentos dos sujeitos. Além disso, as entrevistas a serem utilizadas com os treinadores participantes da pesquisa vêm construídas a partir das informações obtidas por intermédio das fontes documentais e bibliográficas.

### *1.2.2 Fonte oral*

Também conhecida como história oral, a fonte oral é um método de pesquisa por meio da qual podemos obter e desenvolver novos conhecimentos através da análise dos fenômenos que abordam fatos histórico-sociais, permitindo realizar interpretações qualitativas com foco nas experiências e visões dos sujeitos. É possível encontrar, no método de pesquisa, com base nos depoimentos orais, uma forma de produzir conhecimento científico e não apenas colher depoimentos e produzir um relato ordenado da vida e experiência das pessoas analisadas (AMADO; FERREIRA, 2001). Por conta disso, Thompson (1992, p. 315) defende que as fontes orais “[...] podem fornecer-nos informações tão válidas quanto as que podemos obter de qualquer outra fonte humana.”.

Voldman (2001) considera como fonte oral o material recolhido por um pesquisador para atender as necessidades de sua pesquisa, de forma a fornecer informações que lhe são importantes obter em função de seus objetivos. Nesse sentido, Thompson (1992) ressalta como a utilização de fontes orais pode trazer informações muito mais claras do que documentos, quando se trata, por exemplo, de analisar os métodos de trabalho de uma pessoa inovadora que se destacou em sua área. Muitas vezes, os dados obtidos através da fonte oral são o modo mais rápido de construir um esboço da história de determinado fato ou pessoa e também permite perceber questões referentes ao contexto estudado. O autor ainda alerta sobre a importância de se extrair a evidência necessária de cada tema de uma entrevista, articulando os elementos encontrados para conseguir novos pontos de vista e obter significados, tratando a fonte oral “como fonte de informações a partir da qual se organiza um texto expositivo” (p. 304).

As informações provenientes de outras fontes também vão ser analisadas no contexto da trajetória do treinador, e, dessa forma, os relatos obtidos da fonte oral articulados com as evidências provenientes de fontes documentais e bibliográficas que se apresentarem como relevantes.

A elaboração das entrevistas para a coleta de dados terá origem a partir de informações referentes às trajetórias e carreiras dos treinadores encontradas em fontes documentais como revistas, livros, internet e outras divulgadas por meios midiáticos (programas esportivos, reportagens e etc.). As entrevistas empregarão a abordagem metodológica qualitativa denominada “História de vida”.

### *1.2.2.1 História de vida*

Nessa abordagem, o pesquisador busca, durante a entrevista, levantar questões relacionadas à trajetória do sujeito entrevistado, transmitindo, além de fatos vivenciados, seus sentimentos e emoções, com o objetivo de associá-las a situações do presente ou a situações que ele deseja compreender, atendendo aos objetivos de sua pesquisa (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998). A história de vida ainda, “mostra-se capaz de possibilitar o acesso do pesquisador às referências que orientam os sujeitos em sua construção de significados...” (BURNIER et al, 2007, p. 355).

A metodologia “História de vida” vem sendo utilizada cada vez mais em diversas áreas do conhecimento humano, como Psicologia, Sociologia, Antropologia e Ciências da Educação, buscando explorar aspectos voltados para a subjetividade, historicidade e singularidade da história de um indivíduo, trazendo acréscimos ao entendimento do mesmo e ao conhecimento científico. É possível analisar os entrevistados em profundidade, abrangendo a totalidade de suas vidas e abordando aspectos relacionados a contextos familiares, físicos, educacionais, culturais, políticos e sociais de vários períodos de sua trajetória (PEREIRA, 2006).

A partir da construção da trajetória de uma pessoa, é possível caracterizar a prática de um grupo, revelando direta ou indiretamente as características e valores do grupo e da realidade a qual o indivíduo pertence. Por mais particulares que sejam os relatos, estes retratam costumes de um ambiente onde o indivíduo atua ou faz parte, ressaltando o momento histórico vivido e, dessa forma, apresentando-se como uma técnica significativa na realização de uma pesquisa que busca compreender aspectos relacionados a uma área de atuação profissional.

Neste sentido, através da História de Vida o entrevistado pode fornecer informações que identifiquem em sua própria trajetória aquilo que teve significado e foi realmente importante, contribuindo para a sua formação e atuação. Permite assim, construir uma reflexão sobre o processo de formação, tomando consciência das estratégias, dos caminhos que foram trilhados e dos momentos importantes que passou ao longo de sua vida. A partir dessas informações, podemos identificar a importância que os entrevistados deram às suas experiências, principalmente aos conteúdos de sua formação e como articulam os conhecimentos obtidos com a sua intervenção (PEREIRA, 2006).

### **1.3 As etapas da pesquisa**

Para a realização do presente estudo, submetemos o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru (Processo nº 2038/46/01/12), sendo aprovado no dia 22 de novembro de 2012 (ANEXO A).

Com o objetivo de colocar o pesquisador em contato com as técnicas de pesquisa empregadas e verificar se as mesmas seriam capazes de atender os objetivos propostos, realizou-se um estudo piloto com um treinador de futebol que na época, estava à frente de uma equipe da primeira divisão do campeonato paulista.

Posteriormente, o pesquisador entrou em contato com os treinadores, tanto diretamente quanto por meio de pessoas próximas a eles. Alguns treinadores negaram o pedido do pesquisador alegando diversos motivos como, por exemplo, tempo para o encontro com o pesquisador, falta de interesse em expor as suas ideias, dentre outros. Alguns deles também não apresentaram resposta e o contato se perdeu.

Entretanto, após a resposta positiva e confirmação dos treinadores iniciou-se a construção desse trabalho. Inicialmente foi realizada a pesquisa de fontes documentais e bibliográficas, fundamental para a construção da revisão de literatura, tendo como finalidade apresentar a fundamentação teórica sobre o tema e situar o trabalho dentro do universo da pesquisa. Paralelamente, utilizando também as fontes documentais e bibliográficas, o pesquisador elaborou os roteiros das entrevistas utilizadas com os participantes.

Assim, foram agendados dia e horário na cidade em que os treinadores estavam trabalhando para realizar as entrevistas. No mesmo dia das coletas de dados, os treinadores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concedendo autorização para a realização da pesquisa e utilização das fontes adquiridas. Após esta etapa, as entrevistas foram transcritas pelo pesquisador e esse deu seguimento à construção do trabalho.

### **1.4 Os treinadores participantes da pesquisa<sup>3</sup>**

A condição para participação como sujeito na pesquisa era ter obtido, como treinador principal de uma equipe, o título de campeão do Campeonato Brasileiro de Futebol da série A.

---

<sup>3</sup> Os treinadores, por intermédio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, concederam autorização para a divulgação dos seus nomes nessa pesquisa.

Por se tratar de um estudo qualitativo, em que o universo da pesquisa abrange poucos treinadores que alcançaram essa conquista, os participantes garantem de forma única o acesso e a representatividade nesse contexto.

Um dos participantes da pesquisa se trata do treinador Eugênio Machado Souto, mais conhecido como Geninho. Nasceu no ano de 1948, em Ribeirão Preto, São Paulo. Hoje, tem 64 anos e atua como treinador de um clube de São Paulo que disputa a primeira divisão nacional. Antes de iniciar sua carreira como treinador, atuou como jogador de futebol em categorias de formação, chegando ao profissional. Formou-se em Direito e trancou a matrícula na faculdade de Educação Física antes de concluir o curso, ainda enquanto atuava como jogador de futebol. Como treinador, iniciou nas categorias de formação de clubes de São Paulo e depois passou a treinar equipes profissionais. Dirigiu várias equipes profissionais no Brasil e, internacionalmente, atuou em Portugal e na Arábia Saudita. Conquistou muitos títulos, tanto nacionais quanto internacionais, e no ano de 2001, foi campeão brasileiro de futebol pelo Clube Atlético Paranaense, sendo sua conquista nacional mais importante.

O outro participante se trata do ex-treinador Antônio Lopes dos Santos, nascido no Rio de Janeiro no ano de 1941. Hoje atua como Gerente de Futebol em um clube do Paraná. Antes de iniciar sua carreira como treinador foi jogador profissional, formou-se em Direito e Educação Física, e atuou como delegado de polícia e preparador físico. Como treinador dirigiu equipes no Brasil e no exterior, além de uma seleção no Oriente Médio. Foi um dos dois treinadores que conquistaram o título do Campeonato Brasileiro de Futebol nos seus dois formatos de disputa, nos anos de 1997 e 2005, com o Club de Regatas Vasco da Gama e Sport Club Corinthians Paulista, respectivamente. Fez parte também da comissão técnica que conquistou o penta campeonato mundial pela seleção brasileira.

## CAPÍTULO 2 – TREINADORES DE FUTEBOL E O CAMPO DE TRABALHO

---

Entende-se como profissão toda atividade fundamentada em conhecimentos específicos, que existe por conta de uma necessidade apresentada pela sociedade (GHILARDI, 1998). Por sua vez, é comum dizer que, para ser considerado profissional, é preciso possuir um diploma de nível superior, o que, segundo Barros (1993), não é sempre necessário para se caracterizar uma atividade como profissional.

Para Lawson (1984), a profissão se trata de uma ocupação de elite, pois os seus membros recebem *status* e recompensas mais elevadas em comparação a outros trabalhadores. O profissional está comprometido com a carreira, presta serviço à sociedade, pesquisa e orienta em um campo de trabalho. Ser um profissional significa possuir os conhecimentos específicos de sua profissão, mostrando a necessidade dos seus serviços.

Embora o conhecimento de uma profissão possa ser adquirido em uma instituição de ensino superior, essa se caracteriza através da aquisição dos conhecimentos próprios e sua aplicação em alguma área. Barros (1993), a partir dos estudos de Flexner, define seis critérios para definir e caracterizar uma atividade como profissão. São eles:

- A atividade profissional é baseada em atividades de natureza intelectual.
- A prática profissional é baseada em conhecimentos e não apenas em uma rotina de atividades.
- A profissão é dinâmica, e para isso é importante que esteja sempre aberta a novos conhecimentos e discussões, visando renovar as suas metodologias e tecnologias.
- A profissão deve possuir conteúdo que possa ser passado a outros profissionais.
- A profissão deve ser organizada internamente, possuindo uma instituição que a represente, discutindo a qualidade dos serviços e um código de conduta.
- A profissão deve possuir a característica altruísta, buscando sempre prestar o melhor serviço e visando o melhor para a sociedade.

Nesse contexto, a Educação Física se caracteriza como uma profissão, pois assume todos os critérios estabelecidos pelo autor, e possui um corpo de conhecimentos específicos que é utilizado na aplicação de sua prática profissional. Além disso, também possui um objeto de investigação definido, que se trata do próprio movimento humano (GHILARDI, 1998). Dessa forma, entende-se que a função de treinador é uma das atividades que podem ser ocupadas por profissionais de Educação Física.

Até a década de 60, no Brasil, existiam cursos paralelos para professores de educação física e treinadores desportivos, que, na prática, mostravam-se ineficientes. Esse modelo

permitia que ex-atletas ocupassem o lugar de profissionais formados e não estava atendendo efetivamente o mercado de trabalho, tanto em quantidade como em qualidade. Foi, então, proposta a formação que se restringisse a ser a mesma para professores e treinadores (SOUZA NETO et. al, 2004).

Atualmente, a estrutura curricular dos cursos de Educação Física sofreu várias modificações. O profissional de Educação Física pode ser formado para licenciatura, responsável pela atuação na educação básica, e para o bacharelado, responsável por atuar em outros espaços fora do ambiente escolar, inclusive no que tange à função de treinador esportivo. Sendo assim, apesar das diferenças de nomenclatura, a formação de treinadores ainda é uma especialidade dentro da Educação Física, se utilizando de seus conhecimentos para sustentar a sua prática.

Já em outros países, como Portugal e Espanha, por exemplo, a formação do treinador é de inteira responsabilidade das Federações, sendo o curso de Educação Física um complemento para essa formação, permitindo a passagem por um dos módulos do curso sem a necessidade do profissional de presenciá-lo (COSTA, J. P. A., 2005; FIGUERES, 2009). Isto posto, para se tornar treinador é necessário passar por diversas etapas e cursos organizados pelas Federações, a fim de se obter a licença de trabalho em uma respectiva modalidade esportiva.

No futebol, devido ao crescimento do esporte como fenômeno esportivo na maioria das sociedades do mundo, a formação de profissionais capazes de exercer a função de treinadores com eficiência para solucionar os problemas que se apresentam são cada vez mais exigidas. Duarte (2009) considera que as exigências do futebol, associadas à evolução científica, tecnológica e metodológica desta modalidade potencializaram a necessidade de formação contínua dos treinadores.

Conforme apresentado em alguns estudos (MARTURELLI JUNIOR, 2002; COSTA; SAMULSKI; MARQUES, 2006; TALAMONI et al., 2012), muitos treinadores no Brasil, ainda hoje, são ex-jogadores de futebol que exercem a função sem nenhuma graduação específica. Muitos, ao encerrarem suas carreiras, mantêm o vínculo com algum clube e passam a compor o quadro da comissão técnica do mesmo (MARTURELLI JUNIOR, 2002). Episódio que ilustra perfeitamente o quanto essa situação é natural no futebol aconteceu quando o ex-jogador Carlos Caetano Bledorn Verri, o Dunga, capitão do Brasil na conquista do tetracampeonato mundial em 1994, no dia 24 de julho de 2006, assumiu como treinador a seleção brasileira de futebol sem nenhuma formação e sem antes ter exercido essa função em outro clube ou seleção.

Entretanto, para atuar em alto rendimento, Duarte (2009) assume que o treinador deve desenvolver a capacidade de maximizar as qualidades dos seus jogadores e da sua equipe, com base em conhecimentos sólidos e sustentados, adquiridos em modelos de formação abrangentes e credíveis, contrariando a habitual formação rudimentar meramente baseada na experiência prática como jogador.

Desse modo, esse capítulo traz uma revisão sobre a formação profissional de treinadores de futebol no Brasil e em outros países do mundo, além de apresentar alguns estudos e considerações acerca dos conhecimentos e competências que fundamentam a atuação nessa função.

## **2.1 A formação de treinadores de futebol no Brasil**

Como abordado anteriormente, o processo de formação de treinadores de futebol é complexo e deve estar alicerçado sobre uma gama de conhecimentos e competências relacionados à atividade esportiva, de modo a proporcionar a possibilidade de intervenção de maneira satisfatória com as equipes e os jogadores que comandar.

No Brasil, assim como consideram Benites, Barbieri e Souza Neto (2007), a função de treinador de futebol continua em um processo de profissionalização, pois, apesar de possuir as suas relações de trabalho estabelecidas com o empregador e com as mesmas legislações do trabalho e da previdência social, ainda existe um esforço em dar legitimidade a este campo de atuação e a formação superior em Educação Física.

No que se refere à Constituição Federal Brasileira, a partir da Lei nº 8.650 de 22 de abril de 1993, o treinador de futebol passa a ser reconhecido como tal quando este exerce a função de “treinar atletas de futebol profissional ou amador, ministrando-lhes técnicas e regras de futebol, com o objetivo de assegurar-lhes conhecimentos táticos e técnicos suficientes para a prática desse esporte” (BRASIL, 1993). Ainda descreve como direitos do treinador de futebol:

- I- ampla e total liberdade na orientação técnica e tática da equipe de futebol;
- II- apoio e assistência moral e material assegurados pelo empregador, para que possa bem desempenhar suas atividades;
- III- exigir do empregador o cumprimento das determinações dos órgãos desportivos atinentes ao futebol profissional (BRASIL, 1993).

E como deveres:

- I- zelar pela disciplina dos atletas sob sua orientação, acatando e fazendo acatar as determinações dos órgãos técnicos do empregador;
- II- manter o sigilo profissional (BRASIL, 1993).



No artigo 3º dessa lei:

Art. 3º O exercício da profissão de Treinador Profissional de Futebol ficará assegurado preferencialmente:

I - aos portadores de diploma expedido por Escolas de Educação Física ou entidades análogas, reconhecidas na forma da Lei;

II - aos profissionais que, até a data do início da vigência desta Lei, hajam, comprovadamente, exercido cargos ou funções de treinador de futebol por prazo não inferior a seis meses, como empregado ou autônomo, em clubes ou associações filiadas às Ligas ou Federações, em todo o território nacional (BRASIL, 1993).

Neste sentido, o direito de atuação como treinador de futebol anteriormente era assegurado pela Lei nº 6.354, de 02 de setembro de 1976, que garante em seu artigo 27 que “Todo ex-atleta profissional de futebol que tenha exercido a profissão durante 3 (três) anos consecutivos ou 5 (cinco) anos alternados, será considerado, para efeito de trabalho, monitor de futebol” (BRASIL, 1976).

Por outro lado, o profissional de Educação Física teve a sua atuação regulamentada a partir da promulgação da Lei nº 9.696, de 1º de setembro de 1998, onde, a ele, é atribuída a responsabilidade sobre as práticas esportivas. A partir dessa lei, a função de treinador de futebol passou a ser uma função exercida também por profissionais de Educação Física (BRASIL, 1998) e, conseqüentemente, a responsabilidade da formação desses profissionais foi transferida para as Instituições de Ensino Superior.

Entretanto, essa legislação permitiu, a todos aqueles que haviam comprovado o exercício de atividades próprias da área de Educação Física até a data de início da vigência dessa lei, realizar a inscrição nos Conselhos Regionais de Educação Física e continuar exercendo a função como “Provisionados”, desde que respeitassem as condições estabelecidas pela legislação (BRASIL, 1998).

Isso gerou muitas discussões no âmbito do exercício de treinadores de futebol e a função continuou sendo exercida, em sua maior parte, por ex-jogadores (MARTURELLI JUNIOR, 2002; COSTA; SAMULSKI; MARQUES, 2006), que se utilizavam das suas próprias experiências como tal. Como evidenciado por Talamoni et al. (2012), o perfil do treinador do futebol brasileiro, ao longo dos anos, apresenta um quadro configuracional no qual o conhecimento obtido de forma empírica enquanto jogador é mais valorizado que os adquiridos através de uma formação específica.

Quando analisamos os cursos superiores de Educação Física, verificamos que as suas estruturas curriculares formam para uma atuação generalizada dos profissionais e não para uma área específica de atuação (FEITOSA; NASCIMENTO, 2006; HUNGER; ROSSI,

2010), como no caso de treinadores de futebol. Apesar de as disciplinas do curso serem fundamentais no que se refere ao planejamento e aplicação das funções relacionadas à área do treinamento esportivo, elas se encontram distantes da intervenção em muitas áreas específicas da profissão. Esses fatos podem ser apontados como motivos para aqueles que atuam nessa função não se preocuparem e não considerarem a formação em Educação Física como importante em sua atuação, passando a valorizar e a reproduzir aquilo que viveram como jogadores de futebol.

Neste sentido, é importante destacar que essa função apresenta dependência da área da Educação Física e das Ciências do Esporte para o seu crescimento e para a sua própria prática (BENITES; BARBIERI; SOUZA NETO, 2007), conforme abordado anteriormente.

A legislação dos órgãos responsáveis pelo futebol no Brasil, quando tratam da regularização dos treinadores de futebol frente às suas equipes em jogos e competições oficiais, sustentam e reproduzem a disputa entre a legislação vigente e a formação necessária para atuar, com a ausência da necessidade de formação específica e a experiência advinda do futebol.

O Regulamento Geral das Competições do Estado de São Paulo (FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL, 2012), que, de acordo com a CBF, está em 1º lugar no Ranking Nacional das Federações (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2012), gere, em seu artigo 15º, a participação da Comissão Técnica de cada equipe, composta pelo treinador, auxiliar técnico, preparador físico, médico e massagista, no seu artigo primeiro.

I- Os 05 (cinco) membros da comissão técnica, obrigatoriamente, antes de cada partida, sob pena de serem impedidos de participar da mesma, deverão apresentar o documento original ou xerox autenticada do CRM para o médico, do CREF para o preparador físico e RG para os demais profissionais.

Já a FFERJ e a FGF, 2ª e 3ª colocadas, respectivamente, no Ranking Nacional das Federações (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2012), também não exigem do treinador nenhum documento específico para compor o banco de reservas e dirigir a equipe durante as partidas oficiais.

No Regulamento Geral das Competições do Estado do Rio de Janeiro (FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 2011) encontramos em seu artigo 20º:

Art. 20º - As associações disputantes deverão afixar na porta dos seus vestiários e disponibilizar ao árbitro da partida com uma antecedência de 45 (quarenta e cinco) minutos antes do seu início, a relação de jogo de atletas e membros da comissão técnica, devidamente assinada pelo responsável, em

papel timbrado do clube, sob pena de multa, dobrada progressivamente nas reincidências, a critério da FERJ, independente das demais sanções previstas no CBJD.

- a) A relação de jogo referida deverá conter, obrigatoriamente, o nome completo, data do nascimento, apelido (se houver), número da camisa de jogo e número de inscrição do atleta da FERJ e identificação civil oficial;
- b) Relação dos nomes e apelidos (se houver) dos membros da comissão técnica e identificação civil oficial;
- c) O CRM e a assinatura do médico.

O Regulamento Geral das Competições da Federação de Futebol do Estado do Rio Grande do Sul (FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL, 2012), em seu artigo 28º, estabelece a permanência, no banco de reservas, apenas do médico e do preparador físico através das carteiras profissionais de suas respectivas áreas, não existindo qualquer referência à função do treinador:

Art. 28º - Nos abrigos (casamatas), reservados os limites da área técnica, poderão permanecer, além da Comissão Técnica (Técnico, Preparador Físico, Médico e Fisioterapeuta ou Massagista), no máximo 07 (sete) atletas reservas, para eventuais substituições, devidamente uniformizados, e que tenham assinado a súmula.

§ 1º - Só será permitida a assinatura da súmula e a permanência no banco de reservas do médico credenciado pela FGF e que esteja regularmente inscrito no seu Conselho Regional de Medicina e que apresente a carteira com o seu número de inscrição neste conselho se assim for solicitado. É vedado a qualquer pessoa, mesmo profissional da saúde não médico que assine a súmula no lugar deste. O médico que tiver realizado o curso da FGF, ou nos últimos 05 (cinco) anos, curso homologado de BLS ou ATLS será credenciado automaticamente.

§ 2º - Só será permitida a assinatura da súmula e a permanência do preparador físico no banco de reservas, desde que apresente o registro do CREF.

Conforme apresentado, nenhuma das três federações filiadas à CBF exige dos treinadores de futebol algum tipo de formação para a sua atuação. Enquanto para outras funções são exigidos os documentos referentes ao conselho de sua respectiva área, como CRM para o médico e CREF para o preparador físico, aos treinadores de futebol só é exigido um documento de identificação civil, ou seja, qualquer pessoa pode atuar como treinador dirigindo e comandando equipes em jogos oficiais organizados por essas federações.

De acordo com a Lei nº 9696/98, seria necessário aos treinadores de futebol portar um documento referente ao conselho que regula a atuação profissional em sua área, no caso, o CREF, sendo de provisionado ou de graduado em Educação Física. No entanto, não é isso que vem ocorrendo nos campeonatos oficiais, promovidos tanto pela CBF como pelas suas

federações. Esses órgãos se apoiam na Lei nº 8650/93 que regulariza a função de Treinador de Futebol e não exige nenhum documento.

Somente a FPF, no ano de 2012, possuía 101 clubes filiados, de futebol profissional masculino, participando de campeonatos oficiais por ela organizados. Nesse caso, eram 101 treinadores de futebol atuando no estado. Esse número de treinadores se restringe a apenas uma das 27 federações de futebol do país, e também desconsidera aqueles que atuam com equipes das categorias de base e do futebol feminino. Dessa maneira, esses treinadores atuam em uma função cujo nível de exigência é muito elevado, sem nenhuma demanda de qualificação profissional e sem fiscalização de qualquer órgão responsável pelo esporte ou por atividades físicas do país.

A CBF, no Parecer nº 5, de 08 de março de 2012, de forma a encerrar essa polêmica, se pronunciou sobre o assunto pelo seu Diretor Jurídico (ANEXO B). Nesse parecer, a entidade esclarece a opinião de que nenhum registro pode ser legalmente exigido dos Treinadores Profissionais de Futebol, sendo que o dever legal de registro no CREF deve caber apenas aos profissionais por eles fiscalizados, o que não é o caso dos treinadores, que possuem legislação própria.

## **2.2 A formação de treinadores de futebol em países da Comunidade Europeia**

A formação de treinadores de futebol apresenta estruturas e normas diferentes em vários países e regiões. Ao contrário do Brasil, os países membros da União Europeia, por exemplo, contam com um modelo que vem tornando-se referência em todo o mundo, já que nesse continente, o esporte vem crescendo e se desenvolvendo, tanto financeiramente quanto em rendimento esportivo, e as seleções europeias cada vez mais vêm conquistando espaço no Ranking FIFA (FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO, 2012).

Assim, neste tópico será apresentado o modelo adotado pela Comunidade Europeia de forma a contribuir para a discussão dessa pesquisa, que envolve a formação de treinadores de futebol.

A preocupação com a formação profissional para atuação no esporte é muito grande, sendo que cada clube deve ter o seu quadro técnico cadastrado na federação responsável, e os seus treinadores e auxiliares devem possuir a licença equivalente ao seu nível de atuação. Os treinadores de futebol e auxiliares que não possuírem habilitação para dirigir as equipes não podem compor o quadro técnico das equipes, tampouco dirigir a equipes em jogos oficiais. A Federação Portuguesa de Futebol, em seu comunicado oficial nº 239, de 1º de fevereiro de 2001, no capítulo V, coloca que (FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL, 2012):

Os Clubes participantes em competições oficiais de futebol de 07 e de 11 devem ter ao seu serviço um quadro técnico composto, pelo menos, pelos seguintes elementos que deverão possuir as qualificações mínimas seguintes:

- a) II Divisão Nacional “B”
  - um treinador principal com a habilitação de nível II
  - um treinador adjunto com a habilitação de nível I
- b) III Divisão Nacional
  - um treinador principal com a habilitação de nível II
  - um treinador adjunto com a habilitação de nível I
- c) Campeonatos Nacionais de Juniores “A” e “B”
  - um treinador principal com a habilitação de nível II
- d) Campeonato Nacional de Juniores “C”
  - um treinador principal com a habilitação de nível I

Os países pertencentes à Comunidade Europeia seguem a mesma proposta de formação de treinadores de futebol. O objetivo dessa comunidade é promover a harmonização das formações e a cooperação na investigação, bem como a forma com que se adaptam às questões econômicas, sociais e jurídicas. A partir desses objetivos foram desenvolvidos trabalhos voltados a elaborar um modelo europeu de formação profissional (COSTA, J. P. A., 2005).

O “Acto Único Europeu”, que se refere à liberdade de circulação de profissionais em todos os países pertencentes à Comunidade Europeia e equivalência de diplomas das habilitações profissionais reconhecidas, criou a necessidade de harmonizar a formação e adaptar a estrutura europeia relativa aos níveis de formação profissional. Dessa forma, coube à Rede Europeia dos Institutos de Ciências do Desporto elaborar uma proposta que apresentasse a estrutura para formação de treinadores na Europa, respeitando as leis e as características nacionais de correlatas vigentes. Integrada a essa proposta, sugerida em 1993, encontramos a formação universitária e não universitária que se destinam desde profissionais altamente qualificados até aos colaboradores voluntários (COSTA, J. P. A., 2005).

A proposta de formação de treinadores conta com cinco níveis de titulação. Os conteúdos, a duração mínima dos cursos e a validação da formação referente aos três últimos níveis (III, IV e V) cabem à União Europeia, enquanto a responsabilidade das qualificações e conteúdos dos níveis I e II cabe a federação de cada país membro (COSTA, J. P. A., 2005).

De acordo com Costa (2005), este sistema de qualificação profissional para os treinadores de futebol permite que os profissionais passem por uma escala progressiva de conhecimentos e competências, além de uma maior responsabilidade profissional. Assim, as qualificações propostas respeitam o princípio de que, quanto maior o nível de formação do treinador, maior grau de responsabilidade, de autonomia no trabalho e da capacidade de gerir a atividade esportiva.

Segundo (COSTA, J. P. A., 2005, p. 15), a proposta de formação de treinadores no que se refere à exigência das tarefas e domínios de atividade:

a) Ao treinador de nível III, que acompanhe um ou vários praticantes e coordene uma equipa de vários monitores auxiliares. Neste nível, o treinador deve:

- Planificar, executar e avaliar o treino;
- Participar na identificação de talentos;
- Auxiliar os desportistas durante a competição;
- Tomar as medidas necessárias para garantir a segurança dos praticantes;
- Seguir a evolução dos conhecimentos.

b) Ao treinador de nível IV, que exerça responsabilidades a todos os níveis de prática desportiva, de formação, de promoção e de organização da actividade desportiva. Além dos domínios da actividade de nível III, o treinador deve:

- Cooperar numa equipa de intervenientes;
- Aconselhar os desportistas durante a competição;
- Organizar, gerir e fazer a promoção da actividade;
- Participar na formação dos treinadores.

c) Ao treinador de nível V, que exerça responsabilidades a todos os níveis de prática desportiva, de concepção de formação, de promoção e de organização apoiando-se numa formação científica multidisciplinar, geral e específica. Para tal, o treinador deve:

- Conceber, planificar, executar e avaliar os procedimentos de treino;
- Coordenar uma equipa de intervenientes;
- Desenvolver estratégias e organizar a detecção de talentos;
- Formular as necessidades e colocar em acção matérias de pesquisa;
- Cooperar na formação dos quadros, concebendo os programas e produzindo documentos didácticos;
- Conceber, organizar e promover a actividade desportiva;
- Seguir a evolução dos conhecimentos.

Os cursos apresentam, ainda, uma proposta de 300 horas e 02 anos de experiência referentes ao nível III, 600 horas e 2 anos de experiência para o nível IV, e 2400 horas, sendo 1200 horas em formação em ciências do desporto e 1200 horas na disciplina específica do desporto, para o nível V (COSTA, J. P. A., 2005).

No que se refere a formação de treinadores em Portugal, encontramos os modelos denominados de Iniciais, que são equivalentes aos níveis I e II. A Formação Inicial pode ser realizada junto ao sistema de ensino, ou seja, nas Universidades, ou realizada no sistema desportivo, que está associada às Federações. A formação também pode estar submetida à integração entre o sistema educativo e o desportivo, pois algumas Federações reconhecem a equivalência do diploma académico de Instituições de Ensino Superior e lhes atribuem a licença dos níveis I ou II (COSTA, J. P. A., 2005).

A Espanha, como membro da União Europeia, tem a formação dos treinadores desportivos como responsabilidade das federações. Apesar da organização e regulamentação

das formações de treinadores bem definidas, esse modelo ainda sofre algumas críticas no sentido de melhorar o processo e contribuir para o desenvolvimento esportivo (FIGUERES, 2009). É possível observar nesse país uma grande preocupação com as questões referentes à formação de treinadores esportivos e não é à toa que o esporte tem se desenvolvido consideravelmente. No caso do futebol, hoje a Espanha ocupa o primeiro lugar no Ranking FIFA e conquistou a última Copa do Mundo da modalidade.

O curso superior de Educação Física nesse país não se relaciona com os módulos oferecidos pelas federações para formação do treinador esportivo que equivalem ao nível I e II. Entretanto, na Educação Física os conhecimentos e as competências necessárias a esses profissionais estão muito próximas àquelas utilizadas pelos treinadores esportivos, inclusive aos treinadores de futebol, seguindo caminhos quase paralelos. A reflexão exigida sobre os conteúdos presentes nessa área também estão muito próximas, e existe a necessidade de uma aproximação dessas formações (FIGUERES, 2009).

Uma crítica que vem crescendo por meio dos estudiosos da área nesse país está justamente ligada à distância que separa os cursos de Educação Física dos cursos de formação de treinadores aplicados pelas federações. Neste sentido, eles julgam conveniente integrar certos conteúdos próprios da Educação Física nos planos de estudo das titulações de treinadores, adaptando-se corretamente a cada modalidade esportiva (FIGUERES, 2009).

Podemos observar nesses países uma preocupação com a formação contínua desses treinadores, ou seja, com o seu desenvolvimento profissional ao longo da carreira. Ainda que os países da União Europeia não possuam um modelo estruturado para a formação contínua, muito se discute sobre essa questão. Por mais que sejam vários os caminhos que a formação contínua possa seguir, o desenvolvimento das competências, aliado a uma concepção de formação, deve estar presente nesse processo, pois a formação profissional de treinadores deve contribuir para que eles próprios reconheçam os pontos a melhorar e sejam encorajados a encontrar formas de se superar (COSTA, J. P. A., 2005).

Os treinadores devem se atentar ao seu próprio desenvolvimento profissional conforme desenvolve a sua atuação. Aprender com as suas experiências por meio de uma reflexão sobre a sua prática é uma ferramenta que possibilita a aquisição e reestruturação de suas competências. Além disso, para a formação contínua, eles são incentivados a participar, por exemplo, de estágios, oficinas, projetos, círculos de estudos, seminários e cursos (COSTA, J. P. A., 2005).

### **2.3 Os conhecimentos e competências relacionados à atuação de treinadores de futebol**

Os níveis de exigências que se apresentam hoje para o treinador de futebol são muito elevados. Como em outras profissões, a qualificação profissional estrutura-se no modo como os profissionais adaptam e aplicam os seus conhecimentos e competências (ARAUJO, 1999). Para Marques (2000), atingir o sucesso como treinador de alto nível depende da aquisição de um conjunto vasto desses recursos e da forma como os utiliza.

Assim sendo, apresentar os conhecimentos e competências presentes nessa função é essencial para compreendermos como se dá a atuação desses treinadores, e, conseqüentemente, refletirmos sobre os processos de formação.

Os treinadores de futebol, na visão de Gomes e Souza (2008), devem ser estudiosos e buscarem o conhecimento a todo o momento. Devido ao fato de os conhecimentos profissionais dessa área aumentarem rapidamente pelo número de pesquisas realizadas em treinamento desportivo pelo mundo, somente os conhecimentos adquiridos em algum momento da vida não são suficientes para sustentar uma atuação profissional adequada. Logo, ex-jogadores que tiveram a oportunidade de vivenciar um sistema de treinamento voltado ao alto rendimento e não se preocuparam em adquirir conhecimentos de outras formas e se atualizar, dificilmente são os mais indicados para atuar na função.

Duarte (2009) considera que a principal função do treinador de futebol é preparar os seus jogadores para os jogos e competições. A sua intervenção é um processo complexo, que se manifesta durante as sessões de treinamento e durante os jogos, relacionando-se diretamente ao rendimento dos jogadores. Assim, o treinador deve possuir o domínio sobre conhecimentos e competências em diversas áreas e várias funções de modo a influenciar e conduzir da melhor maneira possível a sua equipe.

Embora popularmente os conceitos de conhecimento e competência sejam utilizados com o mesmo significado, existe distinção entre eles. O termo “conhecimento” está relacionado a uma área mais teórica, representando o domínio de conceitos, teorias, fatos e procedimentos sobre determinado assunto, enquanto a competência é uma forma de utilizar os conhecimentos de maneira estratégica, utilizando-os de forma adequada em diversas situações específicas (CUNHA, 2008). As noções de conhecimento, e principalmente de competências, surgem associadas às ideias de formação, instrução e educação, de forma a englobar todos esses termos. Entretanto, as noções de competências não podem ser separadas dos conhecimentos, pois os conhecimentos são fundamentais para se articular as necessidades relacionadas à atuação profissional (ARAUJO, 1999).



O domínio de conhecimentos relacionados à organização, administração, economia, ciência e pedagogia são essenciais para o treinador ser mais que apenas um simples condutor das sessões de treino, tornando-se o principal responsável por toda a preparação esportiva (MARQUES, 2000). Feitosa e Nascimento (2006) também consideram o conhecimento sobre as teorias metodológicas do treinamento esportivo, preparação física, psicologia, planejamento das sessões de treino e regras da modalidade esportiva como essenciais ao treinador.

Já em relação às competências, Araújo (1999) acredita que essas não podem estar dissociadas de uma situação real de trabalho, ou seja, inseparável da ação. Dessa forma, Feitosa e Nascimento (2006) consideram como importantes ao treinador competências referentes à observação e análise de jogos, análise dos sistemas táticos, detecção de talentos, intervenção em treinos e jogos, programação da temporada esportiva e o domínio de testes e avaliações específicas da modalidade.

Duarte (2009) pondera uma série de competências que se associam às funções de um treinador de futebol profissional, que são elas: competências psicológicas, fundamentais nas funções do treinador para auxiliar na concretização dos objetivos do treino, favorecendo a aprendizagem dos jogadores e da equipe que englobam as competências interpessoais e intrapessoais referentes à relação com os atletas e às características de personalidade do treinador, respectivamente; de comunicação, para lidar com os agentes esportivos que fazem parte do sistema de relações do treinador; de liderança, sendo uma das principais variáveis do rendimento; de coesão de grupo, que visa à obtenção de produtividade através da articulação dos membros da equipe; de motivação, que se trata do processo interno que permite ativar, dirigir e manter a equipe no sentido de um objetivo: autoconfiança, ou convicção no sucesso, que é uma das condições essenciais para se alcançar a vitória. Competências técnicas se referem a um modelo de treino e trabalho eficaz. Para o autor, competências nos domínios de competições, de treino e avaliação, são essenciais para contribuir positivamente no seu trabalho. Entretanto, as competências do treinador devem se relacionar e combinar para potencializar o desenvolvimento do processo de treino, tornando-o harmonioso e eficaz, conduzindo ao sucesso desportivo.

Batista, Graça e Matos (2008), investigando 120 profissionais de Educação Física, encontraram algumas expressões associadas às características do treinador competente. Em relação à hierarquia foram destacados os termos liderança, pontualidade, postura pedagógica, resultados, perfeccionista e conhecimento. Para características pessoais, encontraram: ambicioso, com espírito de humor, personalidade forte, líder, curioso, dinâmico, autoritário,

convicto, seguro, flexível, tolerante, perseverante, compreensivo, equilibrado, inteligente, persuasivo, afetivo e consistente. Já para características relacionais, observaram conceitos como relação com os atletas, humanismo, ajudar os que precisam, saber quando apoiar os atletas, dinâmica de grupo, ligação afetiva e espírito de grupo. Em relação à ética profissional destaca-se organizado, rigoroso, profissionalismo, trabalhador, empenhado, dedicado e interessado.

Por fim, para os conhecimentos foram apontados conhecimento na área, bom nível teórico, conhecimento geral e específico, domínio sobre as áreas técnicas, conhecimento da modalidade, formação acadêmica, conhecimento do planejamento, formação de base, conhecimento de jogo, treino e princípios do treino, conhecimento dos atletas, competência técnica e científica e conhecimento do que faz.

Como apresentado por Jones, Armour e Potrac (2003), um treinador durante toda a sua carreira adquire experiências que podem contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos e competências relacionadas à sua atuação profissional. As situações que emergem de sua prática, como problemas inesperados e adaptação de suas escolhas em diversas situações, além da experiência adquirida na sua relação com outros profissionais da área e na condução do processo de treino e competição junto aos jogadores de sua equipe, podem gerar uma reflexão positiva sobre os seus próprios conhecimentos e competências, proporcionando assim a possibilidade de melhorar a sua prática na atuação como treinador de futebol.

## CAPÍTULO 3 - A TRAJETÓRIA, FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DE TREINADORES DE FUTEBOL

---

### 3.1 Trajetória e formação profissional

Para análise e contextualização da trajetória dos indivíduos, devemos considerar que suas vidas foram influenciadas pelas relações sociais estruturadas nas configurações que lhes foram presentes. A influência da situação social em que estavam inseridos e a sua relação com outras pessoas durante suas vidas, tanto em nível pessoal como profissional, apresentam grande relevância para entendermos o sujeito e as questões que fazem parte de sua vida.

Elias (1995), em sua obra intitulada “Mozart: sociologia de um gênio”, retrata de forma muito clara essa questão, apresentando a necessidade de se entender a trajetória de um indivíduo através da influência da sociedade em sua vida. Nessa obra, o autor contextualiza a vida do músico Wolfgang Amadeus Mozart identificando os anseios e realizações que se apresentavam frente ao contexto em que ele estava inserido, levando em consideração as características sociais de sua época e as pessoas que o influenciaram, sendo, de alguma forma, importantes e significativas. O autor considera que, “para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas dependendo da medida que elas conseguem realizar tais aspirações.” (p.13). Além disso, para entender as situações que os indivíduos enfrentam em suas vidas, é preciso “traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo.” (p.18).

Neste sentido, Elias (1970) acredita ser impossível analisar um indivíduo sem considerar as relações sociais presentes em sua vida, pois o homem é “essencialmente um ser social” (p.135). Ao estudar uma pessoa como um ser singular e isolado, alheio ao mundo que o cerca, limitamos a nossa compreensão do todo e de como esse sujeito, as suas decisões e realizações foram influenciadas pelo meio em que vivia e pelas experiências que ele vivenciou.

O indivíduo, a partir das configurações sociais formadas através de suas relações de interdependência com outras pessoas, é modificado tanto no plano individual quanto no plano social, o que Norbert Elias define como psicogênese e sociogênese, respectivamente. Esses conceitos se referem a mudanças nos comportamentos dos indivíduos, que se adequam e se moldam de acordo com as influências e os acontecimentos sociais que ocorrem na sociedade a qual pertencem (BRANDÃO, 2000).

Para Elias (1995), as pessoas fazem suas escolhas a partir de influências que resultam das diferentes configurações em que estão inseridas durante a sua vida, e que evoluem naturalmente de acordo com o seu convívio social. As ideias, vontades e desejos são modelados a partir de todas as suas experiências, principalmente daquelas que se apresentaram no interior dos grupos em que conviveu ao longo de sua vida. A partir da análise da trajetória dos treinadores, acreditamos ser possível apresentar como as configurações em que eles estavam inseridos durante suas vidas influenciaram suas carreiras e, conseqüentemente, a atuação profissional.

Neste sentido, alguns trabalhos vêm analisando a trajetória de profissionais no campo da Educação Física e Esportes (BETTI; MIZUKAMI, 1997; JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003), buscando compreender como os profissionais da área constroem os conhecimentos e competências utilizados em suas carreiras. Esses estudos têm contribuído para a compreensão dos aspectos referentes à formação e de onde emergiram as motivações, perspectivas e objetivos que eles trazem consigo e utilizam em sua atuação profissional. As investigações permitem, ainda, entender os significados atribuídos pelo próprio sujeito da pesquisa aos acontecimentos e aos fatos vividos ao longo dos anos.

No campo dos Esportes, os estudos voltados a investigar a trajetória dos responsáveis pela atuação nesse espaço são bastante escassos, principalmente quando comparados às pesquisas no campo da Educação sobre a trajetória de professores. Os estudos que se preocupam em estudar a história de vida de professores “têm contribuído para uma melhor compreensão da profissão docente, na medida em que renova as teorizações e os dispositivos de pesquisa e formação profissional” (BURNIER et al., 2007, p. 344).

Os estudos que empregam uma abordagem dessa natureza na pesquisa educacional, voltada à formação de professores, se preocupam em analisar as dimensões profissionais e pessoais presentes na função de professores, considerando a construção de seus valores e experiências, e não apenas por suas práticas de ensino. Dessa forma, a investigação sobre a trajetória de docentes vem permitindo estabelecer as relações com a atuação, no caso, a docência (BURNIER et al., 2007).

Para Pereira (2006), um profissional bem sucedido é o produto de um fenômeno complexo. O seu desempenho dentro da profissão é o resultado de suas atitudes, crenças, conhecimentos, competências, comportamentos e práticas que refletem a forma pela qual encaram o mundo e a sua profissão, dentre outros fatores que têm influência na sua carreira. Por conta disso, quando analisamos um profissional, devemos considerar as suas experiências

de vida nas esferas sociais, morais, psicológicas, políticas e pedagógicas, e a maneira pela qual essas esferas interferem umas nas outras.

No que se refere à intervenção de treinadores de futebol, podemos destacar uma atividade que remete à organização das atividades de treino, preparação de jogadores e desenvolvimento dos fatores relacionados ao rendimento. Ao mesmo tempo, os treinadores assumem a responsabilidade de suprir as demandas de todo o ambiente que podem influenciar nos resultados (RAMOS et al., 2011).

Dessa forma, a análise da trajetória nos permite investigar profissionais que se destacam em uma determinada área, realçando perspectivas, conhecimentos e competências relacionadas às variadas experiências utilizadas em suas profissões. É possível analisar o sujeito investigado em profundidade, construindo uma reflexão sobre todo o seu processo de formação, tomando consciência das estratégias, do caminho trilhado e dos momentos importantes ao longo de sua vida, identificando a importância que os profissionais dão aos conteúdos de sua formação (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003; PEREIRA, 2006) e como articulam conhecimentos obtidos com a prática profissional (PEREIRA, 2006), trazendo acréscimos ao entendimento da área e ao conhecimento científico.

No futebol, a história de vida do treinador inglês Steve Harrison foi investigada por Jones, Armour e Potrac (2003), com o objetivo de apresentar os meios pelos quais um treinador de futebol de alto nível vem constituindo a sua carreira. Esse treinador trabalhou em diversos clubes profissionais, além de ter sido treinador da seleção nacional inglesa por dois anos. Nesse estudo, os autores descrevem os motivos que levaram o treinador a encerrar sua carreira de jogador profissional, que, no caso, ocorreu devido a uma grave lesão no joelho que o impediu de continuar atuando em alto nível. Após encerrar sua carreira como jogador de futebol, Steve teve oportunidade de tornar-se treinador, função que aceitou com determinação e entusiasmo. Os autores se preocupam em contextualizar durante esse trabalho as características dos locais em que ele estava atuando, além de destacar os seus anseios e frustrações ao longo de vários momentos de sua carreira, e como essas questões influenciaram para ele se tornar o treinador que é hoje.

O estudo apresenta a trajetória do treinador, articulando as experiências e as maneiras como obteve e vem obtendo conhecimentos para a sua atuação. É ressaltada a relevância da relação com outros treinadores e com “mentores” com os quais ele considera determinantes para a aquisição de conhecimentos importantes. Outro fator de destaque em sua história de vida é a sua relação com os jogadores e com o dia-a-dia de trabalho, em que as experiências resultantes do seu envolvimento e atuação como treinador vêm apresentando grande

influência em sua função. A relevância da certificação de futebol da União Europeia, através do curso de formação de treinadores ministrado por essa entidade, também está salientada pelo sujeito do estudo. O treinador considera o curso para treinadores que ele realizou importante para a construção do seu conhecimento profissional, pois assim foi possível articular os conhecimentos teóricos com os obtidos na prática (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003).

A partir desse estudo, é possível observar que a análise da trajetória de um profissional bem-sucedido em sua área pode auxiliar na compreensão de pontos cruciais da formação profissional. Além disso, permite que consigamos articular as suas experiências de vida com os problemas atuais da área em questão, através de uma reflexão sobre as relações sociais que influenciaram a sua carreira, pois, como consideram Folle e Nascimento (2009), tratando-se da carreira de professores, a experiência profissional de um indivíduo é marcada por vários acontecimentos, tanto positivos como negativos em seu cotidiano. Esses acontecimentos podem auxiliar na compreensão de mudanças que ocorrem durante o seu percurso profissional, influenciadas pelas suas experiências. Os autores consideram também que uma carreira compreende um processo com vários acontecimentos, e que eles não se apresentam necessariamente de forma linear.

Assim, da maneira como a contextualização da carreira do treinador Steve Harrison apresentou informações importantes acerca dessa função, a análise de trajetórias de treinadores brasileiros pode nos trazer informações que melhor se adequem à nossa realidade e cultura, principalmente no que se refere ao campo da formação profissional. Por intermédio dos percursos desses treinadores podemos ter uma visão de suas atuações profissionais e das relações sociais que influenciaram suas vidas e carreiras, permitindo uma reflexão acerca da formação de treinadores de futebol.

### **3.2 A teoria de Norbert Elias como modelo de análise da trajetória de treinadores**

Neste capítulo, apresentaremos alguns dos principais pontos da pesquisa intitulada “AS CONFIGURAÇÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO: ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DE UM TREINADOR”<sup>4</sup>. Este artigo foi elaborado inicialmente com os dados provenientes do

---

<sup>4</sup>TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. S.; HUNGER, D. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. Movimento, Porto Alegre, v. 19, n. 1, 2013.

estudo piloto sugerido no projeto dessa dissertação de mestrado, e teve como objetivo a aproximação e familiarização do pesquisador com a metodologia adotada antes do início de sua construção. Através dessa pesquisa inicial, esperou-se verificar a aplicabilidade dos procedimentos da pesquisa com um treinador de futebol.

A abordagem desse artigo se justifica pelo fato de ter sido a primeira publicação teórica do autor utilizando a abordagem metodológica de pesquisa “História de Vida” e a teoria elisiana como modelo teórico para análise da trajetória de um treinador de futebol. Embora o treinador participante do estudo não tenha sido campeão brasileiro de futebol, o mesmo possui experiência com clubes de alto rendimento, além de ter dirigido uma seleção nacional em um país do Oriente Médio. Assim, por meio da contextualização e análise de sua trajetória a partir da teoria de Elias, foi possível compreender algumas das relações entre o sujeito e as configurações que lhe proporcionaram constituir sua carreira. Além disso, também foram identificados quais os conhecimentos e competências – adquiridos no interior das configurações em que esteve inserido – por ele utilizados em sua prática profissional e como ele os articula para se manter nesse espaço.

A primeira parte do artigo trata especificamente das configurações presentes na trajetória do treinador investigado. Podemos perceber que o futebol esteve presente desde o início de sua vida, pois a rotina da maioria das pessoas, inclusive de sua família, apresentava esse esporte como principal paixão. No interior do Rio Grande do Sul, cresceu disputando “peladas” com os amigos durante toda a sua infância e adolescência, já que, pela facilidade, era uma das únicas atividades das quais eles podiam praticar. Somando a influência do seu pai, sua relação com o futebol foi se fortalecendo nesse período. Mesmo na adolescência, quando passou a trabalhar para auxiliar nas despesas familiares, não deixou de se envolver nas brincadeiras e jogos junto aos amigos.

Posteriormente o estudo identifica outras relações importantes de interdependência presentes na vida do entrevistado, como aquelas referentes ao período em que passou a fazer parte de equipes de formação de clubes profissionais, alimentando a sua expectativa e de seus familiares de que se tornasse jogador. Tornou-se jogador das equipes de formação do Internacional, grande clube do Rio Grande do Sul, no entanto, por questões familiares, foi obrigado a ir morar com um tio em Curitiba, onde continuou buscando seu sonho e se profissionalizou em um clube da capital paranaense. Pensando em seu futuro, cursou Educação Física durante o período em que atuava como jogador. Em dado momento, com a saída do treinador da equipe à qual estava vinculado, os dirigentes precisaram de alguém para ocupar a função. Pelo seu histórico, o entrevistado assumiu como treinador conquistando

excelentes resultados. Em sua carreira como tal dirigiu grandes equipes no Brasil e no exterior, além de uma seleção nacional de um país do Oriente Médio (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013).

Durante a descrição da trajetória do treinador, o contexto histórico é articulado junto com a teoria de Norbert Elias, e apresenta pontos significantes para entendermos a influência das experiências vividas no interior das configurações nas quais ele esteve inserido. Os seus desejos bem como as suas escolhas podem ser mais bem esclarecidas através do referencial e da fundamentação teórica utilizada.

Na segunda parte da pesquisa são abordadas as disputas que emergiram das relações de interdependência envolvidas nas configurações nas quais ele fez parte. No trabalho em questão, essas disputas se referem às implicações que suas experiências enquanto jogador, e aquelas adquiridas durante sua formação em Educação Física, apresentaram em sua carreira. Os conceitos de “estabelecidos” e “outsiders” desenvolvidos por Elias e Scotson (2000) foram utilizados para entender como se configuram as disputas de poder entre aqueles que pertencem a esses grupos (ex-jogadores e acadêmicos).

Cabe ressaltar que os conhecimentos e competências declarados pelo entrevistado, provenientes tanto das experiências em sua carreira como jogador e em sua formação em Educação Física, assumem relevância na trajetória desse treinador. Entretanto, as experiências advindas de sua carreira como jogador proporcionaram, em sua opinião, a condição de atuar como treinador de futebol. Tal fato reflete a estrutura atual do campo de trabalho de treinadores de futebol, ocupado em sua maioria por aqueles que foram jogadores. Neste sentido, apesar de o treinador entrevistado considerar importante sua formação acadêmica e os conhecimentos obtidos nas disciplinas cursadas, ele acredita que foram os anos atuando como jogador que o permitiram se tornar treinador de futebol.

Enquanto treinador teve uma série de experiências que contribuíram para melhorar sua atuação profissional. Durante os 34 anos de carreira, “reconheceu uma série de modificações dentro das configurações do futebol, e a partir das experiências vivenciadas em sua trajetória foi possível se adequar a elas e obter um balanço altamente positivo de sua carreira” (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013, p. 88).

Dessa forma, foi possível identificar na trajetória desse treinador que,

[...] os conhecimentos mais importantes para sua atuação foram aqueles adquiridos a partir de suas experiências enquanto jogador e durante sua carreira como treinador. As situações que emergiram das relações de dentro do futebol, em sua opinião, contribuíram para se estabelecer profissionalmente, atuando por mais de 30 anos. Os conhecimentos advindos de sua formação superior em Educação Física também foram valorizados por



ele. A partir deles passou a ter um olhar científico sobre o futebol e permitiu aceitar as mudanças com mais facilidade, justamente no momento em que profissionais com formação acadêmica começavam a ter força no futebol. Porém, no decorrer de sua trajetória fica claro a importância de ter sido jogador, e como esse histórico influencia em sua profissão, assumindo mais autoridade nas configurações em que ele esteve inserido (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013, p. 89-90).

A partir dos apontamentos anteriores, compreendermos os caminhos trilhados e as escolhas tomadas por treinadores de futebol podem nos auxiliar a entender a função e a discutir as questões relacionadas à formação profissional. Para isso, a teoria de Norbert Elias, como modelo de análise das questões do campo profissional, mostrou-se eficiente e foi também utilizada para entender a trajetória de treinadores que alcançaram resultados expressivos no futebol brasileiro.

### **3.3 A trajetória de treinadores de futebol campeões brasileiros**

#### *3.3.1 A trajetória do treinador Geninho*

O futebol na década de 1940 e 1950 já fazia parte do dia-a-dia da maioria das famílias brasileiras, proporcionando uma série de relações de cumplicidade e rivalidade entre as pessoas (PERDIGÃO, 1986). A presença e a importância do esporte no cotidiano familiar refletia nas brincadeiras de infância de crianças e adolescentes, fato que ocorre em muitos lugares do país até hoje.

Na infância do treinador Geninho, nascido no final da década de 1940, em Ribeirão Preto, cidade do interior de São Paulo, a configuração presente não era diferente. O futebol e os jogos relacionados a esse esporte faziam parte do dia-a-dia de muitos garotos, que encontravam em qualquer lugar a possibilidade de jogar e se divertir.

“Eu como toda criança comecei jogando futebol de rua. Era diferente, né? Há mais de 40 anos praticamente. Era futebol de vila, jogava-se em campinho de terra... E comecei nisso.” (Geninho).

A prática inicialmente ocorria de forma descompromissada com os amigos, quando a preocupação era apenas ludicidade e a diversão de todos. Posteriormente, o que era para ser apenas brincadeira com os amigos se tornou uma prática que exigia mais dedicação. Assim,

os garotos de sua vila formaram uma equipe para disputar torneios e jogos na cidade de Ribeirão Preto. Foi em uma dessas partidas, contra a equipe do Botafogo (SP), que surgiu a oportunidade de fazer parte de um time de futebol profissional.

“[...] nós tínhamos um time e fomos jogar contra o Botafogo. Os caras gostaram e me convidaram pra ir pro Botafogo. Aí eu fui pro Botafogo e com 15 anos eu comecei a jogar nas divisões de base do Botafogo.” (Geninho).

Elias (1995) destaca que as decisões de uma pessoa são influenciadas pelas estruturas das configurações em que ela está inserida. Desse modo, pode ter sido nesse período que foi despertado em Geninho o desejo de se tornar um jogador profissional de futebol, já que passou a participar de treinamentos e jogar por um clube profissional. Além disso, os jogadores profissionais da época exerciam um grande fascínio entre os brasileiros. Um desses jogadores, grande ídolo de Geninho, era Pelé.

“Na minha época eu ainda peguei Pelé jogando né? Então o grande ídolo da época era o Pelé.” (Geninho).

Geninho, vinculado a um clube profissional, treinava apenas algumas vezes por semana para realizar as partidas pela equipe do Botafogo. Diferente das categorias de base dos clubes brasileiros hoje, em sua época as equipes tinham pouca condição de trabalho. Thiengo (2011), analisando o centro de formação de um clube de São Paulo identificou um quadro que conta com um grande número de profissionais para atender a rotina diária de treinamentos na formação de jogadores. Além dos profissionais, o clube possui uma estrutura física milionária que atende cerca de 300 jogadores.

“Na Base do Botafogo nós treinávamos duas vezes por semana. Você treinava acho que de quarta e de sexta e jogava sábado e domingo. Ou terça e quinta e jogava de sábado.” (Geninho).

“Não tinha esse negócio de estrutura. Cada um... A única coisa que a gente ganhava em um clube como o Botafogo é que você ganhava o material pra jogar. Essa era a grande vantagem. Você jogava em um clube de nome, que era conhecido, e você tinha o seu material de jogo.” (Geninho).

Esse modelo e estrutura dos treinos na categoria de base permitiram que ele não abrisse mão de outras atividades em sua adolescência. Foi nesse período que descobriu outra grande paixão no esporte, o voleibol.

“Eu fui jogador profissional de futebol durante 20 anos e a única coisa que eu joguei bem foi voleibol. Eu cheguei... cheguei a fazer a seleção de Ribeirão, cheguei a fazer a seleção Paulista. Eu... quer dizer, na minha época... hoje eu seria um anão dentro do voleibol, né? Talvez nem jogasse. Mas na minha época não... tinha uns caras um pouco mais altos do que eu. Eu tenho por volta de 1,80m. Tinha gente de 1,90m, mas não tinha jogador de 2,10m, 2,15m, como todo mundo tá hoje. Então era diferente.” (Geninho).

Entretanto, apesar de gostar muito do voleibol tinha a responsabilidade como jogador profissional do Botafogo. Estava indo bem como goleiro do Botafogo e havia assinado um contrato com o clube. A relação de interdependência do futebol associado à questão do voleibol não oferecia, naquela época, nenhuma perspectiva financeira. Isso fez com que ele optasse só pelo futebol e seguisse vinculado ao clube.

“[...] o futebol me dava dinheiro e o voleibol não. E eu não poderia fazer os dois. Eu disputava os Jogos Abertos por Ribeirão Preto. Aí tinha uma lei que o jogador... que o atleta profissional não poderia disputar os Jogos Abertos. E eu tinha me profissionalizado no Botafogo com pouco tempo. Eu com 16, 17 anos me profissionalizei no Botafogo e eu não podia mais jogar os Jogos Abertos. Então, eu acabei optando pelo futebol. O voleibol sempre fez parte da minha vida, sempre que eu posso eu jogava... agora tenho jogado muito menos, mas sempre jogava, continuei brincando com os amigos mas... o voleibol também não dava o dinheiro que dá hoje. Mas se as duas carreiras na época fossem profissionais talvez eu tivesse optado pelo voleibol, mas na época a carreira profissional era só futebol. Voleibol era estritamente amador.” (Geninho).

Apesar das relações de interdependência que a sociedade apresentava com o futebol naquela época, ser jogador futebol não era visto com bons olhos. Por isso e para garantir uma situação financeira estável no futuro, toda a sua família queria que ele estudasse e concluísse os estudos ao invés de se estabelecer como jogador.

“Na minha época não era muito bom você ser jogador de futebol. O futebol não tinha a moral que ele tem hoje. Ele não era recebido na sociedade como ele é hoje. Ganhava-se muito mal. Então não era um emprego que tinha muita renda. Jogador de futebol era marginalizado, era marginalizado pela sociedade em si. Você não era muito aceito em clubes, você tinha... Não que você era proibido de ir, mas você era olhado meio de lado em alguns locais que você frequentava, principalmente em locais mais elitizados, né?” (Geninho).

Com a forte influência dos pais para que estudasse e abandonasse o futebol, decidiu cursar Direito para posteriormente atuar nessa profissão. Provavelmente seus pais não

desejavam que ele pudesse ser estigmatizado por ser jogador de futebol e insistiram para que estudasse e, assim, tivesse possibilidade de construir uma carreira em outra área, para não se tornar refém de um destino social associado ao futebol.

“Eu sempre gostei de Direito. Eu realmente queria ser advogado. Sempre gostei. Eu nunca gostei muito de matemática... física, química, isso não era muito meu. Eu era muito mais chegado em história, muito mais chegado em filosofia, psicologia, essas coisas do que as ciências exatas. E sempre gostei de Direito. Sempre gostei.” (Geninho).

Enquanto cursava Direito ainda atuava como jogador de futebol. Conciliava os estudos e o esporte, já que os treinos aconteciam em apenas um período do dia. Em uma época, motivado pelo esporte que fazia parte de sua vida, ingressou também na faculdade de Educação Física. Frequentava a faculdade nos períodos da manhã e da noite para assistir às aulas dos dois cursos. Durante a tarde, apresentava-se no clube para treinar. No segundo ano da faculdade de Educação Física, os treinamentos em seu clube passaram a acontecer em dois períodos, o que fez com que abandonasse o curso e concluísse apenas o bacharel em Direito.

Foster (2002) destaca que o futebol, a partir da década de 1960, tornou-se um símbolo de ascensão social a partir de investimentos financeiros no esporte. Jogadores passaram a ser protagonistas de campanhas publicitárias e alvo de interesse de grandes clubes do exterior. Todas essas questões fizeram com que os clubes começassem a se estruturar e remunerar seus jogadores. Geninho, por estar se destacando como jogador e garantindo uma fonte de renda considerável através do esporte, concluiu os estudos e continuou atuando como jogador. Antes de terminar os estudos casou-se com sua atual esposa, e assumiu a responsabilidade de constituir uma família.

“[...] era jogar futebol até me formar. A ideia sempre foi essa. Eu jogaria bola até terminar a faculdade e a partir da faculdade eu iria advogar. Eu acabei me formando em 73, prestei exame na ordem, tanto que tenho o número da ordem até hoje. Mas, nessa época, eu estava começando a despontar no futebol. Eu era titular na época... Quando eu me formei eu já estava em Sorocaba. Eu fiz meu último ano de faculdade aqui em Ribeirão, mas jogando pelo São Bento de Sorocaba. Eu ia e voltava muitas vezes. E eu acabei... eu estava ganhando, pra época, alguma coisa relativamente bem... E pra começar uma carreira que eu não tinha rendimento nenhum por uma que eu já tinha um rendimento... e na época eu já tinha me casado. Então eu optei por uma coisa mais segura que era o futebol. Falei vou jogar um pouco e daqui a pouco eu mudo. Fui jogando um pouco, jogando um pouco...” (Geninho).

Geninho despertou outros interesses enquanto fazia faculdade. Planejou jogar futebol por mais um curto período e depois passar a exercer sua profissão de advogado. Entretanto, atuou como jogador por aproximadamente 20 anos.

Prosseguir na configuração do futebol apresentou mais significado para ele. Durante sua carreira de jogador, de acordo com os seus interesses, modificou as relações de interdependência nessa configuração, e passou a assumir uma postura diferente. Como o seu sustento e o de sua família provinham de seu emprego no futebol, passou a levar a sério e se dedicar para fazer o melhor possível.

“No começo não era com muita seriedade, não. No começo, eu era muito jovem, né? Muito jovem... Jovem e descobrindo a vida, como muitos jovens de hoje. Apesar de que eu digo: hoje, o esquema do futebol profissional é muito diferente. É muito difícil você fazer uma comparação de hoje com o futebol na minha época. Então, na minha época você treinava um período, você não tinha esses profissionais todos, essas concentrações todas, as obrigações não eram tão rígidas. Os treinamentos eles não tinham toda essa sofisticação que tem hoje, todo esse aparato de academia, nutricionista... Era o treinador. O treinador era tudo. O treinador era preparador físico, treinador de goleiro, ele era tudo. Só tinha o treinador. Nos treinos, você treinava em campo, que eram horrorosos, com a grama uma aqui e outra ali e o resto era terra. O time tinha meia dúzia de bolas, sempre com dificuldades. E como todo garoto eu tava ali... Como eu te disse, no começo eu estava esperando o tempo passar pra me formar e aí deixar o futebol. Então o começo não foi muito sério. Depois não. Depois que eu casei, aí as coisas começaram a ser levadas de uma maneira mais séria. Aí, sim, eu treinava com muita seriedade. E quando eu comecei, me formei e não comecei a advogar. Eu comecei a encarar o futebol mais sério, bem mais sério. Aí eu realmente encarei o futebol como profissão. Aí... Aí o futebol foi evoluindo, eu comecei a pegar toda essa evolução do futebol.” (Geninho).

Em sua carreira de jogador de futebol nunca teve a oportunidade de vestir a camisa de um grande clube brasileiro, como era o desejo de praticamente todos os jogadores. Ser contratado por uma equipe como São Paulo, Santos, Corinthians ou Palmeiras, no estado de São Paulo, por exemplo, significava ter melhores condições de trabalho e reconhecimento financeiro, além de obter visibilidade e fazer parte da elite do futebol nacional.

Entretanto, atuou em clubes de menor expressão que ainda hoje possuem tradição e destaque nos seus respectivos estados. Nessas equipes praticamente sempre foi titular, participando da maioria dos jogos e atingindo um nível de reconhecimento social que lhe permitiu atuar em vários clubes e constituir uma carreira sólida enquanto jogador.

“Eu nunca consegui jogar em time grande, mas eu consegui ser titular em praticamente quase todas as equipes que eu passei, né? Eu tive no Botafogo

um período de entra-sai, entra-sai. Depois eu fui pra Sorocaba e fui titular durante 4 anos no São Bento, a torcida lá me adora, os antigos todos, né? Tive uma passagem muito boa no São Bento, alguns campeonatos muito bons. O pessoal lá todo... Quando eu ia em Sorocaba era uma festa, fui 4 anos. Depois fui para a Francana, fui 4 anos titular na Francana. Depois fui pro Juventude, fui 2 anos titular do Juventude. Fui titular no Caxias. Então, eu fui titular nas equipes que eu joguei, e não tive chance de uma grande equipe. Mas... Fui titular nas equipes que eu joguei e isso me deixou bastante realizado porque onde eu estava eu consegui ser o titular da posição.” (Geninho).

Depois de uma longa carreira de jogador, na condição de capitão do time, exercia uma liderança positiva em sua equipe que era percebida por ele e pelos outros. Bem visto pelos dirigentes, em um período que estava afastado por culpa de uma lesão, recebeu o convite para assumir a posição de treinador. Ele sentia-se preparado e aceitou a reponsabilidade de dirigir a equipe. No início de sua atuação como treinador já conseguiu atingir bons resultados, o que foi determinante para se estabelecer na função.

Na estrutura do futebol brasileiro é comum a função de treinador, como podemos observar em muitos clubes, ser ocupada por ex-jogadores. Esse contexto apresenta uma valorização social para aqueles que obtiveram experiências adquiridas enquanto jogadores de futebol (MARTURELLI JUNIOR, 2002; TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013).

“Eu já estava com 34, 35 anos, e eu estava no Novo Hamburgo e tive uma pequena lesão, que ia me deixar fora aí por uns 15 dias mais ou menos. Nesse período que eu fiquei fora teve um problema e saiu o treinador. Saiu o treinador e a diretoria... Como eu era o capitão do time, era a pessoa mais velha... Nós tínhamos... O treinador saiu acho que em uma segunda-feira, terça-feira, e naquela época, como eu te disse, não tinha auxiliar técnico... Aí a diretoria me chamou e disse: - Olha, toma conta desse time até quarta-feira até a gente contratar um treinador. Eu peguei o time e o time ganhou. Acho que um jogo fora. Nós fizemos o Novo Hamburgo contra o Inter de Santa Maria. Depois no domingo, eu tinha um jogo em casa contra o Inter de Porto Alegre, e não tinha ainda se acertado com um treinador, e nós fizemos o jogo e ganhamos de novo. Aí nós estávamos em uma reta final, faltavam dois meses pra terminar o ano. “Ah, você podia conciliar!”. Eu falei: - Não. Não vou conciliar. Eu fico como treinador e deixo de ser jogador. Daí acabei tocando até o final do ano. Já no final do ano depois, larguei, e no ano seguinte já fiz o contrato de treinador e não de jogador mais.” (Geninho).

Estabelecido como treinador, tendo respaldo social devido à sua carreira como jogador, fez trabalhos notáveis frente a equipes no Brasil e no exterior, alcançando títulos importantes em vários clubes que passou. Durante sua carreira foi motivado a fazer o melhor trabalho possível nas equipes que dirigiu, buscando sempre a vitória.

“Eu entro em tudo pra tentar ser o melhor. Eu posso estar treinando um clube de quinta divisão e eu quero ganhar. [...] Pra mim o que importa é o trabalho e o objetivo. Então eu vou trabalhar da mesma maneira. Aquilo que eu vou fazer no time grande eu vou fazer no pequeno.” (Geninho).

“E procuro tirar do jogador a mesma coisa que eu tiro de um time menor e de um time maior. Então quando eu trabalho eu me motivo, eu me motivo porque eu quero ganhar. Eu sou uma pessoa que não aceita... Não aceita perder. Eu sei perder, mas não gosto de perder. Então eu faço de tudo pra que isso não aconteça.” (Geninho).

Aos 53 anos, no ano de 2001, depois de 18 anos de carreira como treinador de futebol, conquistou o seu título nacional mais importante, de campeão brasileiro de futebol da primeira divisão.

“[...] eu cheguei em um time que estava em décimo quarto lugar acho, muito tumultuado, uma cobrança muito grande. A manchete do jornal do dia seguinte em que eu cheguei... Quem havia montado aquele grupo, você tem que dar crédito à pessoa... Quem montou o grupo foi o Mario Sérgio, eu não coloquei nenhum jogador naquele time. Eu peguei o time do Mário, o Mário montou aquele time. Mas aí uma série de problemas extra-campo, muita bagunça... Eu cheguei lá tinha uma lista grande de dispensa de jogadores, e uma manchete: “Ou o Atlético acaba com a noite ou a noite acaba com o Atlético”. E aí sentamos, eu pedi pra não dispensar ninguém que eu ia conversar. Joguei uma responsabilidade muito grande dentro do grupo, e começamos o trabalho. As coisas se afinaram de uma maneira que dentro do futebol às vezes acontece uma química mágica. Nós ficamos, se eu não me engano, acho que 14 jogos, 16 jogos sem perder. Juntando com o do Santos, na época eu fiz a maior série invicta de um treinador. Aquilo nos levou à ponta do campeonato. Quando aquele time chegou no mata-mata, aquele time era um time que dificilmente seria batido. Era um time que jogava por música, era um time que se gostava, era um time que se ajudava, era um time que queria ser campeão, tanto que aquele time ficou um mês concentrado na reta final. Nós ficamos um mês preso no CT. Ninguém saía. Ficamos presos ali. As famílias que iam nos visitar no final de semana, na folga. Então, era um time que queria ganhar, queria ganhar. E era um time afinado, o Atlético naquele ano foi a defesa menos vazada e o ataque mais positivo. Então, foi campeão com mérito. Porque todo mundo fala que a final foi contra o São Caetano. Tá. Mas classificaram oito times. Nesses oito times tinha São Caetano e tinha Atlético. Só que tinha também São Paulo, tinha Atlético Mineiro, tinha Grêmio, tinha Fluminense, então eles esquecem que os grandes estavam ali. É que essas duas equipes superaram. São Caetano que estava vivendo um grande momento, talvez o maior momento dele. E o Atlético que foi campeão.” (Geninho).

A partir dessa conquista, Geninho passou a pertencer à elite dos treinadores de futebol brasileiros. Cabe ressaltar que, em 42 anos, apenas 25 treinadores conquistaram esse

campeonato e um deles é o treinador em questão. Com esse título, seu reconhecimento social aumentou tornando sua carreira ainda mais estabelecida.

“A minha carreira se divide realmente em duas etapas. Antes de 2001... Não é nem 2001, eu ponho até 2000 nisso aí, porque a gente esquece que eu fui campeão com o Paraná em 2000. Eu fui campeão em 2000 da série B e campeão em 2001 da série A. [...] Mas a minha carreira ela veio, eu tive alguns altos e baixos, já tinha treinado o Santos, já tinha passado por alguns times aqui, eu tinha vindo treinar a Inter de Limeira que tinha sido campeão paulista. Já tinha estado em Portugal. Mas a minha carreira, ela deslanchou a partir de 2000. Campeão com o Paraná... Do Paraná eu retornei ao Santos. Nós fomos vice-campeões paulista naquele jogo altamente polêmico, daqueles dois minutos que passou do tempo e o Corinthians fez o gol, tirando o Santos da final. Logo depois daquilo eu saí e deixei o Santos com sete partidas invicto. Me incomodei com algumas coisas, com algumas cobranças que eu achava que... Eu morava em Santos, estava meio complicado. Eu optei por sair do Santos. Fui para o Atlético Paranaense e fui campeão brasileiro. A partir dali eu tive um sequência de títulos. Regionais em vários lugares... E eu comecei a trabalhar em times de ponta, porque a partir do momento que você coloca no seu currículo o carimbo de campeão brasileiro você passa a ser técnico de elite. E a partir daí eu comecei a trabalhar em outro patamar financeiro, em uma outra faixa de clubes, né? E a partir daí minha carreira acabou deslanchando.” (Geninho).

### 3.3.2 A trajetória do treinador Antônio Lopes

Durante as décadas de 1930 a 1950, o futebol apresentou uma ascensão notável no Brasil. A sua popularização contribuiu para que se tornasse um elemento da cultura popular, incorporando a chamada “paixão nacional” (HELAL; GORDON, 2002). Nesse contexto, especificamente no Rio de Janeiro, nasceu o treinador Antônio Lopes.

Para ele, as atividades mais presentes em sua infância e adolescência foram os jogos de bola praticados junto aos amigos em locais próximos à sua casa. Apesar de morar em regiões diferentes do Rio de Janeiro durante esse período de sua vida, as configurações eram muito semelhantes, principalmente no que se referia à relação com o futebol e à diversão entre os garotos.

“[...] eu me lembro bem que com sete anos de idade eu já participava das peladas lá, na Rua Marquês da Sapucaí, que era uma ladeira... Aquelas peladas que você fazia o gol com dois tijolos, e quase que diariamente pelada porque a gente ia pra escola e estudava normalmente de manhã e a tarde então era pelada sempre. E comecei bem por ali, por Santo Cristo, um bairro onde eu morava e dali depois com 12 anos eu mudei pra Bom Sucesso, e aí a mesma coisa, né? Sempre o futebol de pelada, de rua. E aí em



Bom Sucesso já se tinha mais campos pra se jogar do que ali em Santo Cristo. Em Santo Cristo a gente jogava muito na rua.” (Antônio Lopes).

No entanto, a presença de campos de futebol tornava possível a participação em equipes amadoras – por ele chamadas de equipes de várzea – do bairro. Participando dessas equipes, identificou a chance de praticar o futebol, de que tanto gostava, de forma mais organizada, além de disputar torneios e campeonatos. Logo recebeu um convite para fazer parte de uma equipe profissional de futebol da cidade do Rio de Janeiro, provavelmente por ter se destacado e demonstrado algum talento.

“E comecei a jogar em times de várzea; mesmo com 13 anos eu já jogava em time de várzea. E eu jogava relativamente bem e comecei a jogar até no primeiro time.” (Antônio Lopes).

“Pelo time da várzea eu joguei contra o Olaria e eles então gostaram de mim, o treinador gostou de mim e me requisitou pra lá e eu fui.” (Antônio Lopes).

“[...] com 16 anos eu fui jogar no Olaria, um time da primeira divisão do Rio de Janeiro... Eu jogando contra o próprio Olaria, contra o próprio infanto-juvenil do Olaria... O treinador lá do Olaria gostou de mim e eu fui jogar no Olaria.” (Antônio Lopes).

No interior das configurações surgiu o desejo de se tornar jogador de futebol profissional. Essa expectativa foi fortalecida quando passou a fazer parte das equipes de formação do Olaria, pois percebeu a oportunidade de se tornar um jogador profissional pelo clube. Pensando em realizar seus objetivos se dedicou ao esporte e atuou por todas as equipes do Olaria, até integrar a equipe profissional.

“A expectativa era... Era ser jogador, era ser jogador. Aí joguei, joguei no infanto-juvenil, joguei no juvenil. Naquela época o juvenil era o juniores de hoje, né? Joguei depois no aspirante também, no profissional.” (Antônio Lopes).

Por outro lado, nunca deixou de se importar com os estudos, principalmente pela influência das orientações de seu pai.

Além disso, muitos jogadores de futebol daquela época terminavam suas carreiras e não conseguiam construir uma situação financeira estável e precisavam se dedicar a outras atividades para obter uma renda (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013). Dessa forma,

durante todo o período em que foi jogador, procurou se dedicar aos estudos e conciliar com as atividades decorrentes do futebol.

“[...] quando eu tava jogando, tava... Fazia o científico na época. Eu nunca deixei os estudos, conciliei sempre. Como eu era infante-juvenil, juvenil, eu estudava durante o dia mesmo, eu estava fazendo científico durante o dia mesmo, treinava sempre na parte da tarde e estudava de manhã. Os treinos das categorias de base lá naquela época eram somente na parte da tarde. E depois, quando eu passei pro profissional, aí sim eu tive que passar a estudar à noite. Foi em 60 que eu passei pro profissional. Aspirante, profissional... Aí no último ano do científico, eu fiz à noite justamente pra poder conciliar ali os trabalhos todos. Aí eu fui sempre conciliando, né?” (Antônio Lopes).

Entretanto, quando chegou ao profissional e não estava atuando na condição de jogador titular da equipe, percebeu que poderia não realizar seu objetivo de se tornar um grande jogador. Assim, constatou que a melhor maneira de ampliar as possibilidades de seu destino social era através de um curso de educação superior. A sua relação com o esporte estava presente em praticamente toda a sua vida, e identificou na Educação Física uma relação com os assuntos e conteúdos pelo qual se interessava.

“O que eu queria fazer era odontologia, quando eu estava terminando o científico. Eu queria fazer odontologia. Eu não sabia nem que tinha faculdade de Educação Física naquela época.” (Antônio Lopes).

“Escolhi Educação Física porque estava no esporte. Nunca pensava em ser professor de Educação Física. Eu só tomei conhecimento perto.” (Antônio Lopes).

“[...] quando foi 62, eu tava jogando ainda no Olaria, não era titular, e passei pra faculdade de Educação Física.” (Antônio Lopes).

Inicialmente acreditou que conseguiria terminar a faculdade de Educação Física enquanto atuava como jogador. Entretanto, em um momento se deparou com a situação de ter que escolher entre um deles, pois apesar dos treinos ocorrerem em apenas um período, coincidia com o horário de suas aulas.

Analisando qual a melhor decisão a tomar, percebeu que no futebol dificilmente se tornaria um grande jogador, enquanto a faculdade poderia lhe proporcionar mais opções de atuação profissional. Seu pai pensava da mesma forma, e incentivou o filho a optar por abandonar a carreira de jogador e voltar seus esforços para o estudo.

“E a Educação era pela parte da manhã, e naquela época só se treinava na parte da manhã, os clubes só treinavam na parte da manhã. Não tinha essa de tempo integral ainda, né? E a Educação Física era de manhã também, coincidia com o treinamento, e a frequência era obrigatória, né? E reprovava. Então meu pai disse: - Não, não. Fica só com a faculdade, deixa o futebol de lado e faz sua faculdade. Aí comecei a fazer Educação Física.” (Antônio Lopes).

Optar pelos estudos gerou uma situação inesperada que o levou a outra configuração. Apesar de cursar uma faculdade pública, onde não precisava pagar mensalidades, precisava arcar com outras despesas, criando a necessidade de buscar uma fonte financeira de renda. Surgiu a oportunidade de entrar para a polícia, e os horários permitiam que ele trabalhasse e estudasse.

“[...] estudante de manhã, trabalhando à tarde pra poder sustentar os estudos. Apesar de eu ter entrado para a Nacional de Educação Física, não era pago, mas tinha as despesas... Livros, custeio todo dos estudos. E comecei a fazer Educação Física; primeiro, segundo, terceiro ano e aí eu entrei pra polícia. Nessa época eu tava... Eu entrei pra polícia eu estava no segundo ano de Educação Física. Aí, como detetive, fui fazendo as duas coisas, né? Fiquei fazendo polícia e Educação Física.” (Antônio Lopes).

Antônio Lopes possuía uma enorme paixão pelo futebol e também o desejo de voltar para o esporte como um profissional da área, já que, devido a circunstâncias de sua vida, não pôde dar sequência à sua carreira enquanto jogador. Dessa forma, assim que terminou a faculdade de Educação Física, mesmo atuando profissionalmente em outra área, realizou um curso de formação de treinadores de futebol, já pensando que poderia voltar para atuar em uma equipe de alto rendimento.

“Era um curso que você tinha que ser primeiro professor pra poder fazer o... Fazer o vestibular pra treinador. E aí, tão logo eu terminei o curso de Educação Física e passei pra cursinho também de treinador. Aí me formei, em 64 professor e em 65 em técnico de futebol...” (Antônio Lopes).

Ao contrário do que esperava, a oportunidade de trabalhar em um clube de futebol não surgiu, e viu como opção investir na sua carreira dentro da polícia. Uma forma que encontrou de conseguir um cargo melhor foi a partir de outra formação acadêmica. Através do curso superior em Direito poderia alcançar o cargo de delegado e, conseqüentemente, melhorar sua condição financeira e dar mais um passo em sua carreira no emprego em que estava.

“[...] eu era detetive ainda da polícia, era inspetor da polícia, e digo ‘bom, eu quero ser delegado também, não quero morrer como detetive’. Aí, fiz vestibular pra Direito, né?” (Antônio Lopes).

“Fiz o vestibular pra direito em 66, passei e aí comecei a cursar o... Trabalhando como policial, fui cursando Direito também...” (Antônio Lopes).

Mesmo afastado do futebol profissional enquanto cursava a sua segunda faculdade, o interesse pelo futebol e a sua vontade de praticar o fez atuar por equipes da segunda divisão do Rio de Janeiro. Estar envolvido com o futebol, mesmo em equipes amadoras – segunda divisão – o deixava feliz e o mantinha envolvido com o esporte. Além disso, também se tratava de uma fonte de renda extra, que auxiliava em suas despesas e no seu sustento, uma vez que recebia por jogo realizado.

“Mas eu continuei jogando futebol na segunda divisão, né? Continuei jogando segunda divisão, que só treinava uma vez. Eu joguei no Faciti da segunda divisão. Segunda divisão era amadora naquela época, não era profissional. Só treinávamos quinta-feira à noite, ganhávamos por jogo, então, pra me sustentar também... Aí era mais uma graninha e aí foi, foi e foi...” (Antônio Lopes).

No final da faculdade de Direito, se afastou do futebol para se dedicar à função de delegado. Como sua nova função exigia muito tempo e esforço, seguiu apenas com a prática descompromissada, as chamadas “peladas”, voltadas principalmente para a diversão.

“[...] em 70 eu terminei direito e aí em 71 eu fiz o concurso pra delegado e passei também. Aí não estava mais trabalhando com futebol, estava só jogando pelada, né? Tinha um time lá na polícia também.” (Antônio Lopes).

Mesmo tendo se preparado para atuar no futebol, os fatores que o levaram a ser delegado foram mais fortes. Durante três anos atuando como delegado e longe de seu verdadeiro desejo que era atuar no futebol, teve uma surpresa inesperada. Recebeu um convite para trabalhar na comissão técnica de uma grande equipe do futebol brasileiro. A oportunidade surgiu através de um amigo que tentava resolver um problema legal de um jogador do Vasco na mesma delegacia em que ele estava trabalhando.

“Chegou em 74 eu estava... Eu trabalha no DETRAN... Eu era delegado no DETRAN e aí apareceu lá o Hélio Viggio, que era meu companheiro da polícia e era preparador físico do Vasco. Aí ele me convidou... Ele foi lá pra resolver um caso, até de um jogador do Vasco, o Andrada, um goleiro que o

Vasco tinha... Ele me convidou pra ser auxiliar dele, porque ele sabia, né? Que eu era formado em Educação Física, e ele era preparador físico no Vasco. O auxiliar dele tinha ido embora, tinha sido demitido... Aí eu fui lá e assumi como auxiliar dele e auxiliar do Travalini também, que estava de treinador, treinador em 74 do Vasco. Como eu era professor e era técnico diplomado, também eles me aproveitaram dos dois lados.” (Antônio Lopes).

A partir da década de 1970, constatou-se uma valorização do conhecimento científico na preparação das equipes brasileiras, já que a seleção nacional convocou profissionais oriundos da universidade, que aplicavam técnicas modernas de treinamento para a época (SOARES; SALVADOR; BARTHOLO, 2004).

Apesar de ele sempre deixar claro que seu verdadeiro desejo era o de atuar como treinador de futebol, o convite feito era para a função de auxiliar de preparação física. Já que ele havia concluído o curso de Educação Física, conquistou espaço dentro dessa estrutura principalmente pela sua formação.

“A meta principal era ser treinador mesmo. Eu entrei como preparador físico porque eu era formado em Educação Física e apareceu a oportunidade pra eu entrar no mercado.” (Antônio Lopes).

“[...] sempre pensei em ser técnico de futebol. Primeiro preparador físico depois técnico. Mas eu entrei como preparador físico, mas o meu negócio era ser treinador mesmo. Entrei como preparador físico porque eu senti que ali era uma maneira de eu entrar para o futebol. [...] Aí eu aproveitei pra entrar no bolo ali, apareceu a oportunidade pra entrar, pra ser preparador físico. Fui, né?” (Antônio Lopes).

Mesmo contratado inicialmente como auxiliar de preparação física, aproveitou para se aproximar da função treinador, que ele pretendia futuramente exercer, auxiliando também o treinador do Vasco da Gama. Nesse momento, viu a implicação de sua formação curso específico para treinadores para justificar suas funções.

“[...] e auxiliar do Travalini também que estava de treinador... Treinador em 74 do Vasco. Como eu era professor e era técnico diplomado, também eles me aproveitaram dos dois lados.” (Antônio Lopes).

Por desempenhar sua função muito bem logo na primeira experiência, teve a oportunidade de fazer parte da comissão técnica da seleção brasileira na função de preparador físico. Entretanto, como o treinador que o havia convidado era o mesmo do Vasco da Gama, foi exatamente para exercer, também, a função de auxiliar. Essa foi sua primeira passagem pela seleção brasileira em sua carreira.

Cabe ressaltar que praticamente todos os profissionais do futebol no Brasil almejam chegar a trabalhar na seleção nacional. A expressividade dos profissionais que alcançam esse posto se torna ímpar, sendo que passam a ser reconhecidos e se estabelecer em todo contexto esportivo.

“Em 79, inclusive fui como auxiliar do Travalini. Foi ele quem me levou. Eu fui fazendo as duas coisas na seleção. Como preparador físico e auxiliar, como fazia no Vasco. Preparador físico, não tinha outro preparador físico e também não tinha outro auxiliar. Eu e ele só.” (Antônio Lopes).

Quando retornou da seleção brasileira para o Vasco da Gama, teve outra surpresa inesperada. Por culpa da má campanha do time, o presidente acabou demitindo toda a comissão técnica, inclusive ele, que estava afastado para prestar serviços à seleção.

“[...] eu fui mandado embora do Vasco, depois que eu voltei da seleção. Era o Froner o treinador lá do Vasco. O Vasco estava muito mal. Eu cheguei em uma segunda-feira, aí o time perdeu no sábado. Perdeu pra um time pequeno, o Vasco perdeu. Aí, no domingo, fomos chamados lá e foi mandado todo mundo embora. Ainda o Froner falou com o presidente. O Lopes não, ele voltou essa semana. Aí ele disse não, vai todo mundo.” (Antônio Lopes).

Após ser demitido do Vasco, estava preparado para se manter fora do futebol, já que havia seus compromissos com a polícia. Assim, durante o período em que esteve afastado do futebol, voltou a exercer sua função de delegado. Algum tempo depois, recebeu o convite para assumir como treinador o clube onde havia iniciado a sua carreira no futebol.

Marturelli Junior (2002) confirma que essa questão é muito comum no contexto do futebol brasileiro. Muitos jogadores, ao encerrarem suas carreiras assumem o quadro técnico de equipes profissionais. No entanto, no que se refere à carreira do treinador Antônio Lopes, esse processo demorou alguns anos para acontecer. Antes de assumir como treinador principal, ele fez parte da comissão técnica de uma das maiores equipes do Brasil e teve uma passagem pela seleção, o que contribuiu para fortalecer o seu reconhecimento social.

“[...] eu estava na delegacia quando eu fui chamado pelo Carlos Imperial pra assumir o Olaria.” (Antônio Lopes).

No Olaria iniciou sua carreira como treinador, sendo que, na sequência, dirigiu grandes equipes no Brasil e no exterior.

“[...] em 1981, eu passei a ser técnico principal no Olaria... Ali começou, no Olaria. Aí foi América, depois do América voltei pro Vasco, aí eu fui campeão ali no Vasco. Aí começou; dali eu fui embora.” (Antônio Lopes).

Também atuou como treinador da seleção do Kuwait e como consultor técnico da seleção da Costa do Marfim. Em 2002, teve sua segunda passagem pela seleção brasileira na função de Gerente de Futebol na comissão do treinador Luiz Felipe Scolari. Foi o ano em que conquistou o pentacampeonato mundial pela seleção.

No ano de 1997, ganhou pela primeira vez o campeonato brasileiro de futebol como treinador pelo Vasco da Gama. Pelo Corinthians, em 2005, obteve pela segunda vez o campeonato. Assim, se tornou um dos dois únicos treinadores a conquistarem o título nos dois formatos de disputa do campeonato.

### **3.4 Experiências e formação profissional presentes na trajetória de treinadores campeões brasileiros**

#### *3.4.1 Implicações da experiência adquirida como jogador de futebol na carreira de treinadores*

Atualmente, no Brasil, a função de treinadores de futebol é composta prioritariamente por ex-jogadores, sendo que a maior parte desses não possui formação sistematizada (MARTURELLI JUNIOR, 2002; OLIVEIRA; PAULO, 2010). No entanto, independente de possuir formação, os treinadores de futebol no Brasil apresentam resultados esportivos semelhantes, principalmente no alto rendimento (OLIVEIRA; PAULO, 2010). Tal constatação nos leva a refletir sobre a importância da experiência adquirida como jogador de futebol nessa configuração.

Em um estudo com treinadores de basquetebol, verificou-se que a aprendizagem profissional envolveu a experiência de prática esportiva enquanto jogador dessa modalidade. O autor considera que o envolvimento esportivo com o basquetebol antes de se tornarem treinadores pode ter feito com que aprendessem significativamente através da observação do contexto em que estavam inseridos, mais até do que eles podem se recordar (RAMOS et al., 2011). Jones, Armour e Potrac (2003) e Talamoni, Oliveira e Hunger (2013), identificaram em treinadores de futebol a valorização das experiências adquiridas enquanto jogadores. Para eles, o aprendizado e as relações vivenciadas no decorrer de suas carreiras de jogadores

contribuíram para se estabelecerem profissionalmente e constituírem suas atuações enquanto treinadores. Os resultados encontrados por esses pesquisadores se aproximam dos relatos do treinador Geninho, o qual acredita que as experiências como jogador suprem a necessidade da realização de um curso de formação sistematizado.

“Então eu não sinto falta de ter feito algum curso específico pra futebol. Talvez se eu não tivesse jogado bola eu teria que fazer. Está aí a diferença entre o teórico e o que jogou. O teórico tem que fazer alguns cursos. Tem que conviver... De repente algumas situações... fazer alguns estágios... é o que a gente vê muito, com alguns treinadores, pra viver o vestiário, porque ele não viveu no meio. Fora o fato de o jogador respeitar sempre mais quem jogou.” (Geninho).

O fato de ter participado como jogador de inúmeras sessões de treinamento, com vários treinadores em clubes diferentes durante sua carreira, pode ter contribuído para identificar como os jogadores se sentem, e o comportamento que é necessário adotar para se adaptar as tarefas da função de treinador, além de resolver os problemas que se apresentam (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003).

“Agora quem foi jogador de futebol acho que tem mais facilidade. Tem mais facilidade porque ele viveu o vestiário, ele viveu o vestiário como jogador... Ele passou alguns problemas que o treinador tem que administrar, então ele viveu aquele problema e sabe como administrar melhor... Relação de jogador, que entra e sai do time. Alguns problemas... alguns que saem um pouco fora da linha. Então você viveu aquilo. Eu acho que, se você vive, você administra melhor.” (Geninho).

No contexto europeu, a partir dos estudos de Pinho (2009), treinadores de futebol consideram importante para essa função a condição de ter atuado como jogador. Os sujeitos investigados alegam que ter sido jogador pode facilitar o processo de entendimento do jogo, além dos fatores psicológicos e as questões de liderança. Entretanto, os treinadores entrevistados alegam que a carreira de jogador pode contribuir, de acordo com a capacidade reflexiva do indivíduo, sobre os aspectos relacionados à atuação de treinadores identificados em suas experiências.

Segundo Duarte (2009), as experiências adquiridas enquanto jogador relacionadas às preocupações dos jogadores, dos esforços inerentes a prática esportiva, da situação emocional oriunda das competições, entre outras, são extremamente importantes na atuação do treinador e a sua integração no meio esportivo e relação com jogadores.



O aprendizado a partir das experiências como jogador também é evidenciado por um treinador de futebol brasileiro:

[...] o aprendizado advindo da atuação dos treinadores com quem trabalhou, e das relações estabelecidas desses com os demais jogadores e treinadores durante os nove anos de carreira contribuíram em sua formação. Montagem da equipe, aplicação de treinamentos, escolha de sistemas de jogo e relação com os jogadores, permitiram que aproveitasse o melhor de cada um, facilitando a criação dos próprios métodos de trabalho, considerando sua personalidade, valores, ideais e objetivos. (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013, p. 85).

Para o treinador Geninho, conhecer o ambiente em que estava atuando como jogador, bem como as características do clube e dos companheiros de profissão foi importante para ele iniciar sua carreira de treinador.

“Eu não tive muita dificuldade no começo porque eu conhecia muito bem o grupo que eu estava comandando, no caso era o Novo Hamburgo. Eu conhecia... Eu fazia parte daquele grupo.” (Geninho).

Essa transição ocorreu de forma satisfatória, já que assumiu a equipe e conquistou resultados importantes mantendo uma série de vitórias. Assim, deixou a função de jogador para assinar um contrato como treinador de futebol. Para os jogadores com quem trabalhou, inclusive aqueles que antes eram seus companheiros de equipe no Novo Hamburgo, ter sido jogador facilitou o início do seu trabalho. “O fato de ter jogado muito tempo me fazia ser melhor aceito pelos jogadores.”

O treinador Geninho também acredita que, da mesma forma que ele foi beneficiado, ter sido jogador contribui na carreira daqueles que escolhem essa função, como podemos observar no trecho a seguir do seu depoimento:

“[...] o cara viveu. Então ele tá falando alguma coisa que ele viveu. O cara não só leu, então... Como eu disse, não quer dizer que a condição seja “equa non”, mas ele é melhor aceito.” (Geninho).

Tal relato se mostra de acordo com os resultados encontrados por Jones, Armour e Potrac (2003), em que consideram que a experiência pessoal adquirida como jogador auxiliou um treinador de futebol a estabelecer comportamentos adequados referentes ao modo como um treinador deve agir, principalmente na relação com jogadores. Neste sentido, Talamoni, Oliveira e Hunger (2013) identificaram também que, ao assumir a função de treinador, o

jogador passa a exercer um papel que exige a adoção de uma postura mais adequada à nova posição, permitindo que se imponha perante aos jogadores e dê sequência à sua atuação.

Em contrapartida, Duarte (2009) destaca que, para atuar em alto rendimento, o treinador deve desenvolver a capacidade de maximizar as qualidades dos seus futebolistas e da sua equipe, com base em conhecimentos sólidos e sustentados, adquiridos em processos de formação abrangentes e credíveis, contrariando a formação meramente baseada na experiência como jogador, uma vez que as exigências do futebol, associadas à evolução científica, tecnológica e metodológica desta modalidade potencializaram a necessidade de formação contínua dos treinadores.

Neste sentido, o treinador Antônio Lopes defende a necessidade de formação em Educação Física para exercer a função de treinador de futebol. Mesmo contando com uma curta experiência enquanto jogador de futebol profissional, ele não acredita que apenas essa condição seja suficiente para configurar uma atuação de sucesso.

Desse modo, o conhecimento necessário para se atuar como treinador de futebol parece estar relacionado com as experiências que despertaram no interior de diversas configurações da qual os treinadores fizeram parte. Entretanto, aquelas obtidas durante a condição de jogador de futebol é alvo de discussão entre pesquisadores e treinadores que estão atuando em alto rendimento. A partir dos relatos dos treinadores apresentados nesse estudo, não devemos desconsiderar os conhecimentos adquiridos por jogadores, e sim discutir de que modo eles podem ser transferidos para beneficiarem a prática profissional, e como podem ser articulados com os conhecimentos oferecidos em cursos de formação sistematizados, seja de caráter acadêmico ou não.

### *3.4.2 Implicações da formação superior na carreira de treinadores de futebol*

A qualidade do trabalho de treinadores junto aos seus jogadores e equipes está diretamente associada à obtenção de melhores resultados esportivos.

Como abordado anteriormente, os países da comunidade europeia adotaram um modelo de formação de treinadores, dividido em módulos que não dependem de formação superior, e têm como objetivo regular essa atividade. No Brasil, a configuração dessa função não apresenta necessidade de formação para atuação de treinadores de futebol. No entanto, hoje, a área acadêmica que configura a principal relação de interdependência com a atuação de treinadores se trata da Educação Física, principalmente as disciplinas relacionadas às

ciências do esporte, pois os seus conteúdos estão diretamente integrados à prática e ao rendimento esportivo.

Alguns autores (NASCIMENTO et al. 2009) reconhecem a importância do conhecimento adquirido na formação superior para atuação profissional. Segundo eles, esses conhecimentos permitem que os profissionais realizem diagnósticos e resolvam problemas específicos da área. Além disso, permitem também a elaboração de estratégias, abordagens e intervenções mais adequadas para diferentes pessoas e situações.

No trecho a seguir podemos observar o depoimento de um dos treinadores participantes da pesquisa, no qual reconhece a relevância dos conteúdos adquiridos a partir da formação superior em Educação Física para a atuação profissional.

“[...] eu acho que o treinador ele é o comandante da comissão técnica, então o treinador tem que conhecer de preparação física, tem que conhecer de gestor, hoje essa posição que eu estou. Acho que o gestor tem que conhecer de tudo, de preparação física, preparação técnica e tática, treinamento de goleiro etc, pra você cobrar. O gestor tem que fazer essa cobrança em cima dos componentes da comissão técnica. Se você não souber, não tiver feito cursos você não consegue. E o treinador é a mesma coisa, ele tem que ter noções, tem que saber; pra poder cobrar do preparador físico ele tem que saber. Outro dia mesmo a gente recebeu um técnico de uma categoria e a gente estava falando isso. Ele disse que a parte física precisava mais, mais a parte intervalada que vai me beneficiar. Quer dizer, o treinador tem que ter noção das coisas, da preparação física, pra ele poder cobrar e pedir ao preparador físico, olha, quero que você faça esse trabalho aqui porque dessa forma vai me ajudar, vai me beneficiar nesse trabalho técnico tático.” (Antônio Lopes).

O treinador Geninho, apesar de não ter concluído a sua formação em Educação Física, abandonando o curso antes de encerrá-lo, considera que o mesmo contribuiu para a sua carreira e atendeu às necessidades teóricas de sua carreira.

“Porque eu tive o conhecimento básico de Educação Física.” (Geninho).

O treinador também acredita que os conhecimentos da área são importantes para os treinadores de futebol: “Eu acho que ajuda muito... Eu acho que ajuda muito. Se você tem conhecimento das coisas ajuda muito.”. Talamoni, Oliveira e Hunger (2013) também trazem a perspectiva de um treinador brasileiro com vasta experiência e passagens por grandes equipes nacionais e internacionais.

[...] Os conhecimentos advindos de sua formação superior em Educação Física também foram valorizados por ele. A partir deles passou a ter um olhar científico sobre o futebol e permitiu aceitar as mudanças com mais facilidade, justamente no momento em que profissionais com formação acadêmica começavam a ter força no futebol. (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013, p. 89-90).

Drigo e Cesana (2011) apontam a relação entre a formação superior e o mercado de trabalho. Para os autores, a ciência interfere diretamente no estabelecimento das profissões e abre caminho para a autonomia de mercado na sociedade atual. O principal exemplo considerado pelos autores é a expressão “senso comum”. Essa expressão é normalmente utilizada por pessoas com formação superior para se referirem àquelas que não passaram pelo treinamento científico.

Neste sentido, é importante ressaltar que ambos os treinadores participantes desse estudo possuem formação superior em Direito. Enquanto um deles nunca chegou a atuar nessa profissão, o segundo exerceu a função de delegado de polícia, cargo que tem como exigência essa formação. Apesar de o curso de Direito não apresentar nenhuma relação com a atuação de treinadores, podemos observar nos comentários do treinador Geninho que os conhecimentos adquiridos ao longo dessa formação foram significantes para ele em sua carreira:

“[...] eu acho que o Direito me ajudou muito nisso, nesse relacionamento pessoal.” (Geninho).

”A parte psicológica, o fato de ter feito a faculdade me dá muita facilidade de administrar isso.” (Geninho).

Podemos identificar ainda como a formação superior contribuiu para a sua imagem dentro dessa configuração, praticamente o diferenciando das outras pessoas.

“Então o fato de fazer uma faculdade de Direito me abria muitas portas. Naquela época eu podia dizer que eu era quase uma exceção. Um jogador de futebol fazendo uma faculdade. Eu tive... Eu tinha algumas facilidades.” (Geninho).

A partir da década de 1970 constatou-se a valorização do conhecimento científico no futebol brasileiro, movido principalmente pelos resultados negativos da seleção nacional frente à preparação física apresentada pelas equipes europeias (TALAMONI; OLIVEIRA; HUNGER, 2013). Diante do exposto, uma das maneiras de inserção dos profissionais

formados em Educação Física no futebol era através da função de preparador físico e auxiliar de preparação física. A carreira do treinador Antônio Lopes no futebol, assim como de muitos outros treinadores, iniciou a partir da função de preparador físico.

“Eu entrei como preparador físico porque eu era formado em Educação Física e apareceu a oportunidade pra eu entrar no mercado.” (Antônio Lopes).

“[...] ele me convidou pra ser auxiliar dele, porque ele sabia, né? Que eu era formado em Educação Física, e ele era preparador físico no Vasco. O auxiliar dele tinha ido embora, tinha sido demitido... Aí eu fui lá e assumi como auxiliar dele e auxiliar do Travalini também que estava de treinador... treinador em 74 do Vasco. Como eu era professor e era técnico diplomado também eles me aproveitaram dos dois lados.” (Antônio Lopes).

Apesar de cada vez mais o conhecimento científico adquirir força no futebol brasileiro, quando tratamos da configuração da função de treinadores, são os conhecimentos obtidos em outros ambientes que se mostram relevantes. Neste sentido, o treinador Geninho acredita que a formação superior em Educação Física para atuação de treinadores de futebol “[...] é importante, mas não é fundamental.”.

Na visão do treinador de elite inglês Steve Harrison, muitos dos conhecimentos importantes para atuação de treinadores de futebol são oriundos de configurações fora da universidade, como por exemplo, a partir das relações com treinadores que estão atuando e possuem mais experiência na área (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003). Outros treinadores esportivos também valorizam os conhecimentos obtidos a partir de vivências pessoais e de reconstrução de suas experiências (RAMOS et al., 2011) dentro das configurações que fizeram parte.

Por outro lado, o treinador Antônio Lopes defende a necessidade da formação em Educação Física para atuação de treinadores de futebol:

“Eu acho que eles têm que se formar, se diplomar em técnica, fazer curso de professor também de Educação Física. As coisas não podem ser colocadas assim direto, né? É uma usurpação de função também. Isso prejudica aquele profissional que está ali lutando também por uma vaga no mercado. O profissional que fez faculdade, fez faculdade de Educação Física, fez faculdade superior de treinador.” (Antônio Lopes).

Sua postura é ainda mais firme quando relata seu ponto de vista no que se refere à necessidade de formação daqueles que atuaram como jogadores de futebol. Ele acredita que

os ex-jogadores podem perfeitamente assumir o cargo de treinador, no entanto, apenas se, primeiramente, “[...] eles assumirem o compromisso de que tem que fazer o curso superior de Educação Física, de técnico de futebol.”

Ele também acredita que “[...] se você que é ex-atleta fizer um curso de Educação Física e técnica de futebol, você vai levar muita vantagem e se tornar um bom treinador.” Essa afirmação está de acordo com os relatos apresentados por Jones, Armour e Potrac (2003) e Talamoni, Oliveira e Hunger (2013), analisando a carreira de um treinador inglês e um treinador brasileiro, respectivamente. Os treinadores participantes dos estudos supracitados julgaram importantes tanto os conhecimentos adquiridos nas configurações onde atuaram como jogadores, bem como os conhecimentos adquiridos nos cursos de formação – curso federativo e universidade, respectivamente.

Benites, Barbieri e Souza Neto (2007), apresentam a opinião de quatro indivíduos que trabalham com futebol acerca da necessidade de formação em Educação Física para atuar nessa modalidade. Todos os participantes da pesquisa responderam positivamente à questão, apoiados principalmente na questão do domínio sobre os conteúdos da área de atuação e a sua transferência para a prática profissional.

Por fim, a complexidade da função de treinadores de futebol apresenta uma relação de interdependência com vários fatores, inclusive da formação em nível superior, seja em Educação Física ou não. Entretanto, quando analisamos a formação em Educação Física, essa apresenta pouca força no que tange à função de treinadores de futebol no Brasil. Na perspectiva dos treinadores campeões brasileiros participantes dessa pesquisa houve um consenso sobre a importância da formação em Educação Física, mas enquanto um deles considera os conhecimentos adquiridos em outras configurações mais relevantes, o outro defende a necessidade de concluir o curso de Educação Física para atuar como treinador.

### **3.5 Atuação profissional de treinadores de futebol campeões brasileiros**

#### *3.5.1 Conhecimentos e competências presentes na atuação profissional dos treinadores de futebol participantes da pesquisa*

Como apontado por Gomes e Souza (2008), Cunha (2008) e Duarte (2009), a relevância dos conhecimentos e competências, apresentados pelos treinadores de futebol no que se refere ao exercício de sua intervenção, está sendo cada vez mais reconhecida por

pesquisadores e profissionais da área. Isso porque, segundo Cunha (2008), o desempenho profissional vem sendo associado ao corpo de conhecimento apresentado pelo treinador, bem como ao domínio das competências, pois através delas é que destinam funções e sentidos aos seus conhecimentos.

No depoimento dos treinadores participantes da pesquisa podemos identificar que a aquisição de conhecimentos pode ocorrer de diversas formas em diferentes configurações, como por exemplo, pelas experiências pessoais no esporte, por cursos de formação, por troca de informações com outros profissionais, com a observação de treinadores mais experientes, entre outras. É importante frisar, como exposto por Jones, Armour e Potrac (2003), que durante a carreira, os treinadores também adquirem uma série de conhecimentos e competências que emergem de sua prática.

“O fato de ter sido jogador e ter trabalhado com “n” preparadores físicos, depois como treinador acompanhando várias coisas em termos de evolução...” (Geninho).

“Porque hoje eu entendo bem o trabalho de base, eu sei como é feito o trabalho com garotada, porque eu trabalhei lá.” (Geninho).

“Eu participei de vários já, fui palestrante de vários (cursos). [...] é muito bom em termos de atualização de algumas coisas, você vê alguns profissionais falando muito sobre algumas novidades. É sempre muito bom você ir se adequando a algumas coisas novas.” (Geninho).

“Perca um tempo vendo coisas, conversando, trocando ideia. Eu digo que eu joguei 20 anos e tenho 23 de treinador. Então eu tenho 43 anos de bola e estou aprendendo. Eu às vezes converso com alguém que me passa coisa nova. E nem sempre gente velha. Muitas vezes um treinador novo vem com um conceito novo. E você tem que ter humildade o bastante pra aprender aquilo.” (Geninho).

“A gente ia nos clubes olhar os treinadores trabalhando...” (Antônio Lopes).

Neste sentido, evidenciou-se em trechos dos depoimentos dos treinadores participantes da pesquisa a necessidade da aquisição de conhecimentos para a atuação profissional.

“Eu acho que o conhecimento é básico. Se você não tiver... não entender de futebol, não vai se meter lá.” (Geninho).

O treinador Antônio Lopes adquiriu, durante um curso específico para treinadores de futebol oferecido na universidade, realizado posteriormente a sua formação em Educação Física, conhecimentos e competências importantes para a sua atuação como treinador de futebol.

Para Ramos et al. (2011), existe, no contexto esportivo, a necessidade de iniciativas de formação que envolvam a aprendizagem, mesmo que de maneira informal, da autonomia para realização das atividades complexas referentes à função de treinadores. Assim, verificamos que as experiências vivenciadas durante o curso específico realizado pelo treinador estão de acordo com o exposto pelos autores e permitiu que ele adquirisse conhecimentos e competências utilizados na função.

“[...] bater os escanteios com perna trocada... Eu lembro muito bem que ele fazia isso. Tranquilo... Ele dava história do futebol, dava muita história do futebol, de como começou os sistemas de futebol, era o WM, o 4-3-3, 4-4-2, ele dava tudo...” (Antônio Lopes).

“[...] muita aula prática também que ele dava. Eu lembro que na época ele mandava a gente ver jogo também, fazer relatório sobre jogos, mandava ver treinamentos nos clubes... Era assim.” (Antônio Lopes).

Observou-se que ambos os treinadores deram devido destaque aos conhecimentos obtidos em suas experiências fora do país, em especial aos países da comunidade europeia. Esses países vêm organizando ações de formação de treinadores esportivos já há várias décadas, sendo que Portugal, por exemplo, como ressalta Costa J. P. A. (2005), desde 1974, possui um órgão responsável por auxiliar as Federações esportivas na organização de uma formação sistematizada para treinadores.

Dessa forma, podemos perceber que há muitos anos houve uma preocupação por parte dos países europeus em discutir e proporcionar aos treinadores de futebol conhecimentos e competências relacionadas à atuação, enquanto ainda hoje no Brasil essas questões são pouco estudadas.

“Toda vez que você volta, você traz alguma coisa a mais. Você traz alguma coisa a mais.” (Geninho).

“Procuro ver muita coisa lá fora... Trago muito vídeo de treinamento. Às vezes, em algumas viagens que eu faço, vou ver. Eu tive uma viagem, acompanhei muito o pessoal da Holanda, o pessoal da Alemanha, que era onde eu tava. Eu tive a oportunidade de trabalhar em Portugal um ano, então eu tive contato com alguns treinadores estrangeiros. Eu procuro ver... Até



hoje eu procuro ver o que se faz, o que tem de novo, o que não tem de novo.” (Geninho).

“Depois eu fui trabalhar na seleção do Kuwait e íamos pra muitos campos fora, muitos períodos de treinamento fora. Aí eu comecei a comprar livros lá na Europa. Eu lembro que na Inglaterra eu comprei muitos livros, livros de parte técnica e parte tática.” (Antônio Lopes).

Nos depoimentos dos treinadores foi possível identificar destaque para os conhecimentos que se referem à gestão esportiva, às ciências do esporte, as tecnologias esportivas, a organização e as estratégias. Para Marques (2000) e Feitosa e Nascimento (2006), esses são alguns dos conhecimentos que colocam os treinadores na posição de principais responsáveis pela preparação esportiva das equipes.

[...] o treinador ele tem que ter conhecimento também de gestão desportiva. Vai ajudá-lo no desempenho da função.” (Antônio Lopes).

[...] O treinador tem que ter conhecimento de parte física também, tem que ter conhecimento da parte de preparação de goleiros pra poder cobrar dos seus auxiliares.” (Antônio Lopes).

“A tendência é a tecnologia cada vez mais estar acoplada ao futebol. O apoio que você tem extra-campo cada vez ser maior. Então, por exemplo, um apoio maior na base da preparação física, da fisiologia, da alimentação, de tudo, cada vez mais. Cada vez mais esse suporte... Vai ser cada vez maior. Cabe a ele aproveitar bem isso.” (Geninho).

[...] você jogar com o regulamento em baixo do braço. Ver o regulamento, atuar em conformidade com o regulamento, saber isso. Saber quando você tem que ir pra cima, quando você não tem. Se o regulamento vai te proteger ou não pra você poder jogar dessa forma.” (Antônio Lopes).

No que tange ao contexto da prática profissional, os treinadores de futebol participantes da pesquisa salientaram, em seus depoimentos, competências que julgam importantes para a atuação. A competência que obteve maior destaque nas declarações foi aquela voltada à liderança e gestão das equipes técnicas pelas quais ele é o responsável.

“Se você tem em todo time dois, três preparadores físicos, se tem treinador de goleiro, você tem auxiliar técnico, você tem observador de jogos, você tem uma equipe que filma jogo, que filma treino pra você, você tem um nutricionista, você tem um fisiologista, você tem um departamento médico com tudo. Você termina o treino, você tira lactato e você vê quem correu quem não correu, quem tá cansado, quem não está cansado, quem fez e quem não fez [...] Basta o profissional saber utilizar.” (Geninho).

“[...] o treinador tem que conhecer de preparação física, tem que conhecer de gestor, hoje essa posição que eu estou. Acho que o gestor tem que conhecer de tudo, de preparação física, preparação técnica e tática, treinamento de goleiro etc, pra você cobrar. O gestor tem que fazer essa cobrança em cima dos componentes da comissão técnica.” (Antônio Lopes).

“[...] o treinador tem que ter noção das coisas, da preparação física, pra ele poder cobrar e pedir ao preparador físico: - Olha, quero que você faça esse trabalho aqui porque dessa forma vai me ajudar, vai me beneficiar nesse trabalho técnico tático.” (Antônio Lopes).

Tal constatação está de acordo com a percepção de treinadores esportivos portugueses, que valorizam a competência de gestão e a capacidade de coordenação das atividades em nível de organizações desportivas (SANTOS; MESQUITA, 2010).

Já em uma pesquisa com treinadores esportivos de Santa Catarina, houve o relato de maior domínio nas competências relacionadas à gestão por parte dos treinadores mais experientes (EGERLAND; NASCIMENTO; BOTH, 2010). Isso pode ser um indicativo do porquê dessa competência emergir no depoimento de ambos os treinadores investigados em nosso estudo, pois os mesmos possuem experiência de mais de 20 anos, atuando em grandes equipes dentro e fora do país, conquistando resultados expressivos em suas carreiras.

Nos depoimentos, o treinador Geninho faz alusão às competências referentes à relação pessoal com os jogadores, e também com jogadores de outras nacionalidades:

“Eu sempre tive essa facilidade de falar, de comandar o grupo...” (Geninho).

“Então eu sabia como tratar (os jogadores). Eram meus amigos, meus companheiros de profissão...” (Geninho).

“O treinador brasileiro sabe levar melhor o árabe... O jogador árabe... O brasileiro tem mais jogo de cintura.” (Geninho).

E ainda à competência de liderança:

“Eu sempre tive uma liderança natural. Sempre aglutinei, sempre cobreí, sempre falei muito... Então, sempre fui de não aceitar algumas situações assim que eu achava que poderiam ser mudadas pra melhor. Então sempre tive essa facilidade.” (Geninho).

Santos e Mesquita (2010) identificaram as competências pessoais que apresentaram grande importância na atuação de treinadores esportivos. As autoras destacam que os aspectos

de índole pessoal e social constituem a base onde se forma a relação entre as atitudes e os valores do treinador, portanto, o seu interesse no desenvolvimento dos jogadores.

Os treinadores participantes da pesquisa ainda relataram a importância de possuir competências relacionadas à administração de situações inesperadas, montagem do elenco, paciência para obtenção dos resultados e coragem para suportar as dificuldades da carreira. Cabe ressaltar que o treinador Antônio Lopes considera que os treinadores brasileiros se destacam pela competência de montar equipes.

“Alguns problemas novos que você tem que administrar, algumas situações novas que você tem que administrar.” (Geninho).

“O brasileiro sabe trabalhar, sabe formar uma equipe, sabe criar uma equipe...” (Antônio Lopes).

“[...] você vai aprendendo a ter muita paciência. Então, como aprendizado, muito bom.” (Geninho).

“[...] pra quem está preparado para pressão, pra stress, pra sofrer, pra desilusão, claro que pra alegria também. Então você tem que estar muito bem preparado pra uma série de coisas.” (Geninho).

Antônio Lopes ainda enfatiza que um dos fatores que obtiveram grande destaque na atuação do treinador Luiz Felipe Scolari à frente da seleção nacional durante a Copa do Mundo de 2002, ano em que a seleção conquistou o pentacampeonato, se trata da competência apresentada por ele em organizar o seu trabalho junto com os jogadores e com os outros membros da comissão técnica. Assegura que Scolari “[...] é um treinador que sabe trabalhar em equipe.”.

Cunha et al. (2010) identificou, entre 81 treinadores de futebol portugueses, que o grupo com menos tempo de experiência na função reconheceu maiores necessidades de formação, quando comparado ao grupo de treinadores com mais anos de atuação. O estudo indica que treinadores com mais tempo de experiência profissional apresentam maior domínio sobre as competências de orientar e organizar o treino em médio e longo prazo. Neste sentido, o treinador Antônio Lopes relatou que no início de sua carreira como treinador percebeu a falta de domínio na competência alusiva à organização de sessões de treino, sendo obrigado a buscar auxílio com treinadores de outras modalidades para resolver essa questão.

“[...] fez Educação Física comigo um rapaz que era do basquete, ele tinha sido jogador de basquete e depois ele fez técnica de basquete também... Eu,

conversando com ele, ele disse pra mim depois que eu falei pra ele, estou com dificuldade nos exercícios técnicos pra ministrar pros jogadores, eu encho o saco de jogador repetindo sempre, então o basquete é meio parecido com futebol. Vários exercícios técnicos que eu aplico no basquete, vamos sentar e vamos conversar pra ver se você faz a adaptação. Então, eu criei um monte de exercícios técnicos assim.” (Antônio Lopes).

Pesquisadores brasileiros e europeus que investigam a formação de treinadores esportivos têm destacado a importância do “mentor” no processo de formação de treinadores. Através desse processo os treinadores têm a oportunidade de acompanhar um treinador mais experiente, que irá lhe supervisionar e contribuir para o desenvolvimento de competências específicas da atuação através da experiência de vivenciar as atividades práticas por ele desenvolvidas (JONES; ARMOUR; POTRAC, 2003; CUNHA, 2008; RAMOS et al., 2011). No caso específico do Brasil, Ramos et al. (2011) consideram que os programas de formação de treinadores devem contar com o conceito de “mentor” para contribuir com a aprendizagem e desenvolvimento dessa função.

O treinador Antônio Lopes relata a sua experiência como mentor do treinador Vanderlei Luxemburgo, um dos maiores treinadores do futebol brasileiro. Apesar de esse processo possivelmente ter ocorrido de forma não sistematizada, ele considera que foi muito relevante para constituir a carreira desse treinador.

“[...] ficou estagiando comigo, estagiou lá. Depois quando eu fui pro América eu já levei ele como auxiliar. Arrumei já um contrato pra ele. Aí foi pro América e ele já fazendo a faculdade lá dentro. Levei ele pro América comigo, depois levei ele pro Vasco, depois arrumei pra ele ser técnico do Campo Grande, aí ele foi embora.” (Antônio Lopes).

Dessa forma, foi possível identificar, na carreira de treinadores campeões brasileiros, uma série de conhecimentos e competências adquiridos a partir das experiências vivenciadas em diversas configurações.

No entanto, pouco se constata sobre a aquisição de conhecimentos e competências ligadas à intervenção no futebol a partir da formação superior em Educação Física. Os conhecimentos e competências adquiridos enquanto jogador e na própria atuação dos treinadores parecem se aproximar mais de suas intervenções.

Neste contexto, a formação profissional de treinadores esportivos, realizada por meio de cursos de formação sistematizados, parece atender e organizar esse processo, como é o caso dos países da comunidade europeia. Nesses países, atualmente não se discutem mais a relevância dos programas de formação, e sim os métodos utilizados por eles para proporcionar

uma melhor aprendizagem dos conhecimentos e das competências profissionais (CUNHA, 2008).

### *3.5.2 Principais dificuldades na carreira a partir da visão dos treinadores de futebol participantes da pesquisa*

Os treinadores de futebol de alto rendimento no Brasil apresentam uma série de dificuldades para desempenhar suas funções, conforme constatado em treinadores participantes do Campeonato Brasileiro de Futebol. Tal fato comprova-se pelas constantes mudanças de treinadores ocorridas nos clubes de futebol durante os campeonatos. No Campeonato Brasileiro de Futebol do ano de 2001, por exemplo, houve 26 mudanças de treinadores no comando das 28 equipes participantes. (MARTURELLI JUNIOR, 2002)

“A cada dia aparece um problema diferente, hoje eu tenho aí 20 e poucos anos de carreira como treinador e eu ainda vejo coisa nova na minha carreira. Alguns problemas novos que você tem que administrar, algumas situações novas que você tem que administrar.” (Geninho).

Marques (2000) afirma que a atuação de treinadores de alto rendimento é uma atividade intensa, com muitas exigências e responsabilidades. Trata-se de uma função que conta com uma pressão diária sobre as suas funções, uma vigilância contínua e que cobra resultados praticamente todos os dias. Por conta disso, o treinador se torna o principal responsável pelos resultados e tem a sua atuação avaliada em todos os momentos pela opinião pública.

São nessas questões em que o treinador Geninho considera que estão as principais dificuldades relativas à função de treinadores de futebol:

“Profissão altamente desgastante, uma profissão altamente cobrada, uma profissão onde você vive o stress 24 horas por dia. Uma responsabilidade muito grande de comando...” (Geninho).

No entanto, algumas das dificuldades percebidas pelos treinadores participantes da pesquisa estão voltadas à falta de estrutura dos clubes no Brasil. Marturelli Junior (2002) constatou que 12% dos treinadores participantes de uma edição do Campeonato Brasileiro de Futebol consideram as estruturas ofertadas pelos clubes brasileiros ruins ou muito ruins,

enquanto 42% julgam-nas regulares. O autor observou, ainda, em seu estudo, que alguns treinadores têm dificuldades em planejar o seu trabalho por falta de estrutura física de seus clubes, ou seja, falta de local adequado para a realização dos treinamentos, sendo que são obrigados a se deslocarem constantemente para outros locais.

“Tem time no Brasil que ainda está na época que eu jogava quase.”  
(Geninho).

“Acho que a dificuldade que o treinador enfrenta mais é quando ele trabalha em um clube que não oferece as boas condições de trabalho. Um clube que não esteja bem estruturado.” (Antônio Lopes).

“[...] o treinador brasileiro está mais acostumado a tirar leite de pedra. Quer dizer, ele não tem condições de montar grandes equipes por causa da parte financeira.” (Antônio Lopes).

O elevado número de treinadores no Brasil, como abordado anteriormente, gera uma disputa entre eles para se empregarem e permanecem no quadro técnico de uma equipe. Essa concorrência acaba sendo uma dificuldade apontada pelos treinadores:

“Concorrência, que hoje é uma grande realidade. Todo mundo quer ser treinador. Qualquer ex-jogador... Todo jogador que para quer ser treinador.”  
(Geninho).

“Agora as dificuldades são imensas, todo mundo quer ser treinador. Mas não é assim, não é todo mundo que está preparado. Por isso que você vê alguns que começam e ficam perdidos no meio do caminho, não dão sequência.”  
(Antônio Lopes).

Entretanto, o maior problema da elevada concorrência entre os treinadores de futebol está relacionado às questões éticas. Na visão do treinador Geninho, muitos treinadores não se importam em prejudicar outro treinador para conquistar o seu espaço, enquanto na perspectiva do treinador Antônio Lopes, muitos querem exercer a função de treinador sem se preocupar com a preparação profissional, prejudicando aqueles que buscaram se preparar para exercer essa atividade, como podemos observar em seus depoimentos:

“A classe do treinador de futebol no Brasil ela é altamente desunida. Talvez a mais desunida que eu conheço. É um querendo puxar o tapete do outro. É um se oferecendo no trabalho do outro. Basta um perder os jogos que chove de telefonema pro lugar do cara.” (Geninho).

“É uma usurpação de função também. Isso prejudica aquele profissional que está ali lutando também por uma vaga no mercado. O profissional que fez faculdade, fez faculdade de Educação Física, fez faculdade superior de treinador.” (Antônio Lopes).

Hoje, o jogador de futebol faz parte de um mercado que movimenta milhões todos os anos, pois se tornou um produto de transferência entre clubes no Brasil e no exterior. Nesse mercado há benefícios financeiros para vários setores envolvidos com as negociações, entre elas, os empresários, que possuem parte dos direitos econômicos dos jogadores e, conseqüentemente, recebem quantias significativas nessas transações (SOARES et al., 2011). Para o treinador Geninho a influência desses empresários junto aos clubes, articulando interesses e pressionando treinadores e jogadores para obter lucros financeiros, tem dificultado o trabalho de treinadores.

“Hoje em dia, com muitos empresários, muitos interesses, então... Muita pressão em cima de jovens jogadores hoje. Grandes investidores que querem que o jogador jogue.” (Geninho).

Além de jogadores, o Brasil também se tornou um exportador de serviços especializados no futebol (SOARES et al., 2011), o que colaborou para que muitos treinadores brasileiros fossem contratados por equipes internacionais onde o futebol não era desenvolvido, como por exemplo, nos países da Ásia e Oriente Médio.

Neste sentido, Talamoni, Oliveira e Hunger (2013) destacam a dificuldade de um treinador de futebol brasileiro de atuar em outros países. Por se tratar de configurações diferentes no que se referem a características culturais, outros estilos de jogo e estruturas diferentes, os treinadores têm que se adaptar a todas essas questões para conseguirem realizar a intervenção com qualidade. O treinador investigado no estudo desses pesquisadores relatou sua experiência de como teve que se adequar à forma de trabalhar dos profissionais da comissão técnica no Japão e às peculiaridades culturais do Oriente Médio.

Os treinadores Antônio Lopes e Geninho também fazem referência às dificuldades encontradas na atuação como treinador em outros países onde a cultura é muito diferente do Brasil.

“Ali eu tive um pouco de dificuldade... O fato de trabalhar fora do Brasil com pouca experiência de treinador... Porque é uma cultura diferente, uma maneira diferente do comportamento dos jogadores, que era diferente daqui. Algumas atitudes diferentes em termos de concentração, em termo de

comportamento, em termo de uma série de coisas... Eu tive algumas dificuldades. Foi bem, mas tive algumas dificuldades.” (Geninho).

“Foi difícil, principalmente com a cultura oriental, porque eu quando fui pro Kuwait eu nunca tinha saído do país pra trabalhar fora, em outro país. Depois um país daquele, muçulmano, um país onde os caras são muito fanáticos pela religião, os costumes também totalmente diferentes do nosso, a língua também totalmente diferente, então foi difícil, foi difícil, sim. Até se adaptar aquilo ali foi bastante difícil.” (Antônio Lopes).

“Você passa de repente um Ramadã, com 30 dias sem o jogador se alimentar durante o dia. Aí ele chega à noite pra treinar, como é que você vai dar treino se ele vai começar a comer aquela hora... Ele só pode comer depois que o sol se põe. Isso é complicado. Então, no futebol árabe você tem que ter uma série de adaptações...” (Geninho).

“Então a gente tinha que ter um tradutor, tinha que ter um intérprete que falasse direto do português pro árabe. Então não adiantava nem o inglês você passar pra eles que a maioria não entendia.” (Antônio Lopes).

Treinadores de futebol portugueses com menos tempo carreira apresentam maiores dificuldades em relação à organização do treino, quando comparados a treinadores mais experientes (CUNHA et al., 2010). Antônio Lopes, no início de sua carreira como treinador, também sentiu dificuldades em relação à essa questão. Em seus depoimentos ele destacou a dificuldade de encontrar material teórico na década de 1980 que tratasse da elaboração de treinamentos.

“Foi difícil porque, por exemplo, naquela época não tinha muitos trabalhos acerca de treinamentos. Treinamentos técnicos e treinamentos táticos, né? 1980, 1981 era muito difícil você encontrar bibliografias, livros com treinamentos técnicos, táticos. Ninguém dava.” (Antônio Lopes).

Assim, constatamos que são muitas as dificuldades presentes na função de treinadores de futebol. No entanto, a organização de um processo obrigatório de formação sistematizada provavelmente irá contribuir para que treinadores possam encarar e resolver as dificuldades que se apresentam de forma mais eficaz, pois, como constatado, os treinadores parecem aprender a lidar com essas situações a partir de suas experiências adquiridas durante a sua própria prática profissional.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo analisar a trajetória de treinadores campeões brasileiros. A escolha desses indivíduos ocorreu devido ao fato de eles se destacarem nesse campo de atuação e representarem a maior expressão do alto rendimento no país. Por intermédio da metodologia “História de Vida” e da teoria de Norbert Elias foi possível investigar e analisar em suas trajetórias as configurações presentes no futebol brasileiro, bem como as implicações da formação acadêmica e da carreira como jogador de futebol na atuação profissional. Além disso, foi possível, ainda, destacar os conhecimentos e competências que esses treinadores consideraram importantes para suas intervenções.

Como abordado na revisão desse trabalho, no Brasil, apesar de a legislação nº 9696/98 designar a responsabilidade sobre as manifestações esportivas aos profissionais de Educação Física, não é isso que vem ocorrendo na prática. Os órgãos responsáveis pela organização do futebol no país se sustentam em legislações anteriores para justificar a atuação de pessoas que não possuem formação superior e que, na maioria das vezes, contam com a experiência adquirida como jogador de futebol. Tal fato demonstra a falta de reconhecimento social que a Educação Física apresenta frente a esse esporte.

Constatou-se na trajetória dos treinadores campeões brasileiros investigados que, pelo contexto histórico do Brasil no período de infância e adolescência de ambos, eles estiveram inseridos em configurações onde o futebol estava muito presente no dia-a-dia da sociedade e representava uma possibilidade de reconhecimento social. Inicialmente, as práticas relacionadas ao futebol apresentavam um caráter voltado para o lazer e diversão, que, provavelmente, foram evoluindo ao longo dos anos e se aprimorando, especialmente no momento em que se passou a treinar em equipes de formação de clubes profissionais. Por outro lado, apesar do significado que o futebol possuía em suas vidas, sabiam que poucos conseguiam alcançar a condição de grande jogador. No decorrer do período em que tentavam se estabelecer como jogadores, essa realidade foi se tornando mais clara, o que os levou a buscar outras opções profissionais, pensando primeiramente em um futuro estável, sofrendo influência principalmente das suas famílias. Um deles optou por continuar envolvido com o esporte, fazendo faculdade de Educação Física, enquanto o outro, apesar de continuar atuando como jogador buscou uma área diferente, cursando Direito. No entanto, Antônio Lopes, que concluiu a faculdade de Educação Física com o objetivo de trabalhar com o futebol, não conseguiu concretizar esse desejo imediatamente, e se dedicou ao emprego que conseguiu

junto à polícia, enquanto Geninho, que queria deixar o futebol quando concluísse os estudos, também não o fez, e prosseguiu em sua carreira de jogador.

Geninho, talvez por ter se estabelecido como jogador profissional, teve a transição para treinador de futebol quase que naturalmente. Os anos em que atuou, a liderança apresentada perante a equipe, entre outros fatores, levaram os dirigentes do clube em que estava jogando a tê-lo como opção para ocupar a função de treinador.

Já no caso do treinador Antônio Lopes, o caminho trilhado foi um pouco diferente. Por ter abandonado a carreira de jogador para se dedicar aos estudos, encontrou mais dificuldade para conseguir uma oportunidade de atuar como treinador. Ele iniciou os trabalhos na comissão técnica na função de preparador físico, e só depois de algum tempo de trabalho, com passagem pela seleção brasileira, conseguiu alcançar o cargo de treinador.

Tal fato pode sustentar o argumento de que as disputas de poder nesse campo de trabalho tendem a valorizar a experiência adquirida como jogador, já que esses são a maioria entre os treinadores que estão atuando no Brasil.

Treinadores que estão atuando em alto rendimento no Brasil, entre eles um dos sujeitos dessa pesquisa, consideram a experiência adquirida como jogador essencial para a função. O fato de trabalhar com vários treinadores e vivenciar situações específicas proporcionam a ele condição de intervir e resolver possíveis problemas que se apresentam no dia-a-dia.

Essas experiências proporcionam conhecimentos e competências associadas à atuação profissional. Aplicação de sessões de treino, escolha de sistemas e jogo, relação com jogadores, dirigentes e outros membros da comissão técnica em diferentes situações e muitos outros conhecimentos e competências podem ser observados enquanto jogador, e permitem que esses treinadores aproveitem o que julgam melhor de cada um.

Por outro lado, muitos pesquisadores, além de alguns treinadores de futebol, consideram importante a formação superior para atuação profissional. Como essa atividade está associada à área da Educação Física, a formação contribui para o desenvolvimento das funções de treinador, construídas a partir de conhecimentos científicos, se distanciando da simples reprodução de experiências anteriores. Entretanto, são muitas as críticas à Universidade por não apresentar um modelo de formação que ofereça condição ao profissional de atuar nessa função. Muitos dos conhecimentos e competências desenvolvidas a partir da experiência como jogador não são abordados no curso de Educação Física e, dessa forma, aqueles profissionais que contam apenas com a formação acadêmica e anseiam atuar como treinador de futebol devem buscar essas experiências em outros espaços.

Neste sentido, aqueles treinadores que foram jogadores de futebol apresentam, na maioria das vezes, melhor condição de intervir quando comparados àqueles que são apenas formados em Educação Física.

Os países europeus (participantes da Comunidade Europeia), com o objetivo de melhorar e capacitar aqueles que atuam com modalidades esportivas, criaram um modelo de formação obrigatório para todos os profissionais, dividido por níveis, que regula a intervenção. Entre os pesquisadores desses países parece haver um consenso sobre a necessidade dos cursos de formação de treinadores e pouco se discute sobre a sua obrigatoriedade. No entanto, muito se debate sobre os conteúdos e estratégias utilizadas para garantir a formação de bons treinadores.

O avanço da função de treinador nos países europeus pôde ser evidenciado nessa pesquisa a partir dos depoimentos de ambos os treinadores, que destacam os conhecimentos e competências adquiridos a partir de experiências vivenciadas e aquisição de materiais relacionados à intervenção (vídeos, livros, entre outros) quando estiveram lá.

A partir dessas considerações, não queremos sugerir aqui uma cópia do modelo lá implantado, mesmo porque as configurações são outras. Tenciona-se levantar pontos que devem ser avaliados em discussões relacionadas à formação de treinadores. No entanto, acreditamos ser fundamental desenvolver um modelo de formação no Brasil que conte com a obrigatoriedade da formação em Educação Física, pois a área é responsável por conteúdos essenciais na atuação de treinadores de futebol. Além disso, esses cursos devem buscar estratégias para solucionar as questões referentes ao reconhecimento social que ex-jogadores apresentam nesse contexto. A aproximação dos cursos de treinadores que estão atuando mostrou-se relevante tanto nesse, quanto em outros estudos que abordam esse tema, e não deve ser descartada dos modelos de formação.

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir para a área de formação profissional de treinadores de futebol, especialmente no que se refere a estratégias adotadas tanto pelos cursos de Educação Física quanto pelas entidades responsáveis por essa área e pela organização do futebol no país.

Por fim, cabe ressaltar que abordamos um pequeno ponto de uma questão complexa. Sugerimos, portanto, mais estudos que investiguem o campo de trabalho e a experiência de treinadores de futebol tanto no Brasil como em outros países, a fim de contribuir com essa função e com o desenvolvimento do esporte, que estão intimamente relacionados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coord.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ARAÚJO, R. M. L. Competência e qualificação: duas noções em confronto, duas perspectivas de formação dos trabalhadores em jogo. **Trabalho e crítica**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 173-186, 1999.

BARROS, J. M. C. Educação Física e esportes: profissões? **Kinesis**, Santa Maria, v.11, p. 5-16, 1993.

BATISTA, P. M., GRAÇA, A., MATOS, Z. Termos e características associadas à competência. Estudo comparativo de profissionais do desporto que exercem sua actividade profissional em diferentes contextos de prática desportiva. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**. v. 8, n. 3, p. 377-395, 2008.

BENITES, L. C.; BARBIERI, F. A.; SOUZA NETO, S. O futebol: questões e reflexões a respeito dessa “profissão”. **Pensar a Prática**. v. 10, n. 1, p. 51-67, 2007.

BETTI, I. R.; MIZUKAMI, M. G. N. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 2, p. 108-115, 1997.

BRANDÃO, C. F. **A teoria dos processos de civilização de Norbert Elias: o controle das emoções no contexto da psicogênese e sociogênese**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.

BRASIL. Lei nº 6.354, de 2 de setembro de 1976. **Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 1976.

BRASIL. Lei nº 8.650, de 22 de abril de 1993. **Dispõe sobre as relações de trabalho do Treinador Profissional de Futebol e dá outras providências**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 1993.

BRASIL. Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998. **Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselhos Federal e regional de Educação Física**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 1998.

BURNIER, S.; CRUZ, R. M. R.; DURÃES, M. N.; PAZ, M. L.; SILVA, A. N.; SILVA, I. M. M. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**. v. 12, n. 35, p. 343-358, 2007.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evoluções e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **RNC – Ranking Nacional dos Clubes**. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **RNF – Ranking Nacional das Federações**. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

COSTA, I. T. **Análise do perfil de liderança de treinadores de futebol do campeonato brasileiro série A/2005**. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

COSTA, I. T.; SAMULSKI, D.; MARQUES, M. Análise do perfil de liderança dos treinadores de futebol do Campeonato Mineiro 2005. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 14, p. 51-60, 2006.

COSTA, J. P. A. **A Formação do Treinador de Futebol. Análise das Competências, Modelos e Necessidade de Formação**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa, 2005.

CUNHA, G. B. **Análise da auto-percepção dos treinadores de futebol no domínio dos conhecimentos e competências profissionais e no reconhecimento das necessidades de formação**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2008.

CUNHA, G. B.; MESQUITA, I. M. R.; ROSADO, A. F. B.; SOUSA, T.; PEREIRA, P. Necessidades de formação para o exercício profissional na perspectiva do treinado de Futebol em função da sua experiência e nível de formação. **Motriz**. v. 16, n. 4, p. 931-941, 2010.

DAOLIO, J. **Cultura: Educação Física e futebol**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.

DRIGO, A. J.; CESANA, J. Processo de reestruturação produtiva e econômica, da formação artesanal à industrial e a construção das profissões: recortes com a Educação Física brasileira, artesanato e profissão. **Revista Educação Skepsis**, v. 3, n. 2, p. 1778-1819, 2011.

DUARTE, D. F. T. S. **O treinador de sucesso no futebol: uma perspectiva de treinadores e jogadores de elite do futebol português**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

EGERLAND, E. M.; NASCIMENTO, J. V.; BOTH, J. Competência profissional percebida de treinadores esportivos catarinenses. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 457-467, 2010.

ELIAS, N. **Introdução a sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ELIAS, N. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Estabelecidos e outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Regulamento Geral das Competições**. Disponível em: <<http://186.202.17.33/documentos/legislacoes-e-normas/>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL. **Regulamento 2012**. Disponível em : <<http://fgf.com.br/competicao/gauchao/2012/gaucho-regulamento.php>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO. **Ranking Mundial da FIFA/ Coca-Cola**. Disponível em: <<http://www.fifa.com/>>. Acesso em 15 jul. 2012.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **Clubes Filiados**. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **Regulamento Geral das Competições**. Disponível em: <<http://www.futebolpaulista.com.br/competicoes>>. Acesso em: 20 jan. 2012.

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL. **Regulamento das provas oficiais de futebol de onze**. Disponível em: <<http://www.fpf.pt/>>. Acesso em: 17 jul. 2012.

FEITOSA, W. M. N.; NASCIMENTO, J. V. Educação física: quais competências profissionais? In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Orgs.). **Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 87-98.

FIGUERES, E. L. El proceso formativo de los técnicos deportivos. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 13, n. 128, 2009.

FOLLE, A. NASCIMENTO, J. V. Momentos marcantes da trajetória docente em Educação Física. **Motriz**, v. 15, n. 1, p. 92-103, 2009.

FOSTER, K. O jogo bonito: futebol na Inglaterra e no Brasil nos anos 50 e 60. **ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 12-26, 2002.

GHILARDI, R. Formação profissional em Educação Física: a relação entre teoria e prática. **Revista Motriz**. v. 4, n. 1, 1998.

GOMES, A. C.; SOUZA, J. **Futebol: treinamento desportivo de alto rendimento**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HELAL, R.; GORDON, C. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **ECO-PÓS**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 37-55, 2002.

HUNGER, D.; ROSSI, F. Formação acadêmica em Educação Física: perfis profissionais, objetivos e fluxos curriculares. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n.1, p. 170-180, 2010.

HUNGER, D.; ROSSI, F.; SOUZA NETO, S. A teoria de Norbert Elias: uma análise do ser professor. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 697-710, 2011.

JONES, R. L.; ARMOUR, K. M.; POTRAC, P. Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. **Sport, Education and Society**. v. 8, n. 2, p. 213-229, 2003.

LAWSON, H. **Invitation to physical education**. Champaign, Human Kinetics Book, p. 5-17, 1984.

MARQUES, A. T. As profissões do corpo: o treinador. **Revista Treinamento Desportivo**. v. 5, n. 1, p. 04-08, 2000.

MARTURELLI JUNIOR, M. **A organização do trabalho de treinadores de futebol: estratégias de ação e produtividade de equipes profissionais**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; MARCON, D.; SAAD, M. A.; COLLET, C. Formação acadêmica e intervenção pedagógica nos esportes. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n.2, p. 358-366, 2009.

OLIVEIRA, E. M.; PAULO, A. C. A formação do treinador de futebol e sua relação com os resultados no campeonato brasileiro de 2008. **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 15, n. 143, 2010.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PERDIGÃO, P. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre/São Paulo: L&PM Editores, 1986.

PEREIRA, A. A excelência em Educação Física e Desporto a partir de Histórias de Vida. In: PEREIRA, A. L.; COSTA, A.; GARCIA, R. P. (Org.) **O desporto entre lugares. O lugar das Ciências Humanas para a compreensão do Desporto**. Faculdade de Desporto, Universidade do Porto: Porto, 2006.

PLATONOV, V. N. **Tratado geral de treinamento desportivo**. São Paulo: Phorte, 2008.

PINHO, N. F. C. **O treinador de excelência no futebol**: elementos para uma cartografia multidimensional. Um estudo centrado na perspectiva de jornalistas desportivos e treinadores de futebol. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

RAMOS, V.; GRAÇA, A. B. D.; NASCIMENTO, J. V.; SILVA, R. A aprendizagem profissional - As representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz**, Rio Claro, v. 17, n. 2, p. 280-291, 2011.

SANTOS, A. S. F. M.; MESQUITA, I. M. R. Percepção dos treinadores de futebol sobre as competências profissionais em função da sua formação e experiência. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, v. 12, n. 4, p. 275-281, 2010.

SOARES, A. J. G.; SALVADOR, M. A. S.; BARTHOLO, T. L. O “futebol arte” e o “planejamento México” na copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira da Costa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 3, p. 113-130, 2004.

SOARES, A. J. G.; MELO, L. B.; COSTA, F. R.; BARTHOLO, T. L.; BENTO, J. O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, 2011.

SOUZA NETO, S.; ALEGRE, A. N.; HUNGER, D.; PEREIRA, J. M. A formação do profissional de educação física no Brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 113-128, 2004.

TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. S.; SILVA, R. N. B.; HUNGER, D. Perfil dos treinadores da seleção brasileira de futebol sob a ótica da teoria configuracional de Norbert Elias. In: II Congresso Internacional de Formação Profissional em Educação Física; VI Seminário de Estudos e Pesquisas em Formação Profissional no Campo da Educação Física, 2012, Florianópolis. **Anais**, 2012.


TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. S.; HUNGER, D. As configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 73-93, 2013.

THIENGO, C. R. **Os saberes e o processo de formação de futebolistas no São Paulo Futebol Clube**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VOLDMAN, D. Definições e usos. In: AMADO, J.; FERREIRA, M. M. (Coord.) **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.



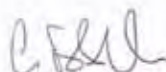
**ANEXO A - Carta de aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética**

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Bauru



O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, em sua 69ª Reunião Ordinária realizada no dia 22 de novembro de 2012, na sala de reuniões do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências - UNESP, Campus de Bauru, às 09h00, após análise do parecer emitido pelo relator **APROVA** o projeto “As configurações do Futebol Brasileiro: Análise da trajetória de treinadores campeões”, Processo nº 2038/46/01/12, sob responsabilidade da Profª Drª Dagmar Ap. Cynthia França Hunger.

**Bauru (SP), 22 de novembro de 2012**



**PROF. DR. ARI FERNANDO MAIA**  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Av. Engº Luiz Estimundo Carrijo Coube, 14-01 - Vargem Limpa - Bauru-SP - CEP: 17.033-360  
Fone: (14) 3103-6187 - e-mail: celarj@fc.unesp.br

## ANEXO B - Parecer nº 5 da CBF



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

*PARECER DJU nº 5, de 8 de março de 2012*

**Ref.: Profissão de Treinador de Futebol – Lei nº 8650/93**  
**Profissão de Educação Física – Lei nº 9696/98**

Consulta-se esta Diretoria Jurídica da CBF no sentido de opinar sobre a ação fiscalizadora exercida pelos Conselhos Regionais de Educação Física junto aos Treinadores Profissionais de Futebol.

No meu entender, os Conselhos Regionais de Educação Física não têm competência, nem poder, para fiscalizar ou ingerir-se nas atividades executadas pelos Treinadores Profissionais de Futebol.

Os atos de fiscais dos Conselhos Regionais de Educação Física – CREF eventualmente praticados contra os Treinadores Profissionais de Futebol seriam, no meu pensar, ilegítimos e ilegais, uma vez que os Treinadores de Futebol não estão sujeitos à fiscalização dos CREF, já que a profissão de Treinador de Futebol goza de regulamentação própria, regida pela Lei nº 8650, de 20-4-1993.

O exercício da profissão de Treinador de Futebol há de ser desenvolvido nos exatos termos da Lei nº 8650/93.

A meu ver, os Treinadores de Futebol não são obrigados a exibir documentos exigidos pela fiscalização dos CREF. Reputo tal exigência como indevida coação, desprovida de amparo legal, porquanto não são esses Conselhos Regionais de Educação Física competentes para a fiscalização do exercício da profissão de Treinador de Futebol.

Não poderiam, portanto, os CREF compelir os Treinadores Profissionais de Futebol a se registrarem compulsoriamente nesses órgãos de fiscalização de profissionais da educação física.



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

Igualmente, não caberia aos CREF aplicar quaisquer penalidades ou sanções relativamente aos Treinadores de Futebol, cuja atividade não é passível de registro perante tais órgãos, e mais, face as características de sua atuação básica, os Treinadores de Futebol estão obrigados apenas a proceder aos devidos "registros nos Conselhos Regionais de Desportos e na Federação ou Liga à qual o clube ou associação for filiado", a teor do disposto no Parágrafo único do art.6º da Lei nº 8650/93.

Caso os CREF persistam na prática de atos ilegais, restaria aos órgãos de classe da profissão de Treinadores de Futebol tomar as medidas judiciais cabíveis na preservação de seu direito, pois que não têm os CREF o direito de exigir que os Treinadores Profissionais de Futebol façam aquilo que a lei não lhes obriga.

A Constituição Federal deixou expresso em seu art 5º inciso II que só se pode exigir o cumprimento de obrigação que a lei preveja.

O direito dos Treinadores de Futebol é também protegido pelo art.37 da Constituição Federal, que consagra o princípio da legalidade administrativa, que impede a prática de atos arbitrários no exercício do poder pela administração pública.

Evidentemente, falta respaldo legal à pretensão dos CREF, cuja atuação se restringe àqueles profissionais que exercem atividades e atribuições de Educação Física, conforme exigência contida no inciso I do art.2º da Lei nº 9696/98.

Tal dispositivo legal é incompatível com as disposições da Lei nº 8650/93 que não veda o exercício da profissão de Treinador de Futebol àqueles que não possuam diploma em curso de Educação Física.

É inegável que a atuação dos CREF se restringe àqueles que exerçam atividades e atribuições de Educação Física, nos termos da legislação pertinente. Por consequência, só há o dever legal de registro tratando-se de pessoas por ele fiscalizadas e que desempenham atividades nos termos da Lei nº 9696/98.



## CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL

Até porque, do contrário, se admitiria que o Poder Público – sob a forma de entidade autárquica, como se caracterizam os CREF, atuasse, independentemente, de previsão legal, consagrando prática avessa a nosso ordenamento jurídico, como Estado de Direito.

Como se vê, não há razão para a interferência dos CREF nas atividades desempenhadas pelos Treinadores Profissionais de Futebol.

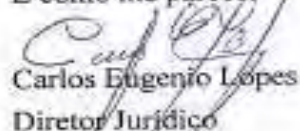
A minha opinião é que nenhum registro pode ser legalmente exigido aos Treinadores Profissionais de Futebol pelos CREF, cuja atuação se restringe àqueles que exerçam atividades e atribuições de Educação Física, nos termos da Lei nº 9696/1998, como acima ressaltado.

O exercício das atividades de Treinador de Futebol não se confunde com o exercício das atividades de Educação Física.

Sendo assim, espera-se que possa ser dado um paradeiro às constantes polêmicas que têm, ultimamente, surgido entre os CREF e os Treinadores Profissionais de Futebol e os respectivos órgãos de classe.

Por conseguinte, só há o dever legal de registro nos CREF tratando-se de profissionais por eles fiscalizados – o que não é o caso dos Treinadores de Futebol – e que desempenhem efetivamente atividades nos termos do art.2º da Lei nº 9696/98.

É como me parece,

  
Carlos Eugênio Lopes  
Diretor Jurídico

## APÊNDICE A - Termo de consentimento livre e esclarecido do treinador Geninho



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro



### TERMO DE CONSENTIMENTO

Rio Claro, 15 de maço de 2012

Prezado Professor,  
Sr. Eugênio Machado Souto (Geninho)

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre a trajetória de treinadores de futebol no Brasil, tendo como objetivo analisar a formação e atuação profissional de treinadores de destaque no país a partir de suas experiências de vida.

Portanto, necessitamos de sua colaboração através de seus depoimentos e resposta de um questionário sobre informações de sua história de vida. A sua participação é muito importante para o estudo por conta do que o senhor representa para o futebol brasileiro. Cabe ressaltar que a qualquer momento o senhor poderá retirar o seu consentimento e deixar de participar desse estudo.

Os seus depoimentos, assim como as suas informações pessoais e profissionais, serão utilizados no trabalho a fim de melhor contextualizar as questões abordadas. Dessa forma, precisamos de seu consentimento para posteriormente publicar os dados desta investigação.

Agradecemos antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

Prof. Guilherme Augusto Talamoni  
Aluno

Prof. Dra. Dagmar Hunger  
Orientadora

### DECLARAÇÃO

Eu, Eugênio Machado Souto, RG: 9823023-52, declaro estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa "A trajetória de treinadores de futebol no Brasil", de autoria do Prof. Guilherme Augusto Talamoni e da Prof. Dra. Dagmar Hunger, manifestando o meu consentimento com a publicação de minhas respostas, bem como, de informações pessoais e profissionais por mim fornecidas.

Assinatura: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido do treinador Antônio Lopes**



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
Instituto de Biociências – Campus de Rio Claro



**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Rio Claro, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

Prezado Professor,  
Sr. Antônio Lopes dos Santos

Estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre a trajetória de treinadores de futebol no Brasil, tendo como objetivo analisar a formação e atuação profissional de treinadores de destaque no país a partir de suas experiências de vida.

Portanto, necessitamos de sua colaboração através de seus depoimentos e resposta de um roteiro sobre informações de sua história de vida. A sua participação é muito importante para o estudo por conta do que o senhor representa para o futebol brasileiro. Cabe ressaltar que a qualquer momento o senhor poderá retirar o seu consentimento e deixar de participar desse estudo.

Os seus depoimentos, assim como as suas informações pessoais e profissionais, serão utilizados no trabalho a fim de melhor contextualizar as questões abordadas. Dessa forma, precisamos de seu consentimento para posteriormente publicar os dados desta investigação.

Agradecemos antecipadamente a sua participação e contribuição.

Atenciosamente,

Prof. Guilherme Augusto Talamoni  
Aluno

Prof. Dra. Dagmar Hunger  
Orientadora

**DECLARAÇÃO**

Eu, Antônio Lopes dos Santos, RG: ....., declaro estar ciente dos objetivos do trabalho de pesquisa "A trajetória de treinadores de futebol no Brasil", de autoria do Prof. Guilherme Augusto Talamoni e da Prof. Dra. Dagmar Hunger, manifestando o meu consentimento com a publicação de minhas respostas, bem como, de informações pessoais e profissionais por mim fornecidas.

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE C - Transcrição da entrevista com o treinador Geninho**

---

**P – Como era sua relação com o futebol durante sua infância e adolescência, o que o senhor se recorda?**

G – Eu como toda criança comecei jogando futebol de rua. Era diferente né? A mais de 40 anos praticamente. Era futebol de vila, jogava-se em campinho de terra... E comecei nisso. Uma vez tive um convite. Nós fomos fazer um.. o time da vila foi fazer um... Era da vila onde tinha o campo do Botafogo (Ribeirão Preto – SP), a Vila Tibério. Então os caras eram da Vila Tibério. Eu morava ali quase ao lado do Estádio, e nós tínhamos um time e fomos jogar contra o Botafogo. Os caras gostaram e me convidaram pra ir pro Botafogo. Ai eu fui pro Botafogo e com 15 anos eu comecei a jogar nas divisões de base do Botafogo. Fiquei no Botafogo durante 8 anos. Passando por todas as divisões de base, me profissionalizando né? Naquela época era diferente do que é hoje... as leis do futebol, você ficava preso ao clube, o passe era do clube, independente se terminasse seu contrato ou não, independente da idade que você tinha. O teu passe era do clube. Então eu fiquei vinculado. Vinculado ao Botafogo né? Até praticamente 72 por ai... 71, 72 foi quando eu sai do Botafogo.

**P – Os seus pais influenciavam você?**

G – Não, não. Na minha época não era muito bom você ser jogador de futebol. O futebol não tinha a moral que ele tem hoje. Ele não era recebido na sociedade como ele é hoje. Ganhava-se muito mal. Então não era um emprego que tinha muita renda. Jogador de futebol era marginalizado, era marginalizado pela sociedade em si. Você não era muito aceito em clubes, você tinha... Não que você era proibido de ir, mas você era olhado meio de lado em alguns locais que você frequentava, principalmente em locais mais elitizados né? Eu não tive tanta essa dificuldade porque eu fazia faculdade. Então o fato de fazer uma faculdade de Direito me abria muitas portas. Naquela época eu podia dizer que eu era quase uma exceção. Um jogador de futebol fazendo uma faculdade. Eu tive... Eu tinha algumas facilidades. E a família queria que eu estudasse e não queria que eu fosse jogador de futebol. A família toda queria que eu me formasse.

**P – Eu vi uma informação que o senhor jogava vôlei também...**

G – Eu fui jogador profissional de futebol durante 20 anos e a única coisa que eu joguei bem foi voleibol. Eu cheguei... cheguei a fazer a seleção de Ribeirão, cheguei a fazer a seleção Paulista. Eu... quer dizer, na minha época... hoje eu seria um anão dentro do voleibol né? Talvez nem jogasse. Mas na minha época não... tinha uns caras um pouco mais alto do que eu.

Eu tenho por volta de 1,80m. Tinha gente de 1,90m, mas não tinha jogador de 2,10m, 2,15m, como todo mundo ta hoje. Então era diferente.

**P – E porque optou pelo futebol?**

G – Porque o futebol me dava dinheiro e o voleibol não. E eu não poderia fazer os dois. Eu disputava os Jogos Abertos por Ribeirão Preto. Ai tinha uma lei que o jogador... que o atleta profissional não poderia disputar os Jogos Abertos. E eu tinha me profissionalizado no Botafogo com pouco tempo. Eu com 16, 17 anos me profissionalizei no Botafogo e eu não podia mais jogar os Jogos Abertos. Então eu acabei optando pelo futebol. O voleibol sempre fez parte da minha vida, sempre que eu posso eu jogava... agora tenho jogado muito menos, mas sempre jogava, continuei brincando com os amigos mas... o voleibol também não dava o dinheiro que dá hoje. Mas se as duas carreiras na época fossem profissionais talvez eu tivesse optado pelo voleibol, mas na época a carreira profissional era só futebol. Voleibol era estritamente amador.

**P – A idade que o senhor começou na Base do Botafogo foi?**

G – 15 anos.

**P – Através dos jogos que o senhor fazia...**

G – É. Fiz um jogo... e um cara que era treinador e diretor perguntou: - Você não quer ir lá ficar um período no Botafogo? Eu fui e acabei ficando.

**P – E como eram os treinos na base?**

G – Não. Não tinha muita coisa.

**P – Você sempre foi goleiro?**

G – É. Sempre fui goleiro. Na Base do Botafogo nós treinávamos duas vezes por semana. Você treinava acho que de quarta e de sexta e jogava sábado e domingo. Ou terça e quinta e jogava de sábado.

**P – Não havia treinamento sistematizado?**

G – Não. Não tinha esse negócio de estrutura. Cada um... A única coisa que a gente ganhava em um clube como o Botafogo é que você ganhava o material pra jogar. Essa era a grande vantagem. Você jogava em um clube de nome, que era conhecido, e você tinha o seu material de jogo. Nos times de vila você tinha que comprar tudo, meia, calção, camisa, chuteira... Mesmo no grupo profissional do Botafogo... No grupo profissional não... Na categoria de Base do Botafogo a chuteira quem comprava era o jogador. O Botafogo dava a meia, o calção e a camisa, e a chuteira você comprava.

**P – E os seus ídolos no futebol nessa época?**



G – Na minha época eu ainda peguei Pelé jogando né? Então o grande ídolo da época era o Pelé. Mas eu joguei com jogadores... vi jogar no final de carreira deles e cheguei jogar contra alguns excepcionais. Ademir da Guia, Rivelino, Dudu, uma série de... César, Vini... Então era jogadores que tinham uma qualidade muito grande. Gérson na época jogando. Mas o grande ídolo, o grande nome... era o time do Santos, praticamente todo em si. Você tinha ali Coutinho, você tinha Durval, depois Pepe e Edu, um time excepcional. Mas o grande ídolo sempre foi o Pelé.

**P – O senhor se profissionalizou no Botafogo...**

G – Sim. Me profissionalizei no Botafogo.

**P – Em que época foi?**

G – 68 mais ou menos.

**P – E existia a expectativa de ser jogador profissional?**

G – Não. Ainda era jogar futebol até me formar. A idéia sempre foi essa. Eu jogaria bola até terminar a faculdade e a partir da faculdade eu iria advogar. Eu acabei me formando em 73, prestei exame na ordem, tanto que tenho o número da ordem até hoje. Mas nessa época eu estava começando a despontar no futebol. Eu era titular na época... Quando eu me formei eu já estava em Sorocaba. Eu fiz meu último ano de faculdade aqui em Ribeirão, mas jogando pelo São Bento de Sorocaba. Eu ia e voltava muitas vezes. E eu acabei... eu estava ganhando, pra época, alguma coisa relativamente bem... e pra começar uma carreira que eu não tinha rendimento nenhum por uma que eu já tinha um rendimento... e na época eu já tinha me casado. Então eu optei por uma coisa mais segura que era o futebol. Falei vou jogar um pouco e daqui a pouco eu mudo. Fui jogando um pouco, jogando um pouco... Depois o projeto era depois que eu parar de jogar eu vou advogar. E como a gente não manda muito no destino da gente eu parei de jogar e virei treinador.

**P – Casou antes de terminar a faculdade?**

G – Casei antes de terminar a faculdade.

**P – Quanto tempo atuou como jogador de futebol profissional?**

G – Vinte. Vinte anos mais ou menos. Eu comecei praticamente em meia meia e terminei praticamente em 86.

**P – Descreva o jogador Geninho. Como encarava os treinos, lidava com os outros profissionais?**

G – No começo não era com muita seriedade não. No começo... eu era muito jovem né? Muito jovem... Jovem e descobrindo a vida, como muitos jovens de hoje. Apesar que eu digo: hoje, o esquema do futebol profissional é muito diferente. É muito difícil você fazer uma

comparação de hoje com o futebol na minha época. Então na minha época você treinava um período, você não tinha esses profissionais todos, essas concentrações todas, as obrigações não eram tão rígidas. Os treinamentos eles não tinham toda essa sofisticação que tem hoje, todo esse aparato de academia... nutricionista... Era o treinador. O treinador era tudo. O treinador era preparador físico, treinador de goleiro, ele era tudo. Só tinha o treinador. Nos treinos, você treinava em campo que eram horrorosos, com a grama uma aqui e outra ali e o resto era terra. O time tinha meia dúzia de bolas, sempre com dificuldades. E como todo garoto eu tava ali... Como eu te disse, no começo eu estava esperando o tempo passar pra me formar e ai deixar o futebol, então o começo não foi muito sério. Depois não. Depois que eu casei ai as coisas começaram a ser levadas de uma maneira mais séria. Ai sim eu treinava com muita seriedade. E quando eu comecei... me formei e não comecei a advogar eu comecei a encarar o futebol mais sério, bem mais sério. Ai eu realmente encarei o futebol como profissão. Ai... ai o futebol foi evoluindo, eu comecei a pegar toda essa evolução do futebol.

**P – Se dedicava mais...**

G – Me dedicava... depois os treinos passaram a ser em dois períodos. Já era exigido uma dedicação maior.

**P – Um balanço da carreira como jogador. Foi positivo?**

G – Foi... Foi. Eu nunca consegui jogar em time grande, mas eu consegui ser titular em praticamente quase todas as equipes que eu passei né? Eu tive no Botafogo um período de entra sai, entra sai. Depois eu fui pra Sorocaba e fui titular durante 4 anos no São Bento, a torcida lá me adora, os antigos todos né? Tive uma passagem muito boa no São Bento, alguns campeonatos muito bons. O pessoal lá todo... quando eu ia em Sorocaba era uma festa, fui 4 anos. Depois fui para a Francana, fui 4 anos titular na Francana. Depois fui pro Juventude, fui 2 anos titular do Juventude. Fui titular no Caxias. Então eu fui titular nas equipes que eu joguei, e não tive chance de uma grande equipe. Mas... fui titular nas equipes que eu joguei e isso me deixou bastante realizado porque onde eu estava eu consegui ser o titular da posição.

**P – Era capitão professor?**

G – Mais no final da carreira. Mais no Juventude, essas coisas sim. Porque eu sempre acho que o capitão não tem que se o goleiro. O goleiro fica muito alheio a arbitragem a tudo. Como hoje só se permite falar um pouco com a arbitragem o capitão melhor tem que ser um jogador de meia ou alguém que jogue se movimentando no campo. Capitão tudo bem, mas ele fica muito alheio. Toda vez que ele tiver que reivindicar alguma coisa ele tem que se deslocar do gol. Então eu acho que isso não é o ideal.

**P – Tinha alguma liderança perante o grupo?**

G – Tinha. Eu sempre tive uma liderança natural. Sempre aglutinei, sempre cobrei, sempre falei muito... então... sempre fui de não aceitar algumas situações assim que eu achava que poderiam ser mudadas pra melhor. Então sempre tive essa facilidade.

**P – Porque escolheu “Direito”?**

G – Eu sempre gostei de Direito. Eu realmente queria ser advogado. Sempre gostei. Eu nunca gostei muito de matemática... física, química, isso não era muito meu. Eu era muito mais chegado em história, muito mais chegado em filosofia, psicologia, essas coisas do que as ciências exatas. E sempre gostei de Direito. Sempre gostei.

**P – Quantos anos de curso?**

G – 5 anos.

**P – A época...**

G – Comecei acho que em 68 a 73.

**P – Como fez para conciliar a carreira de jogador e a faculdade?**

G – Não era muito difícil. Como eu te falei, na maioria das vezes... Na maioria das vezes você trabalhava um período só. Eu cheguei um período a fazer duas faculdades. Eu fazia Educação Física pela manhã e Direito a noite. Eu só treinava a tarde. Quando começaram os treinos em dois períodos eu tive que abrir mão da Educação Física. Fiz Educação Física até o segundo ano e parei. E aí optei por terminar direito.

**P – A carreira como treinador o senhor começou no Novo Hamburgo...**

G – Comecei no Novo Hamburgo.

**P – Como foi essa transição?**

G – Eu já estava com 34, 35 anos, e eu estava no Novo Hamburgo e tive uma pequena lesão, que ia me deixar fora aí por uns 15 dias mais ou menos. Nesse período que eu fiquei fora teve um problema e saiu o treinador. Saiu o treinador e a diretoria... como eu era o capitão do time, era a pessoa mais velha... nós tínhamos... o treinador saiu acho que em uma segunda-feira, terça-feira, e naquela época, como eu te disse, não tinha auxiliar técnico... aí a diretoria me chamou e disse: - olha, toma conta desse time até quarta-feira até a gente contratar um treinador. Eu peguei o time e o time ganhou. Acho que um jogo fora. Nós fizemos o Novo Hamburgo contra o Inter de Santa Maria. Depois no domingo eu tinha um jogo em casa contra o Inter de Porto Alegre, e não tinha ainda se acertado com um treinador, e nós fizemos o jogo e ganhamos de novo. Aí nós estávamos em uma reta final, faltavam dois meses pra terminar o ano. “Ah, você podia conciliar!”. Eu falei: - Não. Não vou conciliar. Eu fico como treinador e deixo de ser jogador. Daí acabei tocando até o final do ano. Já no final do ano depois... larguei, e no ano seguinte já fiz o contrato de treinador e não de jogador mais.

**P – E as dificuldades que encontrou no primeiro momento?**

G – Eu não tive muita dificuldade no começo porque eu conhecia muito bem o grupo que eu estava comandando, no caso era o Novo Hamburgo. Eu conhecia... eu fazia parte daquele grupo. Então eu sabia como tratar. Eram meus amigos, meus companheiros de profissão, então foi fácil tocar aquilo. E as dificuldades passaram a acontecer um pouco mais tarde. Ai você começava a trabalhar com um grupo diferente. Porque eu comecei no Novo Hamburgo como profissional, e depois eu vim pro Botafogo de Ribeirão Preto treinar a divisão de base do Botafogo... Eu praticamente recuei na profissão. Foi uma coisa maravilhosa pra mim trabalhar na base. Porque hoje eu entendo bem o trabalho de base, eu sei como é feito o trabalho com garotada, porque eu trabalhei lá. E o fato de voltar pra divisão de base acabou abrindo minhas portas pra ir trabalhar nas divisões de base do Santos. O trabalho aqui no Botafogo foi muito bom, revelando muitos jogadores... despertou a atenção. Eu tinha contato com um pessoal ali do Santos. Eu fui convidado pra trabalhar no Santos. Ai eu tava trabalhando na divisão de base do Santos. Trabalhei quase um ano na divisão de base do Santos, quando no final do ano, também com a saída do treinador, Candinho era o treinador e ele acabou saindo... faltava, se eu não me engano, seis jogos... seis ou sete jogos pra terminar o Campeonato Brasileiro da época, e eu fui convidado pra subir. E ali foi talvez o grande desafio né? Porque eu treinando base peguei o time do Santos que estava cheio de jogador de nome... Rodolfo Rodrigues, Serginho, Mendonça... aquela turma toda. Mas não tive muita dificuldade. O fato de ter jogado muito tempo me fazia ser melhor aceito pelos jogadores. Eu sempre tive essa facilidade de falar, de comandar o grupo... eu acho que o Direito me ajudou muito nisso, nesse relacionamento pessoal. Então não tive muita dificuldade, a partir daí as coisas foram se encaminhando. A cada dia aparece um problema diferente, hoje eu tenho ai 20 e poucos anos de carreira como treinador e eu ainda vejo coisa nova na minha carreira. Alguns problemas novos que você tem que administrar, algumas situações novas que você tem que administrar.

**P – Ser jogador de futebol foi determinante para sua carreira...**

G – Foi. Foi. Eu acho que foi. Foi pra entender algumas coisas. Eu acho que não é fundamental você ser jogador de futebol. De repente você pode só teórico e ser um grande treinador de futebol. Acho que existem alguns assim. Agora quem foi jogador de futebol acho que tem mais facilidade. Tem mais facilidade porque ele viveu o vestiário, ele viveu o vestiário como jogador... Ele passou alguns problemas que o treinador tem que administrar, então ele viveu aquele problema e sabe como administrar melhor... relação de jogador, que

entra e sai do time. Alguns problemas... alguns que saem um pouco fora da linha. Então você viveu aquilo. Eu acho que se você vive você administra melhor.

**P – Você realizou algum curso específico para treinador?**

G – Depois eu andei fazendo algumas coisas que apareceram ai em termo de exteriorização. Procuo ver muita coisa lá fora... trago muito vídeo de treinamento. As vezes, em algumas viagens que eu faço, vou ver. Eu tive uma viagem, acompanhei muito o pessoal da Holanda, o pessoal da Alemanha, que era onde eu tava. Eu tive a oportunidade de trabalhar em Portugal um ano, então eu tive contato com alguns treinadores estrangeiros. Eu procuro ver... até hoje eu procuro ver o que se faz, o que tem de novo, o que não tem de novo. Hoje em dia com a mídia como ele está é fácil você fazer isso, você não precisa fazer curso. Você tem tudo na tua mão. Então você quer ver como joga o Barcelona você grava quatro ou cinco jogos do Barcelona... Real Madri, Bayer... qualquer time do mundo... Manchester, Chelsea, Benfica... Você sabe como... hoje o intercâmbio, você tem a oportunidade de falar com os treinadores das grandes equipes, ou de fora ou mesmo do Brasil. E aqui no Brasil tem... tem alguns simpósios muito bons. Tem o Footecon no final do ano...

**P – Do Parreira...**

G – Do Parreira. Eu participei de vários já, fui palestrante de vários. Nesse último eu fui só pra visitar e acabei palestrando né? Ele acabou me pegando... Mas ali é muito bom em termos de atualização de algumas coisas, você alguns profissionais falando muito sobre algumas novidades. É sempre muito bom você ir se adequando a algumas coisas novas.

**P – Você sente falta de alguma formação específica para a sua atuação?**

G – Não. Não. Nada. Porque eu tive o conhecimento básico de Educação Física. O fato de ter sido jogador e ter trabalhado com “n” preparadores físicos, depois como treinador acompanhando várias coisas em termos de evolução não me causa dificuldade. A parte psicológica, o fato de ter feito a faculdade me da muita facilidade de administrar isso. Então eu não tenho... eu acho que em conhecimento de bola, é o que eu falo, é difícil alguém me falar alguma coisa que eu já não saiba. Então eu não sinto falta de ter feito algum curso específico pra futebol. Talvez se eu não tivesse jogado bola eu teria que fazer. Está ai a diferença entre o teórico e o que jogou. O teórico tem que fazer alguns cursos. Tem que conviver... de repente algumas situações... fazer alguns estágios... é o que a gente vê muito, com alguns treinadores, pra viver o vestiário, porque ele não viveu no meio. Fora o fato de o jogador respeitar sempre mais quem jogou.

**P – É cultural...**

G – É cultural. É fácil né? Pô... o cara viveu. Então ele ta falando alguma coisa que ele viveu. O cara não só leu, então... Como eu disse, não quer dizer que a condição seja “equa non”, mas ele é melhor aceito.

**P – O senhor trabalhou em Portugal e na Arábia Saudita. Você pode contar um pouco como foi a experiência?**

G – Portugal fui muito novo né? Portugal foi talvez meu segundo time profissional. Eu tive Santos... me formei... o Novo Hamburgo foi o meu primeiro clube profissional mas eu fiquei um período muito curto. Então eu iniciei, voltei pras divisões de base e reiniciei no Santos. Eu sai do Santos pro Vitória de Guimarães, que era um time forte em Portugal. Ali eu tive um pouco de dificuldade. O fato de trabalhar fora do Brasil com pouca experiência de treinador, porque é uma cultura diferente, uma maneira diferente do comportamento dos jogadores, que era diferente daqui. Algumas atitudes diferentes em termos de concentração, em termo de comportamento, em termo de uma série de coisas... eu tive algumas dificuldades. Foi bem, mas tive algumas dificuldades. Fiz uma boa participação porque o único titulo importante que o Guimarães tem até hoje na sua história foi conquistado por mim. Nós ganhamos uma Super Taça de Portugal contra o Porto jogando no Porto. Se você entra no site do Vitória de Guimarães é o grande titulo e eu era o treinador. Mas com pouca experiência. Acho que se eu tivesse a experiência que eu tenho com aquele time que eu tinha acho que eu disputava até o título português. Fiz classificação pra UEFA, que era um dos objetivos, mas eu poderia até talvez ter disputado o título português. E na Arábia é um mundo completamente diferente. Na Arábia tudo o que você imagina é diferente no futebol. Na minha primeira passagem o futebol ainda não era profissional... profissional assim, o jogador não era profissional, então ele treinava quando ele queria, vinha quando ele queria. Os horários lá... o período que eu passei... eram completamente diferentes, porque você passava um calor de 48 graus, 50 graus. Você só treinava a noite, final da tarde e a noite, seis, sete horas da noite. Durante o dia ninguém fazia nada. Você não podia incrementar um ritmo profissional muito forte porque eles não estavam acostumados a isso. Eles queriam só brincar com bola. Treino físico praticamente não existia. E muito apadrinhamento por parte dos príncipes em relação a alguns jogadores. Muita mordomia... então, completamente diferente a situação. A minha outra volta não. Eu estive lá duas vezes né? E agora nessa volta mais recente eu já peguei um futebol profissional, quando jogador era obrigado a cumprir o horário, quando jogador fazia o trabalho profissional mais... ele optava por aquela... apesar da maioria deles terem duas profissões, muitos deles militares eles cumpriam o seu dia-a-dia de treino. Você podia colocar treino físico. Já aceitavam melhor os treinos táticos. Já não havia mais tanto apadrinhamento,

havia mais cobrança. Então, diferente... mas mesmo assim com algumas características diferentes, ainda tinha que dar o treino no final da tarde. Você passa de repente um Ramadã, com 30 dias sem o jogador se alimentar durante o dia. Ai ele chega a noite pra treinar, como é que você vai dar treino se ele vai começar a comer aquela hora... ele só pode comer depois que o sol se põe. Isso é complicado. Então no futebol árabe você tem que ter uma série de adaptações... você vai aprendendo a ter muita paciência. Então, como aprendizado, muito bom.

**P – Portugal foi mais fácil...**

G – Em termo de cultura, de se viver, sim.

**P – Depois quando voltou ao Brasil, foi importante essa experiência internacional?**

G – Foi sim. Nossa. Toda vez que você volta você trás alguma coisa a mais. Você trás alguma coisa a mais.

**P – O que diferencia os treinadores aqui do Brasil com os treinadores de Portugal e da Arábia, que você pode observar?**

G – Na Arábia você tem muito estrangeiro, então é difícil você fazer um comparativo porque lá todo mundo tem muita dificuldade. Lá você acha muito brasileiro. O árabe gosta do treinador brasileiro. O treinador brasileiro sabe levar melhor o árabe... o jogador árabe, o brasileiro tem mais jogo de cintura. Mas lá você acha francês, você acha inglês, você acha muito treinador do leste europeu, e vem com aquela cultura deles tentando implantar aquilo dentro do futebol árabe. O árabe as vezes não faz. O árabe não sabe aquele futebolzão mecânico. O árabe também gosta de festa, ele gosta de um drible, gosta de passar o pé em cima da bola, ele gosta de se divertir com a bola. Em Portugal não. Em Portugal as coisas mais rígidas. Os treinadores portugueses... a maioria deles tem uma característica muito defensiva. Talvez a exceção começou com o Mourinho, que implantou uma nova filosofia. Mas uma filosofia muito defensiva. Muita correria, muita ligação direta. Portugal se joga muito no choque, a arbitragem deixa correr mais... o choque lá é permitido...

**P – Padrão europeu...**

G – Padrão europeu, com muita correria, muita ligação direta... muita chegada, um futebol de marcação muito forte, um pressing muito grande. Todo mundo marcando atrás da linha da bola. Muito diferente. Agora, você tem algumas escolas, alguns treinadores com uma maneira diferente de jogar. Você vê hoje, por exemplo, no caso do Barcelona, que é o time da moda, uma maneira de jogar, que já vem desde lá de fora com o Croyff, quer dizer, não é uma coisa que nego fala: vou jogar igual o Barcelona. Não, o Barcelona faz 15 anos que esta tentando fazer isso. Agora que começou a dar muito certo. Sempre o Barcelona chegou, mas nem

sempre ele foi campeão e nem sempre ele foi destaque. Agora que ele ta chegando, ele achou um monte de jogador com muita qualidade, que faz bem aquilo que é implantado, ou seja, ficar com a bola... ficar com a bola. Então é uma maneira... uma característica diferente de jogar, que passa a ser imitado. Quando um time passa a render muito ele passa a ser imitado, como aquela seleção da Holanda que fez o carrossel, todo mundo queria jogar igual. Também não é fácil jogar igual porque você não acha as peças pra fazer a função. A Holanda rodava. O centro-avante as vezes era zagueiro, o zagueiro sabia sair jogando, porque era zagueiro de qualidade, que sabia sair pra jogo como se fosse um meia. E o pessoal da frente marcava como se fosse lateral, volante, zagueiro. Então, criou-se um grupo com características para jogar daquele jeito. Não adianta você pegar um grupo que não tem a característica e tentar criar uma maneira de jogar, e eu digo que a maneira de jogar depende muito do grupo que você tem na mão. Se você não tem jogadores com características pra colocar um esquema, você vai por e não vai dar certo. Jogador que não tem característica, não tem característica. Jogador que é habilidoso, que sabe driblar que sabe tocar ele vai ter muita dificuldade em marcar. E quem marca, só marca, também tem dificuldade de jogar. Então você vai ter que se adaptar... a maioria das vezes o treinador tem que se adaptar ao grupo pra implantar um esquema. Na Europa as vezes é diferente. O treinador senta, e eu vou jogar desse jeito e vou querer esse jogador, esse jogador. E ele trás os jogadores pro esquema. E não você fazer o esquema em cima dos jogadores. Aqui no Brasil tem muito disso, por isso que muitas vezes não da certo. Você tenta empurrar um esquema goela a baixo de um grupo que não tem característica pra jogar naquele esquema.

**P – Professor, em 2001 foi campeão brasileiro com o Atlético...**

G – Foi...

**P – Pode contar um pouco como foi a preparação do time?**

G – A minha carreira se divide realmente em duas etapas. Antes de 2001... não é nem 2001, eu ponho até 2000 nisso ai, porque a gente esquece que eu fui campeão com o Paraná em 2000. Eu fui campeão em 2000 da série B e campeão em 2001 da série A. Eu poderia até ter sido campeão em 2000 da série A porque foi aquela que cruzou uma com a outra, e eu tive um jogo onde eu tive uma arbitragem bastante tendenciosa, dando um pênalti que ele estava no meio campo e o Romário caiu dentro da área, e ele fez eu ter sido desclassificado pelo Vasco. Se não o final daquele ano já seria Paraná e São Caetano. Foi São Caetano e Vasco. E eu já tinha ganho a série B em cima do São Caetano. Então... fomos nós. Eu como campeão e o São Caetano como vice, disputar com os caras lá. E provavelmente eu poderia ser em 2000 campeão da B e campeão da A, e seria uma coisa inédita em um time ser campeão das duas.



Mas a minha carreira ela veio, eu tive alguns altos e baixos, já tinha treinado o Santos, já tinha passado por alguns times aqui, eu tinha vindo treinar a Inter de Limeira que tinha sido campeão paulista. Já tinha estado em Portugal. Mas a minha carreira ela deslanchou a partir de 2000. Campeão com o Paraná, do Paraná eu retornei ao Santos, nós fomos vice-campeões paulista naquele jogo altamente polemico daqueles dois minutos que passou do tempo e o Corinthians fez o gol, tirando o Santos da final. Logo depois daquilo eu sai e deixei o Santos com sete partidas invicto. Me incomodei com algumas coisas, com algumas cobranças que eu achava que... eu morava em Santos, estava meio complicado. Eu optei por sair do Santos. Fui para o Atlético Paranaense e fui campeão brasileiro. A partir dali eu tive um seqüência de títulos. Regionais em vários lugares... e eu comecei a trabalhar em times de ponta, porque a partir do momento que você coloca no seu currículo o carimbo de campeão brasileiro você passa a ser técnico de elite. E a partir daí eu comecei a trabalhar em outro patamar financeiro, em uma outra faixa de clubes né? E a partir daí minha carreira acabou deslanchando. Especificamente da pergunta de como foi a preparação, eu cheguei em um time que estava em décimo quarto lugar acho, muito tumultuado, uma cobrança muito grande. A manchete do jornal do dia seguinte em que eu cheguei... Quem havia montado aquele grupo, você tem que dar crédito a pessoa... quem montou o grupo foi o Mario Sérgio, eu não coloquei nenhum jogador naquele time. Eu peguei o time do Mário, o Mário montou aquele time. Mas ai uma série de problemas extra campo, muita bagunça... Eu cheguei lá tinha uma lista grande de dispensa de jogadores, e uma manchete: “Ou o Atlético acaba com a noite ou a noite acaba com o Atlético”. E ai sentamos, eu pedi pra não dispensar ninguém que eu ia conversar. Joguei uma responsabilidade muito grande dentro do grupo, e começamos o trabalho. As coisas se afinaram de uma maneira que dentro do futebol as vezes acontece uma química mágica. Nós ficamos, se eu não me engano acho que 14 jogos, 16 jogos sem perder. Juntando com o do Santos, na época eu fiz a maior série invicta de um treinador. Aquilo nos levou a ponta do campeonato. Quando aquele time chegou no mata-mata, aquele time era um time que dificilmente seria batido. Era um time que jogava por música, era um time que se gostava, era um time que se ajudava, era um time que queria ser campeão, tanto que aquele time ficou um mês concentrado na reta final. Nós ficamos um mês preso no CT. Ninguém saia. Ficamos presos ali. As famílias que iam nos visitar no final de semana, na folga. Então era um time que queria ganhar... queria ganhar. E era um time afinado, o Atlético naquele ano foi a defesa menos vazada e o ataque mais positivo. Então, foi campeão com mérito. Porque todo mundo fala que a final foi contra o São Caetano. Tá. Mas classificaram oito times. Nesses oito times tinha São Caetano e tinha Atlético. Só que tinha também São Paulo, tinha Atlético Mineiro,

tinha Grêmio, tinha Fluminense, então eles esquecem que os grandes estavam ali. É que essas duas equipes superaram. São Caetano que estava vivendo um grande momento, talvez o maior momento dele. E o Atlético que foi campeão.

**P – E na sua opinião tem diferença nos campeonatos mata-mata e nos de pontos corridos?**

G – Sim. Muito, muito. É diferente. Quando você joga no esquema de mata-mata você faz dois tipos de preparação. Você faz uma pra você classificar, e depois a outra você faz preparação jogo a jogo. O ponto corrido não, você tem que ir buscando, somando, somando e somando. O ponto que você perde lá na primeira, segunda ou terceira rodada te tira o título.

**P – É mais difícil?**

G – Fica mais difícil. Acho que tem mais mérito um time que foi campeão no sistema de pontos corridos. Porque o ponto corrido ele premia mais a regularidade. Eu acho que o mata-mata é mais emocionante. Nós tivemos ano passado um campeonato altamente emocionante, cinco ou seis times podendo ser campeão, e você não sabia quem ia cair e quem ia ser campeão. Altamente emocionante. Mas não é uma coisa muito natural de acontecer. Você vê que o hoje, por exemplo, no campeonato paulista os grandes estão sobrando, tem mais uma turminha, já separou o bloco da frente do bloco de trás. Agora, eu acho que o mata-mata é interessante. Pode não ser um mata-mata por exemplo tão grande, com oito equipes, você pode fazer um mata-mata com quatro. Você poderia fazer mais estreito. O mata-mata ele dá uma empolgação maior, e dá mais chance... o Santos foi campeão sendo o oitavo colocado no ano.

**P – Com o Leão...**

G – Com o Leão. Então, as vezes isso aí acontece.

**P – Professor, o senhor já ganhou o título brasileiro, estaduais, títulos internacionais. Quais ainda são suas pretensões?**

G – É que eu continue ganhando dentro daquilo que eu faço. Eu entro em tudo pra tentar ser o melhor. Eu posso estar treinando um clube de quinta divisão e eu quero ganhar. Eu acho que o trabalho pra mim, ele independe, se eu estou trabalhando em uma grande equipe, da primeira divisão ou se eu estou trabalhando em um time pequeno de terceira divisão. Pra mim o que importa é o trabalho e o objetivo. Então eu vou trabalhar da mesma maneira. Aquilo que eu vou fazer no time grande eu vou fazer no pequeno. Os treinos, os mesmos que eu estou dando no time grande eu vou dar no pequeno. É claro que a estrutura do grande te permite um certo tipo de trabalho e o pequeno tem algumas restrições, mas eu procuro trabalhar no mesmo ritmo e na mesma qualidade. E procuro tirar do jogador a mesma coisa que eu tiro de um de

um time menor e de um time maior. Então quando eu trabalho eu me motivo, eu me motivo porque eu quero ganhar. Eu sou uma pessoa que não aceita... não aceita perder. Eu sei perder, mas não gosto de perder. Então eu faço de tudo pra que isso não aconteça.

**P – Um balanço da sua carreira como treinador.**

G – Eu posso dizer que eu sou uma pessoa realizada... ou quase realizada. Só não sou totalmente realizada por minha culpa. Eu sou o grande culpado disso. Eu sou um treinador que... eu falo isso e muita gente fica assim... Que nunca tive a ambição de treinar a seleção brasileira. Eu acho complicado... não que eu não quisesse o cargo. Mas eu acho complicado treinar uma seleção brasileira. Se o Brasil fosse um paizinho menor era muito melhor. Brasil é muito grande, Brasil tem muito jogador, Brasil tem muita influência lá dentro, tem muita ingerência. Eu que... eu me conhecendo bem, eu acho que eu ia me incomodar. Então, eu acho que eu não tive assim... é claro que se aparecesse eu não ia falar não. Claro que eu não iria falar não. Mas eu nunca trabalhei pra ser treinador de seleção brasileira. Mas eu sempre trabalhei pra treinar time grande. E eu treinei a maioria deles. Tinha dois times que eu sempre tive o sonho de trabalhar na minha vida. Quando eu era jogador esses times já eram times badalados. Depois como treinador continuaram sendo. É o Corinthians e o Flamengo. Eu treinei o Corinthians duas vezes. Eu cheguei a ser campeão pelo Corinthians. Então eu realizei uma página, um grande sonho. E não fui pro Flamengo porque... eu tive dois convites, e as duas vezes eu falei não. Não foi o Flamengo que não me quis, eu que acabei não querendo... não é que queria, eu não quis... eu não quis sair de onde eu estava. Então, é complicado. Uma vez no Atlético Mineiro, talvez a ultima grande proposta. E no Atlético Paranaense, e eu não quis sair. As vezes eu sento e fico um pouco arrependido de não ter ido porque não sei se essa oportunidade vai aparecer de novo... não sei se essa oportunidade vai aparecer de novo. Era um grande sonho treinar essas duas equipes... treinei uma, fui campeão, então realização completa, você treinar um time e ser campeão. E a outra... Eu talvez tive a felicidade de treinar, as vezes, algumas das maiores equipes do Brasil. Não tive a oportunidade ainda... também, os convites apareceram, mas por um motivo ou por outro eu acabei não indo trabalhar no Rio Grande do Sul em termos de Internacional e Grêmio, eu tive o convite dos dois. Acabei não... mas treinei. Treinei Atlético Mineiro, uma das grandes equipes do Brasil, muito grande. Treinei Santos, três vezes eu treinei o Santos. Ai Bahia, Vitória, Sport, Náutico... treinei Vasco, treinei Botafogo. Então eu acho que eu não posso reclamar da minha carreira não. Eu acho que eu posso dizer que sou um profissional realizado.

**P – O que você acha que é necessário hoje para ser treinador de futebol?**

G – Primeiro muita coragem. Muita coragem porque não é uma profissão fácil não. Profissão altamente desgastante, uma profissão altamente cobrada, uma profissão onde você vive o stress 24 horas por dia. Uma responsabilidade muito grande de comando, você tem que ser uma pessoa de muita personalidade, porque há muita ingerência no trabalho. Hoje em dia, com muitos empresários, muitos interesses, então... muita pressão em cima de jovens jogadores hoje. Grandes investidores que querem que o jogador jogue. Então não é uma carreira fácil. Você tem que ter muita personalidade... muita personalidade. Fora o conhecimento. Eu acho que o conhecimento é básico. Se você não tiver... não entender de futebol, não vai se meter lá. Eu não entendo nada de engenharia... eu não vou pegar em nada. Então, primeiro entender de futebol, e segundo se preparar pra isso. Vá viver... se você não foi do meio vá viver um pouco o que é o ambiente do futebol, o que é o ambiente do vestiário pra ver o que você vai fazer. E mesmo as pessoas que conhecem quando passam a ter um comando... que você quando acompanha uma coisa, e quando te dão a direção do carro... você sentar do lado do carona é uma coisa, dirigir é outra. Hora que você passa a dirigir você vai ver que é... a coisa não é fácil... não é fácil. Pra quem gosta... eu digo sempre que futebol, e principalmente ser treinador é pra quem gosta. Pra quem gosta e pra quem está preparado para pressão, pra stress, pra sofrer, pra desilusão, claro que pra alegria também. Então você tem que estar muito bem preparado pra uma serie de coisas.

**P – Você acredita que a formação superior é importante pra atuação?**

G – Eu acho que ajuda muito... eu acho que ajuda muito. Se você tem conhecimento das coisas ajuda muito. Também não acho que é fundamental, como eu não acho que é fundamental você ter jogado. Você jogou e você tem a teoria, vai te ajudar. Você tem a teoria mas não jogou, também vai te ajudar. Então eu acho que é importante mas não é fundamental.

**P – Você acha que precisa mudar alguma coisa na formação de treinadores? Existir alguma exigência?**

G – Não, eu acho que nós temos que ter mais... não, eu acho que algumas exigências tem que ser feitas. Eu acho que nós temos que ter como na Europa. Eu acho que temos que ter mais cursos. Mas não são mais cursos pra ensinar, eu acho que temos que ter mais contato. Você tem que ter mais contato. A classe do treinador de futebol no Brasil ela é altamente desunida. Talvez a mais desunida que eu conheço. É um querendo puxar o tapete do outro. É um se oferecendo no trabalho do outro. Basta um perder os jogos que chove de telefonema pro lugar do cara. Eu acho que tem que se mudar algumas coisas na profissão do treinador. Eu sou favorável a que o treinador, se ele trabalhou em um clube da primeira divisão, naquele ano ele não pode trabalhar mais.

**P – Na Europa alguns países são assim...**

G – É... ele só pode trabalhar em um clube de segunda. Então ele só pode trabalhar uma vez em cada série. Por exemplo, ele trabalhou na primeira, ele só pode trabalhar na segunda. Ele trabalhou na segunda ele só pode trabalhar na terceira. O time teria que contratar dois treinadores no ano, só, no máximo. E o treinador, se ele mandar embora ele é obrigado a pagar até o final do contrato. O profissional que optar por trabalhar nesse período abre mão de receber. É simples a coisa... é simples a coisa. E fazer uma coisa séria, por exemplo, eu trabalho em um time qualquer, sou mandado embora e você é obrigado a me pagar até o final do meu contrato e eu vou fazer a opção de ficar parado. Se o time atrasar meu pagamento ele não tem condição de entrar em campo. Agora se eu optar por começar a trabalhar eu abro mão desse salário. É simples. Vai ter uma escolha melhor... uma escolha melhor do profissional que você vai escolher, porque você só vai poder escolher dois. O profissional vai ter que trabalhar bem porque mesmo que ele vá continuar recebendo, ele vai ficar um ano fora do mercado, e daqui a pouco a imagem dele vai ficar altamente desgastada, ele não vai ser mais escolha porque nos temos n opções. Então eu acho que algumas coisas tem que mudar aqui. E os treinadores se prepararem né? Se preparar um pouco melhor. Não precisa ir pra Europa ver nada. Não precisa fazer um curso lá. Perca um tempo vendo coisas, conversando, trocando idéia. Eu digo que eu joguei 20 anos e tenho 23 de treinador. Então eu tenho 43 anos de bola e estou aprendendo. Eu as vezes converso com alguém que me passa coisa nova. E nem sempre gente velha. Muitas vezes um treinador novo vem com um conceito novo. E você tem que ter humildade o bastante pra aprender aquilo. “O que você ta fazendo?”, “ Como que ta funcionando isso?” Treinamento, eu vivo copiando de alguém, alguém vive copiando de mim. Eu vejo alguém fazendo uma coisa boa eu trago pra mim. Não tenho vergonha não. Eu vejo uma jogada ensaiada em um time que eu acho que é interessante eu tento trazer pro meu time. Eu acho que esse intercâmbio, essa troca de informações... eu acho que ela seria muito boa, muito valiosa.

**P – Quais as principais dificuldades que se apresentam na profissão de treinador?**

**Mídia, questão de emprego...**

G – Concorrência, que hoje é uma grande realidade. Todo mundo quer ser treinador. Qualquer ex-jogador... todo jogador que para quer ser treinador.

**P – Mas por outro lado não são sempre os mesmos nomes que estão nos times de ponta?**

**É difícil aparecer algum treinador diferente...**

G – É difícil porque o time as vezes não quer arriscar. E as vezes ele arrisca e não da certo. O que está acontecendo agora é uma coisa um pouco diferente. É que está acontecendo o

inverso. Está se apostando em um pessoal novo pra ver se esse pessoal da certo, porque ele é mais barato. Só que muitas das vezes o pessoal novo não está segurando. Não está segurando... quando começa a pressão, uma pressão forte da imprensa abana, uma pressão da torcida abana, ou uma pressão de jogador... porque o jogador testa o treinador, em cima de alguma decisão ele peita. E se de repente a pessoa ainda não está totalmente preparada ele balança, daí tem que vir um mais velho pra corrigir, concertar a situação. Mas eu acho que nós temos uma renovação muito boa aqui no Brasil, não concordo com aqueles que acham... eu acho que alguns nomes ainda estão rodando, mas eu acho que nós temos uma turma nova chegando. Algumas pessoas estão saindo já de cena, que é uma coisa natural, todo mundo sair, e esta vindo uma turma nova. Eu acho que Dorival, da nova geração é muito bom, eu acho que Mancini da nova geração é muito bom, eu acho que o menino que está na seleção, que era do Coritiba, muito bom, eu acho o que está no Coritiba, o Marcelo, muito bom. Nós temos uma turma boa vindo aí, muito boa. É claro que como tudo você vai pegando experiência, você vai aprendendo. Eu te digo que eu tenho 23 anos e ainda estou aprendendo, ainda estou apanhando de algumas coisas, e quem tem dois, três, quatro, cinco anos ta apanhando muito mais do que eu. Você vai aprendendo com vitórias, você vai aprendendo com derrotas, com situações de sucesso, com situações de insucesso, então você vai aprendendo. Mas eu acho que a renovação é muito importante. Agora as dificuldades são imensas, todo mundo quer ser treinador. Mas não é assim, não é todo mundo que está preparado. Por isso que você vê alguns que começam e ficam perdidos no meio do caminho, não dão seqüência. Alguns dão. Você vê esse Caio Junior da nova geração que ta tendo sucesso. O próprio Cristovão, que é auxiliar do Ricardo ta fazendo um trabalho maravilhoso no Vasco. Então nós temos uma turma boa ai.

**P – Você comentou de várias mudanças no futebol desde a época e que jogava. O que acredita que vai mudar nos próximos anos?**

G – A tendência é a tecnologia cada vez mais estar acoplada ao futebol. O apoio que você tem extra-campo cada vez ser maior. Então, por exemplo, um apoio maior na base da preparação física, da fisiologia, da alimentação, de tudo, cada vez mais. Cada vez mais esse suporte... vai ser cada vez maior. Cabe a ele aproveitar bem isso. Tem alguns clubes que dão mais, tem alguns clubes que dão menos. Tem time no Brasil que ainda está na época que eu jogava quase. Agora tem uns que estão vários anos, vários anos na frente de outros, em termos de estrutura pro profissional. Cabe ao profissional que vai conviver com isso aproveitar. Se você tem em todo time dois, três preparadores físicos, se tem treinador de goleiro, você tem auxiliar técnico, você tem observador de jogos, você tem uma equipe que filma jogo, que

filma treino pra você, você tem um nutricionista, você tem um fisiologista, você tem um departamento médico com tudo. Você termina o treino você tira lactato e você vê quem correu quem não correu, quem ta cansado, quem não esta cansado, quem fez e quem não fez, e na minha época era olhar pro cara e perguntar se você ta cansado ou não está. Era isso ai né? Então, eu acho que hoje esse suporte ele ajuda demais, essa gama de informações. Basta o profissional saber utilizar. E eu acho que a tendência é cada vez ir mais. Com mais qualidade, mais times ter isso. Hoje não são todos os times que tem. Alguns tem mas num nível pequeno. A tendência eu acho é que todos tenham. CT... todo mundo querendo fazer CT. Então hoje todo time tem ai três ou quatro campos. Pra você ver, no Atlético PR tem um CT que tem quatro ou cinco campos e tem dois campos com grama diferente. Pra se um dia você for jogar em outro tipo de grama você treinar em outro tipo de grama. Quer dizer... isso já é um ganho que a gente tem. Filme teu treinamento do alto. Você trabalha com jogador com chip. Então é complicado. Quem não tem... quanto mais informação, menos chance de erro... ou mais chance de acerto você tem. Você acompanha os jogadores você não contrata... ta acabando o contrato por vídeo. Ninguém mais... o vídeo só desperta a atenção. Hoje em dia todo mundo esta mandando ir ver. Ver o jogador... vídeo sim, mas jogo inteiro. Acabou aquela edição... porque no editado todo mundo é bom... no editado todo mundo é bom. Então uma série de jogo inteiro. Você manda acompanhar, fazer a observação quatro ou cinco jogos. Você manda ir ver como é o comportamento desse jogador na cidade dele, como é o extra-campo dele. Hoje em dia você só contrata um jogador problema se você quiser. Porque você tem toda a ficha dele. Você vai em dois, três lugares onde ele trabalhou e levanta o que ele fazia, como era com os vizinhos, como era com a coletividade, onde ele freqüentava. Hoje está cada dia mais difícil você errar. Agora tem time que não te da essa estrutura. Mas a tendência natural é isso, todos os times acompanharem a evolução no futebol nos próximos anos.

**P – Que conselhos o senhor dá para novos treinadores, que estão começando?**

G – Que aprendam né? Que tenham condição de suportar. O treinador tem que ser que nem bambu. O vendaval vem e tomba e levantam. Os que quebram ficam no meio do caminho. Então você tem que... é o que eu digo pros treinadores novos, aprendam... aprendam, não tenham vergonha de copiar coisa boa, não tenham vergonha. Comandem os seus times. Vocês mandem no seu grupo, não deixem ninguém escalar pra você, porque a tua cabeça é que cortam. Se você for ouvir o palpite do outro, na hora de cortar a cabeça não vão cortar a do outro, vão cortar a sua. Então, você pode ouvir todo mundo, mas você decide. Então o cara tem que ser dono do seu time, ele tem que ser a última palavra do time, ele tem que ter comando de grupo... tem que ter comando de grupo. E é o que eu falei... vai aprender, não

tenha vergonha de perguntar, não tenha vergonha de aprender. Não tenha vergonha de tomar decisão... tem que ser corajoso. Arrisca... arrisca. E esteja preparado pra tudo, porque nós somos uma vidraça, e a toda hora, na vidraça, o pessoal tava pedra. Então tem que estar preparado pra profissão. Não pensa que é um mar de rosas não. Eu acho que você leva muito mais trombada do que afago.



## **APÊNDICE D - Transcrição da entrevista com o ex-treinador Antônio Lopes**

---

**P – Professor, o senhor é do Rio de Janeiro...**

AL – Sou.

**P – Na sua infância e adolescência o que o senhor se recorda de sua prática com o futebol?**

AL – Minha prática no futebol é desde de garoto né? Eu nasci no Rio de Janeiro, num bairro portuário lá do Rio. E lógico, eu me lembro bem que com sete anos de idade eu já participava das peladas lá, na Rua Marquês da Sapucaí, que era uma ladeira... aquelas peladas que você fazia o gol com dois tijolos, e quase que diariamente pelada porque a gente ia pra escola e estudava normalmente de manhã e a tarde então era pelada sempre. E comecei bem por ali, por Santo Cristo, um bairro onde eu morava e dali depois com 12 anos eu mudei pra Bom Sucesso, e ai a mesma coisa né? Sempre o futebol de pelada, de rua. E ai em Bom Sucesso já se tinha mais campos pra se jogar do que ali em Santo Cristo. Em Santo Cristo a gente jogava muito na rua. E comecei a jogar em times de várzea, mesmo com 13 anos eu já jogava em time de várzea. E eu jogava relativamente bem e comecei a jogar até no primeiro time. E depois com 16 anos eu fui jogar no Olaria, um time da primeira divisão do Rio de Janeiro... Eu jogando contra o próprio Olaria, contra o próprio infanto-juvenil do Olaria... O treinador lá do Olaria gostou de mim e eu fui jogar no Olaria.

**P – Pelo time da várzea...**

AL – Pelo time da várzea eu joguei contra o Olaria e eles então gostaram de mim, o treinador gostou de mim e me requisitou pra lá e eu fui. Ai eu joguei no Olaria. Isso tudo estudando e jogando né?

**P – A expectativa era ser jogador?**

AL – A expectativa era. Era ser jogador... era ser jogador. Ai joguei, joguei no infanto juvenil, joguei no juvenil. Naquela época o juvenil era o juniores de hoje né? Joguei depois no aspirante também, no profissional. Mas... quando foi 62 eu tava jogando ainda no Olaria, não era titular, e passei pra faculdade de Educação Física. E a Educação era pela parte da manhã, e naquela época só se treinava na parte da manhã, os clubes só treinavam na parte da manhã. Não tinha essa de tempo integral ainda né? E a Educação Física era de manhã também, coincidia com o treinamento, e a frequência era obrigatória né? E reprovava. Então meu pai disse: - Não, não. Fica só com a faculdade, deixa o futebol de lado e faz sua faculdade. Ai comecei a fazer Educação Física. Trabalhando de estudante de manhã, trabalhando a tarde pra

poder sustentar os estudos, apesar de eu ter entrado para a Nacional de Educação Física, não era pago, mas tinha as despesas... livros, custeio todo dos estudos. E comecei a fazer Educação Física, primeiro, segundo, terceiro ano e ai eu entrei pra policia nessa época eu tava... eu entrei pra policia eu estava no segundo ano de Educação Física. Ai como detetive fui fazendo as duas coisas né? Fiquei fazendo policia e Educação Física. Terminei Educação Física e terminei também a técnica de futebol...

**P – Era um curso?**

AL – Era. Era um curso que você tinha que ser primeiro professor pra poder fazer o... fazer o vestibular pra treinador. E ai, tão logo eu terminei o curso de Educação Física e passei pra cursinho também de treinador. Ai me formei, em 64 professor e em 65 em técnico de futebol e ali eu dei uma parada... dei uma parada porque eu era detetive ainda da policia, era inspetor da policia, e digo “bom, eu quero ser delegado também, não quero morrer como detetive”. Ai fiz vestibular pra direito né? Na condição sine qua non...

**P – A sua família apoiava os estudos?**

AL – Apoiava, tranquilo. Fiz o vestibular pra direito em 66, passei e ai comecei a cursar o... trabalhando como policial fui cursando direito também... e o futebol parei um pouco né? Parei um pouco por aquilo que eu queria ser primeiro que era fazer Educação Física, preparador físico pra poder entrar no futebol. Mas eu continuei jogando futebol na segunda divisão né? Continuei jogando segunda divisão, que só treinava uma vez. Eu joguei no Faciti da segunda divisão. Segunda divisão era amadora naquela época, não era profissional. Só treinávamos quinta feira a noite, ganhávamos por jogo, então pra me sustentar também, ai era mais uma graninha e ai foi, foi e foi... em 70 eu terminei direito e ai em 71 eu fiz o concurso pra delegado e passei também. Ai não estava mais trabalhando com futebol, estava só jogando pelada né? Tinha um time lá na policia também. Chegou em 74 eu estava... eu trabalha no DETRAN... eu era delegado no DETRAN e ai apareceu lá o Hélio Vigio que era meu companheiro da policia e era preparador físico do Vasco. Ai ele me convidou... ele foi lá pra resolver um caso, até de um jogador do Vasco, o Andrada, um goleiro que o Vasco tinha... ele me convidou pra ser auxiliar dele, porque ele sabia né? Que eu era formado em Educação Física, e ele era preparador físico no Vasco. O auxiliar dele tinha ido embora, tinha sido demitido... ai eu fui lá e assumi como auxiliar dele e auxiliar do Travalini também que estava de treinador... treinador em 74 do Vasco. Como eu era professor e era técnico diplomado também eles me aproveitaram dos dois lados.

**P – Exercendo as duas funções...**

AL – Auxiliar de preparação física e auxiliar. Ai começou o meu trabalho. Fiquei um tempão como auxiliar, 1980, ai em 1981 eu passei a ser técnico principal no Olaria... Ali começou, no Olaria, ai foi América, depois do América voltei pro Vasco, ai eu fui campeão ali no Vasco, ai começou, dali eu fui embora.

**P – Professor, enquanto era jogador, como encarava os treinos, lidava com os profissionais? Tinha bastante dedicação, pensava mais nos estudos?**

AL – Não. Era as duas coisas né? Porque quando eu tava jogando, tava... fazia o científico na época. Eu nunca deixei os estudos, conciliei sempre. Como eu era infante juvenil, juvenil, eu estudava durante o dia mesmo, eu estava fazendo científico durante o dia mesmo, treinava sempre na parte da tarde e estudava de manha. Os treinos das categorias de base lá naquela época eram somente na parte da tarde. E depois quando eu passei pro profissional, ai sim eu tive que passar a estudar a noite. Foi em 60 que eu passei pro profissional. Aspirante, profissional, ai no último ano do científico eu fiz a noite justamente pra poder conciliar ali os trabalhos todos. Ai eu fui sempre conciliando né?

**P – Qual posição o professor jogava?**

AL – Centroavante, atacante.

**P – Sempre centroavante?**

AL – É. Joguei um pouco de ponta direita também, mas foi primeiro centroavante.

**P – E porque escolheu Educação Física? Porque já estava no esporte?**

AL – Escolhi Educação Física porque estava no esporte. Nunca pensava em ser professor de Educação Física. Eu só tomei conhecimento perto. O que eu queria fazer era odontologia, quando eu estava terminando o científico. Eu queria fazer odontologia. Eu não sabia nem que tinha faculdade de Educação Física naquela época. Até todo mundo tinha uma noção errada, porque achavam que Educação Física... inclusive meu próprio pai, meu falecido pai, ele achava que não era faculdade, que não era nível superior. Só tínhamos uma escola no Rio de Janeiro. Foi a primeira... foi a primeira. Vinha gente de tudo... vinha gente de tudo quanto era estado do Brasil pra lá e era América do Sul. Na minha turma tinha peruano, tinha chileno... depois é que foi se expandindo a Educação Física.

**P – O direito foi por causa da policia mesmo?**

AL – O direito foi por causa da policia.

**P – E o curso para treinadores que o professor fez, lembra o que abordava?**

AL – O curso abordava tudo né? O nosso... o nosso professor era o professor Ernesto Santos, que tinha sido observador técnico tático da seleção campeã do mundo de 58 e 62 né? Então ele era um catedrático, da cadeira de futebol. Já naquela época esse negócio de bater os

escanteios com perna trocada... eu lembro muito bem que ele fazia isso. Tranquilo... ele dava história do futebol, dava muita história do futebol, de como começou os sistemas de futebol, era o WM, o 4-3-3, 4-4-2, ele dava tudo... falava muito. Daí o início do futebol, ele falava... era mais isso aí. Tinha muita aula prática também que ele dava. Eu lembro que na época ele mandava a gente ver jogo também, fazer relatório sobre jogos, mandava ver treinamentos nos clubes... era assim.

**P – E como delegado, o senhor gostava da profissão?**

AL – Sempre gostei. Eu nunca pensei em ser policial também, sempre pensei em ser técnico de futebol. Primeiro preparador físico depois técnico. Mas eu entrei como preparador físico, mas o meu negócio era ser treinador mesmo. Entrei como preparador físico porque eu senti que ali era uma maneira de eu entrar para o futebol. Naquela época era muito difícil, não era como é hoje, que você entra com a maior facilidade pra um time. Naquela época era muito difícil porque ficava na mão ali de... Porque você também não tinha o campo que se tem hoje. Hoje você tem o mercado todo do futebol brasileiro. Na época era só o nos estados. Então era só ali no Rio de Janeiro, o pessoal de São Paulo era só ali em São Paulo. Não tinha esse intercâmbio. Então era difícil porque tinha aqueles treinadores que trabalhavam... faziam rodízio nos times grandes, nos times pequenos. Uma meia dúzia de treinadores. Aí eu aproveitei pra entrar no bolo ali, apareceu a oportunidade pra entrar, pra ser preparador físico. Fui né?

**P – O seu desejo era ser preparador físico ou já pensava em ser treinador?**

AL – A meta principal era ser treinador mesmo. Eu entrei como preparador físico porque eu era formado em Educação Física e apareceu a oportunidade pra eu entrar no mercado.

**P – Foi preparador físico da seleção brasileira também...**

AL – Fui, fui. Em 79, inclusive fui como auxiliar do Travalini. Foi ele quem me levou. Eu fui fazendo as duas coisas na seleção. Como preparador físico e auxiliar, como fazia no Vasco. Preparador físico, não tinha outro preparador físico e também não tinha outro auxiliar. Eu e ele só.

**P – Depois disso ficou um tempo afastado do futebol?**

AL – Fiquei. Fiquei de 79 a... eu fui mandado embora do Vasco, depois que eu voltei da seleção. Era o Froner o treinador lá do Vasco. O Vasco estava muito mal. Eu cheguei em uma segunda feira, aí o time perdeu no sábado. Perdeu pra um time pequeno, o Vasco perdeu. Aí no domingo fomos chamados lá e foi mandado todo mundo embora. Ainda o Froner falou com o presidente. O Lopes não, ele voltou essa semana. Aí ele disse não, vai todo mundo. Aí eu estava na delegacia quando eu fui chamado pelo Carlos Imperial pra assumir o Olaria.

**P – No início de sua atuação como treinador teve dificuldades?**

AL – É. Foi difícil. Foi difícil porque por exemplo, naquela época não tinha muitos trabalhos acerca de treinamentos. Treinamentos técnicos e treinamentos táticos né? Mil novecentos e oitenta mil novecentos e oitenta e um era muito difícil você encontrar bibliografias, livros com treinamentos técnicos, táticos. Ninguém dava. A gente ia nos clubes olhar os treinadores trabalhando... os treinamentos técnicos era só chute a gol, cruzamentos pra nego chegar e bater. Era só... não tinha ai esses trabalhos como tem hoje, esses trabalhos dinâmicos, treinamento técnico... treinamento tático ninguém dava, treinador nenhum dava. Então muita falta de material que você pudesse se espelhar. Então eu encontrei muita dificuldade por causa disso. Eu lembro que pra não repetir os exercícios técnicos, todos que eu tinha, pra não encher o saco do jogador, fiz Educação Física comigo um rapaz que era do basquete, ele tinha sido jogador de basquete e depois ele fez técnica de basquete também... eu conversando com ele, ele disse pra mim depois que eu falei pra ele, estou com dificuldade nos exercícios técnicos pra ministrar pros jogadores, eu encho o saco de jogador repetindo sempre, então o basquete é meio parecido com futebol. Vários exercícios técnicos que eu aplico no basquete, vamos sentar e vamos conversar pra ver se você faz a adaptação. Então eu criei um monte de exercícios técnicos assim. Depois eu fui trabalhar na seleção do Kuwait e íamos pra muitos campos fora, muitos períodos de treinamento fora. Ai eu comecei a comprar livros lá na Europa. Eu lembro que na Inglaterra eu comprei muitos livros, livros de parte técnica e parte tática. Ai comecei dali a desenvolver esse trabalho. Eu tive muita dificuldade na época. Não é como hoje que todo mundo... todas as comissões técnicas trabalham bem, tanto na parte técnica como na parte tática. Todo mundo copia. Apesar que a parte tática é difícil você copiar, mas a parte técnica é mole você copiar, então... é muito mais fácil.

**P – E o curso de Educação Física especificamente, ajudou na atuação como treinador?**

AL – Ajudou. Ajudou porque eu acho que o treinador ele é o comandante da comissão técnica, então o treinador tem que conhecer de preparação física, tem que conhecer de gestor, hoje essa posição que eu estou. Acho que o gestor tem que conhecer de tudo, de preparação física, preparação técnica e tática, treinamento de goleiro e etc, pra você cobrar. O gestor tem que fazer essa cobrança em cima dos componentes da comissão técnica. Se você não souber, não tiver feito cursos você não consegue. E o treinador é a mesma coisa, ele tem que ter noções, tem que saber, pra poder cobrar do preparador físico ele tem que saber. Outro dia mesmo a gente recebeu um técnico de uma categoria e a gente estava falando isso. Ele disse que a parte física precisava mais, mais a parte intervalada que vai me beneficiar. Quer dizer, o treinador tem que ter noção das coisas, da preparação física, pra ele poder cobrar e pedir ao

preparador físico, olha, quero que você faça esse trabalho aqui porque dessa forma vai me ajudar, vai me beneficiar nesse trabalho técnico tático.

**P – O professor também fez administração?**

AL – Fiz. Mas eu tranquei a matrícula, porque eu estava já... eu já era professor de Educação Física, já tinha terminado o curso de Educação Física, já tinha terminado o curso de Direito, aí eu pensei, comecei o curso mas não vai adiantar nada porque eu vou trabalhar com futebol, tenho a polícia, então o que vai me adiantar? Vou ficar com três ocupações... e ao mesmo tempo eu tinha, na época que eu tranquei a matrícula de administração, eu tinha que fazer o curso de comissário de um ano, que era mais interessante pra mim. Então eu fiz dois... no segundo ano eu tranquei a matrícula.

**P – Como treinador o senhor sente falta de algum tipo de formação? Curso específico?**

AL – Eu acho que não. O que eu acho que eu poderia ter feito, mas que na época ainda não existia essa ferramenta era o curso de gestão desportiva, que eu fui fazer agora quando eu resolvi encerrar a minha carreira de treinador e querer começar a carreira de gestor. Aí eu levei o ano passado todo fazendo cursinhos pensando em... fiz um muito bom de três meses lá no Rio de Janeiro, no Instituto de Aproveitamento Jurídico, o que acabou me ajudando muito. Eu acho que o treinador ele tem que ter conhecimento também de gestão desportiva. Vai ajuda-lo no desempenho da função.

**P – Professor, existem muitos ex-jogadores que atuam como treinadores sem nenhuma formação específica. Você acredita que somente ter experiência como jogador é suficiente?**

AL – Não, não. Não é suficiente não. Eu acho que isso é uma maneira errada de proceder não só dos dirigentes que contratam ex-jogadores pra assumir a direção técnica de um time, de um time profissional, de um time aí de tradição, grandes times, foi caso até de seleção, e acabou não dando resultados essas situações que foram feitas. Então eu sou totalmente contra. Eu acho que eles tem que se formar, se diplomar em técnica, fazer curso de professor também de Educação Física. As coisas não podem ser colocadas assim direto né? É uma usurpação de função também. Isso prejudica aquele profissional que está ali lutando também por uma vaga no mercado. O profissional que fez faculdade, fez faculdade de Educação Física, fez faculdade superior de treinador. Então prejudica. Mas tudo bem, porque está todo mundo querendo amparar o ex-jogador, etc. Tudo bem, vamos dar a oportunidade a ele, mas primeiro eles assumirem o compromisso de que tem que fazer o curso superior de Educação Física, de técnico de futebol. E depois que colocar esses ex-jogadores pra trabalhar como técnicos diplomados nas categorias de base primeiro. Vai começar lá na base... lá na base, trabalhando

lá, pra depois sim eles... Eu me lembro muito bem quando eu estava lá no Olaria, o Vanderlei Luxemburgo ele foi lá, pra jogar no Olaria, ele era do Botafogo, ele tinha o passe no Botafogo. Ai ele foi pra lá no Olaria e eu queria. Mas ele vinha de uma cirurgia de joelho, e ai meu preparador físico disse assim: eu vou recuperar ele pra você e tal. Em termos de jogador ele era um bom jogador, tinha jogado no Flamengo, tinha jogado no Internacional, ai eu aceitei logo. Mas ai o preparador físico não conseguiu recuperar. Joelho dele inchado, colocava ele no coletivo pra trabalhar com bola o joelho dele inchava. Ai ele disse: eu quero ficar contigo ai, eu quero ser treinador também. Eu perguntei a ele na época: Luxemburgo, você vai ter que se formar em Educação Física, você vai levar vantagem sobre quem não jogou bola, se você que é ex-atleta fizer um curso de Educação Física e técnica de futebol você vai levar muita vantagem e se tornar um bom treinador. Ai ele: Ah, tá legal! Ele fez concurso lá pra Castelo Branco, se formou professor de Educação Física, técnica de futebol. Ai ficou estagiando comigo, estagiou lá. Depois quando eu fui pro América eu já levei ele como auxiliar. Arrumei já um contrato pra ele. Ai foi pro América e ele já fazendo a faculdade lá dentro. Levei ele pro América comigo, depois levei ele pro Vasco, depois arrumei pra ele ser técnico do Campo Grande ai ele foi embora. Isso que tem que ser feito com os ex-jogadores. O que eu fiz com o Vanderlei é o que tem que ser feito com os ex-jogadores. Por isso ta o Vanderlei ai, é esse técnico que é ai.

**P – Por outro lado, apenas a formação em Educação Física você acredita que é suficiente?**

AL – Não. Eu acho que quem quer ser técnico de futebol... se quiser ser só preparador físico ai é suficiente. Agora se ele quer ser técnico de futebol eu acho que não, eu acho que ele tem que ser professor e é aquilo que eu digo, é bom pra ele, agora tem que se diplomar também como técnico e ai vai ser bom pra ele também. O treinador tem que ter conhecimento de partes física também, tem que ter conhecimento da parte de preparação de goleiros pra poder cobrar dos seus auxiliares.

**P – E também participar de estágios?**

AL – Também.

**P – O senhor dirigiu o Kuwait e a Costa do Marfim?**

AL – A Costa do Marfim... a Costa do Marfim eu não fui técnico. Eu fui consultor técnico. Eles vieram pro Brasil e ai me contrataram, contrataram até uma comissão técnica brasileira toda. Veio eu o preparador físico, supervisor. Então nós fomos contratados pra dar um período de treinamento pra eles. Eles vieram se preparar no Brasil pra poder ir disputar uma Copa Africana. Então a comissão técnica toda ministrou o trabalho todo e a comissão técnica deles

ficava só olhando a preparação. Ai quando terminou esse período de preparação eles me levaram pra eu ir pra essa Copa Africana. Foi até em Marrocos. E eu fui ali com consultor técnico. Falava tudo pro treinador, nas preleções dele. No intervalo do jogo eu ia lá no vestiário e tal. Mas não fui treinador, só fui treinador aqui no Rio de Janeiro. No rio de Janeiro que preparamos a equipe pra eles.

**P – Trabalhar com outras culturas foi difícil?**

AL – Foi difícil, principalmente com a cultura oriental. Porque eu quando fui pro Kuwait eu nunca tinha saído do país pra trabalhar fora, em outro país. Depois um país daquele, muçulmano, um país onde os caras são muito fanáticos pela religião, os costumes também totalmente diferentes do nosso, a língua também totalmente diferente, então foi difícil, foi difícil sim. Até se adaptar aquilo ali foi bastante difícil.

**P – A relação com os jogadores também?**

AL – Os jogadores também. Porque naquela época... hoje o jogador árabe está mais instruído, hoje já tem uma cultura maior do que tinha naquela época. Eles não sabiam nem falar o inglês. Não sabiam nem falar o inglês. Então a gente tinha que ter um tradutor, tinha que ter um interprete que falasse direto do português pro árabe, então não adiantava nem o inglês você passar pra eles que a maioria não entendia, Quase que a totalidade não entendia. Mas ai você quebrava o galho com o interprete né? Todas as vezes que eu trabalhei lá eu tinha um interprete pra isso.

**P – O professor também trabalhou nos Emirados Árabes, Portugal, Arábia Saudita e Paraguai. O que o senhor acredita que diferencia os treinadores brasileiros dos treinadores desses outros países?**

AL – Eu acho que o trabalho é diferente do trabalho do treinador brasileiro. Acho que o trabalho do treinador brasileiro é mais eficiente do que o trabalho do treinador estrangeiro. Assim como o trabalho do preparador físico também. Eu acho que os brasileiros são os melhores preparadores físicos do mundo. Então eu acho isso porque o treinador brasileiro está mais acostumado a tirar leite de pedra. Quer dizer, ele não tem condições de montar grandes equipes por causa da parte financeira. Hoje em dia já melhorou um pouquinho pra equipes tops, e a situação financeira do país está muito melhor que antigamente. Mas então a diferença é essa. O treinador brasileiro ele sabe como formar um time, tirar leite de pedra, pegar um time com jogadores que não são astros, não são jogadores tops, etc. Então os treinadores brasileiros sabem fazer isso melhor que os treinadores... principalmente os treinadores europeus, onde lá na Europa se pratica um futebol melhor que África e Ásia. Então eu acho que a diferença é essa. O brasileiro sabe trabalhar, sabe formar uma equipe, sabe criar uma



equipe e eles não sabem como a gente. O que eles sabem? Eles sabem pegar jogador... por exemplo o Mourinho. Todo mundo fala que o Mourinho é um treinador espetacular. É um bom treinador. Mas eu quero ver ele aqui, pegar um time aí que não tenha... porque ele tem sempre, pra onde ele vai, ele tem sempre uma seleção internacional nas mãos. Veja todos os jogadores que passam pelas mãos dele... dele e de outros treinadores também como do Barcelona, como o treinador do Chelsea, treinador do... tudo jogadores já consagrados, tudo grandes jogadores que são de outros países e são jogadores tops. Então fica mais fácil pra eles trabalharem. Agora o brasileiro não. O brasileiro sabe logicamente trabalhar com craques e sabem também trabalhar sem craques pra formar um grande time, com a formação de garotos, lançando os jogadores da base, ali formando o garoto um grande jogador. Eles não sabem fazer isso, eles não sabem fazer isso. Então a diferença é essa. Eu acho que o treinador brasileiro sabe fazer isso, via de regra né? Tem as exceções também. Tem muitos que só gostam de trabalhar com astro também. Mas eu acho que é isso aí a grande diferença do treinador brasileiro pros outros. Logicamente os treinadores brasileiros trabalham bem sem o craque. Porque às vezes é até forçado mesmo porque tem clubes que não podem né... agora está podendo o Corinthians, que está muito bem, está em uma situação financeira muito boa, São Paulo aí... esses podem fazer isso. Mas a maioria não pode, então o treinador tem que formar o time, garimpar lá a gurizada, fazer lá aquela transição do garoto do sub 20 pro time de cima. Acho que essa é a grande diferença.

**P – Você foi um dos dois únicos treinadores que conquistaram o Campeonato Brasileiro nos dois formatos, de mata-mata e de pontos corridos, em 1997 com o Vasco e em 2005 com o Corinthians, inclusive o outro foi o Luxemburgo. Pode comentar como foi o seu trabalho nesses dois clubes?**

AL – Eu acho que no mata-mata é mais perigoso do que o pontos corridos. Porque o mata-mata não te dá a oportunidade pra você se recuperar. Você pode ser melhor, seu time pode ser até melhor, mas em uma infelicidade, em um jogo... você vai mal em um jogo e perde ali o campeonato. Agora o pontos corridos dá tempo pra você se recuperar. Dá tempo, você perde aí, atravessa uma fase ruim e depois consegue se recuperar, e o mata-mata não. O mata-mata você foi mal em um jogo você está arriscado a perder a decisão. Então eu acho que essa é a grande diferença aí, você saber trabalhar no mata-mata, você jogar com o regulamento em baixo do braço. Ver o regulamento, atuar em conformidade com o regulamento, saber isso. Saber quando você tem que ir pra cima, quando você não tem. Se o regulamento vai te proteger ou não pra você poder jogar dessa forma. E o brasileiro por pontos corridos não. Já é diferente. Dá tempo de você se recuperar. Você pode ir até mal em um determinado período

do campeonato e se tornar campeão porque da pra você se recuperar. Agora o outro não. O outro... igual a Copa do Brasil. Foi mal em um jogo, tá fora.

**P – E a preparação dos jogadores?**

AL – Agora tem essa do mata-mata que dá a oportunidade até pra uma equipe que não é tão competitiva de repente quanto a outro que ele vai enfrentar, a outra pode ser até melhor, e ele classificar e o outro não. Nem sempre no mata-mata ganha o melhor, o mais competente. Agora no brasileiro por pontos corridos aquele que é melhor normalmente, tem a exceção também, mas normalmente ganha o campeonato. Essa é a diferença.

**P – Também foi campeão mundial com a seleção em 2002 como diretor técnico?**

AL – Eu estava nessa função que eu estou agora.

**P – Foi a primeira vez que atuou nessa função?**

AL – Foi a primeira vez que atuei na função de gestor. Naquela época existia... tava iniciando ai a função de gestor, eram pouquíssimos mas ai já fiz esse papel.

**P – E como foi?**

AL – Lá foi bem porque eu tive cuidado de trabalhar com o Felipe. E o Felipe facilitou porque ele é um treinador que sabe trabalhar em equipe. Não é aquele cara que acha que o treinador tem que fazer tudo, que é só com ele e etc. Então isso facilitou muito. Houve um entrosamento muito grande da comissão técnica. Eu acho que isso foi a grande virtude da nossa comissão. A nossa comissão tem percentual muito grande na conquista do título. Normalmente são os jogadores que ganham ai. Mas eu acho que essa comissão técnica pelo fato de ter entrosado bem, todo mundo sem nenhuma vaidade, sem nenhum problema que pudesse... problema de vaidade que pudesse atrapalhar o trabalho. Estava todo mundo com bastante afinidade. Então isso fez com que o Brasil ganhasse o campeonato. Ganhasse e ganhasse bem. Eu acho que foi tudo um produto que nós conseguimos transformar ali a comissão técnica em uma irmandade grande. Todo mundo entendendo todo mundo. Todo mundo colaborando. Todos nós sendo ouvidos, principalmente esses três, eu, Murtosa e Felipe que éramos os responsáveis por toda a parte técnica e tática. Eles executando mais dentro de campo e eu mais na consultoria, dialogando, mais no planejamento, planejando... foi isso ai.

**P – Professor, como treinador, faltou conquistar algo?**

AL – Eu gostaria de ter ganho o campeonato mundial de clubes, o mundialito. Isso ai foi uma ofuscação muito grande porque nós tínhamos tudo pra ganhar, inclusive dentro da própria disputa final com o Real Madri. Nós demos um vareio de bola no Real Madri. O Real Madri estava morto no jogo. Eu sei porque no Real Madri estava jogando Roberto Carlos, e depois

do jogo ele veio falar comigo. Disse que não sabia como eles tinham ganho. Então nós tivemos tudo pra ganhar, fizemos uma partida boa. O time perdeu uns gols lá que não podia perder e acabamos tomando um gol. Foi muita sorte, o Roberto Carlos deu uma porrada, a bola ia sair lá na bandeirinha de corner, bateu na asa e entrou. E no finalzinho lá eles fizeram... estava um a um e eles fizeram um gol, que nós tomamos por bobeira nossa lá atrás. Nós tínhamos tudo pra ganhar. Então essa que é a única coisa que eu queria ter ganho e não consegui.

**P – Professor, hoje, quais são as principais dificuldade que você vê na profissão de treinador?**

AL – As principais dificuldades?

**P – Isso.**

AL – Acho que a dificuldade que o treinador enfrenta mais é quando ele trabalha em um clube que não ofereça as boas condições de trabalho. Um clube que não esteja bem estruturado. Como é o caso nosso aqui, que o clube tem uma das melhores estruturas do futebol brasileiro, o Atlético né? Então acho que a dificuldade é essa. Quando ele não tem boas condições pra trabalhar... tem ai ainda. Nós temos clubes no Brasil como o Atlético do Paraná, o Atlético de Minas, o próprio Cruzeiro, Inter, Grêmio, São Paulo, esses já estão com boas estruturas pra oferecer boas condições de trabalho. Agora o restante ai não tem, não oferece boas condições de trabalho, e isso dificulta bastante. O próprio nome está dizendo ai, dificulta bastante para o treinador. Então eu acho que essa é a maior dificuldade pro treinador quando pega um time que não tem uma estrutura boa, não oferece boas condições de trabalho... é ruim para o treinador.

**P – Enquanto treinador, já pensava em atuar na função de Gerente de Futebol?**

AL – Já pensava ai... desde 2011 eu já estava pensando quando o cargo ai de Gestor de Futebol começou a evoluir, aparecer mais, ai despertou a atenção porque também já achava que... não que acho... eu acho que eu poderia ter trabalhado mais como treinador. Mas ai o problema do preconceito contra a idade que existe muito no Brasil não só no futebol, mas principalmente no futebol... muito. Eu mesmo me achando em uma condição física boa para trabalhar como treinador, e uma condição mental boa, eu senti que já estava me prejudicando muito isso, este preconceito dentro do exercício da profissão, ai comecei a pensar na gerência de futebol.

**P – E como foi essa transição de treinador para gerente?**

AL – O que?

**P – Como aconteceu?**

AL – Aconteceu normal. Chegou em 2011 quando terminou o ano, aí eu digo: bom, vou me preparar 2012 para essa função. Eu acho que eu tenho condições de ser um bom gerente de futebol, um bom gestor. Eu tenho... eu fui treinador aí por muito tempo, e o gestor tem que ter conhecimento de parte técnica, parte tática, parte de preparação física, parte de preparador de goleiro, porque gestor tem que cobrar. Eu vejo que a maioria não cobra, não entra, não envereda por esse caminho. Então eu senti que tinha boas condições pra isso. Eu acho que outra coisa que precisa é o gestor ter conhecimento da parte jurídica também, ele está muito com os contratos, ele está muito com... logicamente com os contratos você tem que ter noção de CLT, você tem que ter conhecimento da lei Pelé. Então eu acho que eu seria bom também porque sou formado em Direito e tenho um conhecimento disso, facilidade. Outra coisa também é problema de comando. Você comandar todos os seus técnicos, comandar também os jogadores, você tem que ficar com a parte de relacionamento com jogadores pra tratar também da parte disciplinar de jogador. Então eu acho que eu tinha muitos atributos que poderiam me levar, que eu acho que, tenho certeza que vou ser um bom gestor, como acho que já estou sendo. Então eu procurei em 2012 me preparar nesse sentido e mais algumas coisas que... eu passei a frequentar determinados eventos aí desde gestão esportiva que eu queria aprender mais diretamente. Esse curso de três meses que eu fiz lá no Rio foi muito bom. Até um curso ministrado pela maioria dos professores do Botafogo, que o presidente lá está fazendo uma gestão muito boa, comecei a ter conhecimento de tudo, conhecimento também de marketing que eu não tinha, então esse curso me deu, que eu acho que também é importante para o gestor, você ter conhecimento do marketing. Porque é outro departamento, não é o departamento de futebol, mas é o departamento que mais trabalha interligado com o departamento de futebol, com o gestor de futebol. Então é isso, quando eu senti que tinha condições eu preparei e agora dei sorte do presidente Petraglia me convidar para trabalhar aqui nessa função.

**P – Professor, pra terminar, quais ainda são suas pretensões no futebol?**

AL – Minha pretensão agora é essa. Fazer um grande trabalho como gestor e me tornar um dos melhores gestores do futebol brasileiro.